

Igreja avança para o tal canal

EDITORIAL

Uma estória de amor (com alguma hipocrisia dentro)

Lenta, muito lenta, foi a condução pelo PSD do processo de abertura da televisão ao sector privado. Tornou-se evidente que o «dossier» televisão ficaria para o final desta segunda era Cavaco Silva. Entretanto, o partido do Governo usufrui as benesses de um monopólio público assaz governamentalizado. Os «liberais» portugueses são assim: apreciam imenso a iniciativa privada, mas preferem controlar o Estado como se de uma quinta de família se tratasse... De tanto adiar, o PSD atrasou-se, recebeu novas delongas, caso o Presidente enviasse a lei ao Tribunal Constitucional, e ponderou que mais valia desagradar à Igreja do que correr o risco de perder a «pilotagem» da concessão dos futuros canais de televisão, num próximo mandato parlamentar.

A história do canal da Igreja é uma narrativa amorosa de natureza pré-eleitoral, iniciada por Francisco Sá Carneiro. Sucessivas declarações de amor, acompanhadas de promessas de noivado com dote televisivo, sucederam-se ao longo da década de 80. A consagração legal desta união de facto é que tardou. E chegou-se, agora, a um quase rompimento: com a Igreja a reclamar aquilo que lhe foi prometido, e o PSD confiante na possibilidade de outras compromissos, a encontrar no futuro. É certo que o destino do projecto de televisão da Igreja é, neste momento, imponderável, até porque Deus escreve direito por linhas tortas...

Essas linhas tortas acabarão por ir dar à televisão de São Crespito - um cristão ousado que já viu mesmo um teledisco de Madona e ameaça visionar mais (veja-se a entrevista que concedeu hoje ao «DL»)? É possível, mas, para já, a situação do PSD não é cómoda. Este recuo, depois de tanta promessa pré-eleitoral, poderá ser interpretado como hipocrisia, mas a Igreja tem uma longa sabedoria em comportamentos dúplices. Não se vai, certamente, inquietar demasiado - e pondera já a sua estratégia de alianças com o sector privado. Afinal, a admirável distinção entre católico praticante e não praticante já contém os ingredientes suficientes para compreender a realidade portuguesa, falsificar as estatísticas religiosas e, também, ajuda, por vezes, a ganhar eleições.

Mário Mesquita

PSD e PS viabilizam a TV privada

Sociais-democratas, socialistas, renovadores e os Verdes vão viabilizar, no Parlamento, a televisão privada. Tudo indica que o PCP se abstenha e não tome posição idêntica ao CDS, que diz «não» ao diploma. Entretanto, a Rádio Renascença prepara-se para concorrer a um dos dois canais a licenciar. Magalhães Crespo disse ao «DL» ter um projecto de «inspiração cristã» e associados com os meios financeiros necessários. Só para instalar os emissores serão precisas grandes verbas, da ordem dos nove milhões de contos. **Págs. 2, 3 e 4**



Magalhães Crespo ao DL

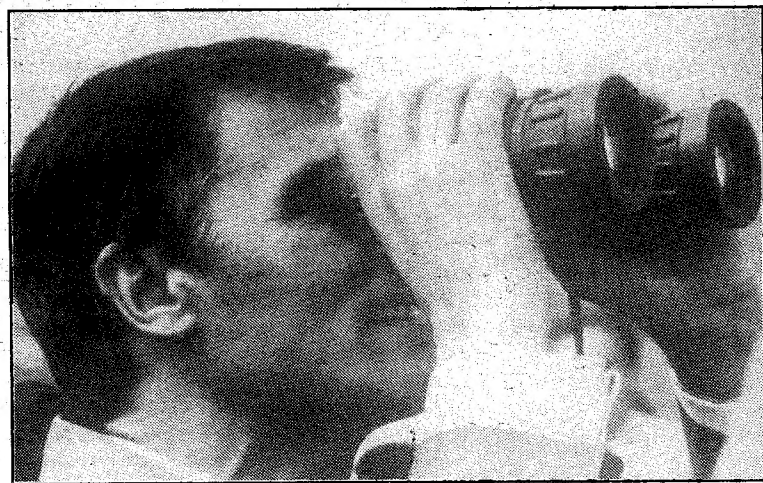
A Alta Autoridade não é necessária



Medo na serra O grande incêndio que já devastou cerca de oito mil hectares de floresta, em Pampilhosa da Serra, foi esta manhã considerado sob controlo. Dezenas de corporações de bombeiros, auxiliadas por homens do Exército e da Força Aérea, prosseguem, na Região Centro, o combate às chamas que espalharam o medo naquela zona. **Pág. 13**

Planos secretos

Cavaco prepara cerco a Sampaio



Vários ministérios preparam para o Verão medidas fortes para anunciar. A ideia é apanhar os socialistas de férias e garantir a iniciativa. E para já, para já, o Governo vai pondo entraves à Câmara de Lisboa. Para reforçar a tese de que «quem não consegue ser bom presidente de Câmara não pode aspirar a ser primeiro-ministro». Como o segredo é a alma do negócio, nem os deputados sabem das novidades. De seguro, apenas que haverá benefícios sociais conjugados com medidas de alguma impopularidade, para não acusarem o Governo de eleitoralista. **Págs. 5 e 6**



Entrevista com Costa Braz
Pág. 7

América Latina não quer perder comboio europeu
Pág. 10

Itália retoca imagem junto da CEE
Pág. 10

5 mil albaneses abandonam o País
Pág. 11

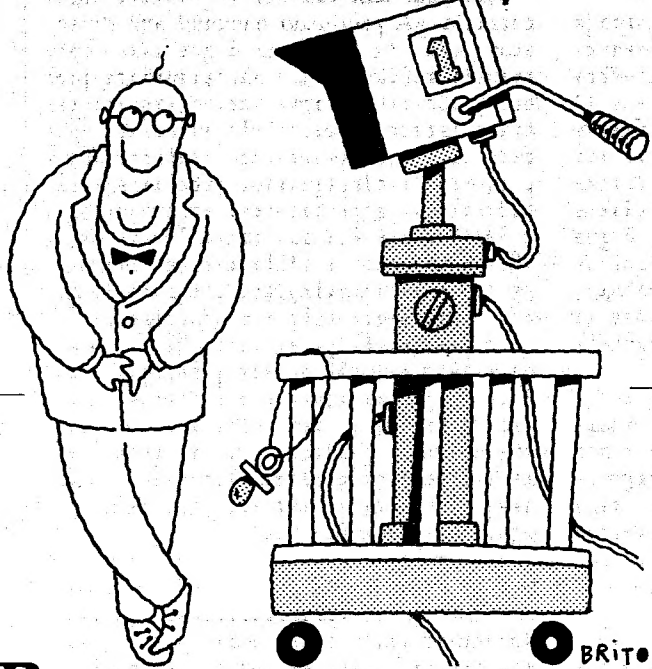
Nicarágua à espera do diálogo
Pág. 11

Suplemento Literário



PORTE PAGO

A Lei da Televisão deverá ser votada hoje na Assembleia da República. Os socialistas vão dizer «sim», face às alterações acordadas na comissão de especialidade. A crispação na bancada social-democrata pela quebra das promessas feitas à Igreja foi silenciada mas não esquecida



Promessas leva-as o vento

A atribuição de um canal à Igreja Católica quase faz parte da história do PSD. Sá Carneiro lançou a promessa, em véspera das eleições de Outubro de 1980. E o exemplo teve seguidores dentro do PSD.

A 31 de Dezembro de 1980 o secretário de Estado da Comunicação Social, Sousa Brito, referia em despacho ser «positivo para os interesses do País a instalação, pelo Patriarcado de Lisboa, de um canal autónomo de televisão».

A 24 de Dezembro de 1981 um despacho de Pinto Balsemão, na altura primeiro-ministro, considerava não haver «impedimento constitucional ao pedido do Patriarcado» e pedia à Igreja a indicação da pessoa de direito eclesiástico «que assumirá a titularidade ou a concessão em causa».

A 21 de Janeiro de 1982 o Conselho de Ministros decidia: «Poderá ser atribuído à Igreja Católica um canal de radiotelevisão, em termos a regulamentar por decreto-lei e de acordo com o presente diploma, excepto na parte incompatível com as finalidades e a autonomia próprias daquela entidade.» De acordo com o mesmo diploma os órgãos de comunicação social do Estado seriam limitados a «um canal nacional de televisão, um de rádio, uma agência noticiosa e um jornal diário».

A 19 de Novembro de 1985 foi aprovada em Conselho de Ministros a Lei 75/90. Refere: «Poderá ser atribuído à Igreja um canal de radiotelevisão, em termos a definir por decreto-lei e de acordo com o presente diploma, excepto na parte incompatível com as finalidades e autonomia próprias daquela entidade.» A lei está assinada por Cavaco Silva e Fernando Nogueira.

A 26 de Agosto de 1987 o actual programa do PSD era aprovado no Parlamento. Refere: «Sabe esta Assembleia e sabe o povo português que o Governo defende que a Igreja Católica deve ser preferenciada no processo de abertura da televisão a novos operadores (...) trata-se do reconhecimento de uma realidade tão evidente e notória em termos morais, culturais, históricos e civilizacionais, que tal preferência não é, nem pode ser considerada uma benesse do Estado.»

Em Fevereiro de 1990 o primeiro-ministro anunciava a nova lei de radiodifusão. Prevê «um período de emissão especial» para a Igreja, num dos canais a licenciar.

A 3 de Março de 1990, em Lagos, oitenta deputados do PSD subscrevem uma recomendação sobre concessão de exploração televisiva à Igreja Católica. Refere: «O grupo parlamentar do partido assumirá em pleno o cumprimento da promessa eleitoral veiculada aquando do sufrágio de Julho de 1987, ao qual a sua legitimidade eleitoral está veiculada.»

Televisão privada: PSD e PS de acordo

GRANDE ANGULAR

Cavaco Silva prometeu e cumpriu. A Lei da Televisão é aprovada antes das férias parlamentares, a iniciar amanhã. O Partido Socialista junta-se à maioria no «sim» ao novo pilar do edifício legal do audiovisual português, que abre as portas à iniciativa privada. O PRD e os Verdes também dão o aval à lei, enquanto o PCP tende para a abstenção. O CDS vota contra. A bancada do PSD, essa, comporta-se como manda o figurino, após uma «guerra santa» de bastidores. Porém, um eco de vozes social-democratas dissonantes com a política do Executivo para a comunicação social paira nos corredores de São Bento.

O líder do PSD veio ontem à Assembleia da República acalmar a crispação dos que se bateram pela TV da Igreja e acabaram por ver o papel dos católicos reduzido a um mero espaço nas duas horas diárias concedidas no Canal 2 às confissões religiosas. Mas já antes o «rebanho» social-democrata sabia o desejo de Cavaco: quer a Lei aprovada sem mais polémica, como a que levou à demissão de deputado Nuno Delarue da Comissão da Televisão.

«A lei foi muito melhorada

e as alterações introduzidas foram substanciais», disse ao «DL» o deputado socialista Arons de Carvalho. Motivos que levam o PS a votá-la favoravelmente e o PCP a vacilar entre a recusa e a abstenção. O CDS entende, pelo contrário, ser «lamentável» a última posição do Executivo em negar um canal à Igreja. É fácil adivinhar o «Não!» dos centristas ao diploma.

A supressão do artigo 9º da proposta de lei que subirá ao hemiciclo - «O regulamento (...) poderá fixar, num dos canais a licenciar, um período de emissão especial, destinado à Igreja Católica...» - foi pois o mote para as tomadas de posição nos diferentes partidos. A oposição tem razões para bater palmas duplamente. Por um lado, o Governo quebrou promessas e defraudou as expectativas da hierarquia católica, por outro, foi ao encontro do que sempre defenderam socialistas e comunistas.

Montalvão Machado, líder da bancada social-democrata, avançou ao «DL» a explicação oficial para a viragem brusca do Governo: «Fomos até ao limite das cedências possíveis porque levantava-se o problema da

inconstitucionalidade.» O risco de manter o artigo 9º era, segundo fontes parlamentares, o de a Lei da Televisão poder vir a ser vetada pelo Presidente da República ou o de Mário Soares pedir a apreciação do Tribunal Constitucional. A acontecer isto arrastaria penosamente o processo de abertura da televisão aos privados. «Ao Governo convém ter atribuído os dois canais privados até às legislativas para tirar daí os dividendos inerentes...», assegurou um deputado social-democrata.

Dois meses para mostrarem o que valem

«A actividade de televisão pode ser exercida por operadores públicos e privados, nos termos da Constituição e da presente lei.» É este artigo, o 3º da Lei da Televisão (diploma a que tivemos acesso), a chave para a iniciativa privada entrar no mais apetecido dos media.

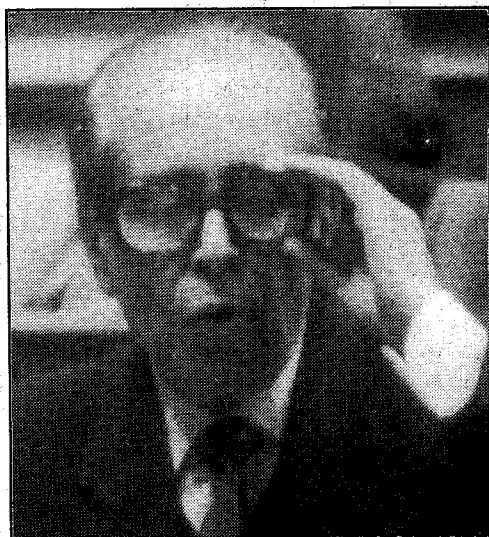
O licenciamento dos dois novos canais será precedido de concurso público e o prazo de entrega das candidaturas - na primeira proposta nunca inferior a 120 dias - é agora de 60 dias, contados da data de publicação da lei. Para Arons de Carvalho, «esta redução foi demon-

strativa da pressa do Governo em antecipar a TV privada às eleições legislativas de 91».

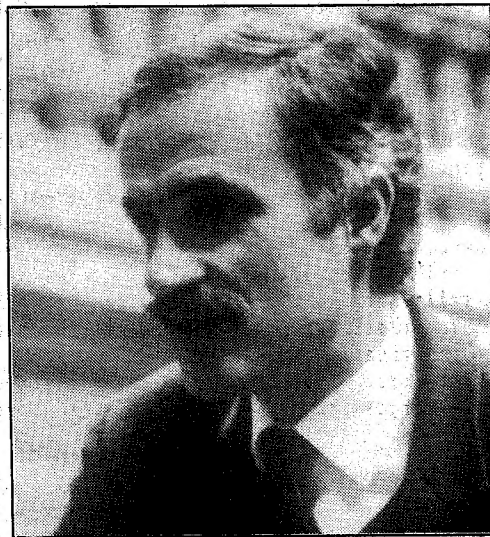
A lei determina que «as candidaturas da actividade de televisão devem ser apresentadas por entidades que revistam a forma jurídica de sociedades anónimas, que prossigam como objecto exclusivo o exercício de actividades no âmbito da televisão, detenham nacionalidade portuguesa, sede em Portugal e possuam um capital social mínimo de dois milhões e meio de contos». O montante de participação estrangeira no capital social dos operadores não pode exceder 15 por cento, quando na primeira versão do diploma o Executivo apontava para 10 por cento. Segundo Arons de Carvalho, este limite continua a ser polémico, visto o direito comunitário determinar a inexistência de qualquer limite ao investimento privado neste domínio.

A atribuição de licença de exploração dos novos canais (por um prazo renovável de 15 anos), consignada no artigo 12º da lei, será feita tendo em conta, entre outras coisas, a qualidade técnica e a viabilidade económica do projecto em causa; o tempo e horário de emissão com programas culturais, de ficção e informativos. Caberá à novíssima Alta Autoridade dar um parecer prévio ao Governo para este então escolher os projectos a contemplar.

As cotas de programação também sofreram alterações de última hora na comissão. Neste capítulo, a lei prevê que as emissões devem assegurar mensalmente, e fora de períodos de audiência reduzida, a difusão de 10 por cento de produção própria e 40 por cento de programas de língua portuguesa, dos quais 30 por cento de produção nacional. É ainda dada a indicação aos operadores de televisão que deverão incorporar, sempre



Montalvão Machado: «Fomos até ao limite das cedências possíveis.» Arons de Carvalho: «O Governo quer antecipar a TV privada às legislativas de 91»



Privadas têm de investir nove

Até agora tem-se falado de televisão privada com uma certa leveza de espírito. Quando se pensa no assunto, mesmo os grandes empresários, não se contabiliza, na realidade, o verdadeiro valor de uma iniciativa desta género.

O engenheiro Franco Dias, um dos técnicos especializados da RTP, explicou ao «DL» como tudo (ou quase tudo) funciona. «É muito simples falar de televisão privada e de legislar. Mas dá-me a sensação de que as pessoas que querem investir neste ramo ainda não fizeram bem as contas, ou então não querem fazê-las. Belmiro de Azevedo já desistiu porque, provavelmente,

viu que que os números são demasiado altos. Neste momento, os dois candidatos teriam de gastar, somente na instalação da rede de emissores, cerca de nove milhões de contos», disse Franco Dias.

Para compreendermos como se chegou a este números chegou a este números como toda a parte técnica funciona, desde o início.

Os conceitos de televisão e radiotelevisão são considerados por muitos como sinónimos e, no entanto, têm significados diferentes. Pelo primeiro entende-se o conjunto de imagens móveis, sons e dados transmitidos a uma população. Essa transmissão pode ser feita através

de ondas hertzianas (tal como a transmissão de rádio) ou satélite. A esta definição atribui-se o nome de radiotelevisão.

A televisão por cabo, que não tem nada a ver com ondas hertzianas, integra o conceito de televisão já referido. Neste caso as imagens, os sons e os dados são transmitidos através de um cabo subterrâneo, idêntico ao usado nos telefones.

Estes conceitos foram definidos na lei para a televisão privada. Portugal vai adoptar o sistema de radiotelevisão, ou seja, a difusão vai ser feita através de ondas hertzianas. «Estas ondas são emitidas

através de emissores principais, que cobrem uma grande área, de retransmissores de grande potência, que abrangem uma área menor, e de retransmissores de pequena potência, que servem uma pequena área. Para que as pessoas percebam, posso dar um exemplo: depois da torre das Amoreiras ter sido construída, a população residente por trás desta ficou a receber mal o segundo canal da RTP. Foi necessário montar, naquela zona, um pequeno retransmissor para que as imagens e o som chegassem em condições», explica Franco Dias.

RTP ajuda concorrentes
O artigo nº 7 da lei para a

SÃO OUTRA VEZ
OS JUDEUS: ESTÃO A
TENTAR OCUPAR O TEMPO
DE EMISSÃO DOS
MUÇULMANOS.



que possível, uma percentagem de obras qualificáveis como comunitárias ou de origem europeia.

Lobbys determinantes

Um dos maiores pontos de discórdia na Comissão Parlamentar da Televisão foi o artigo 40º, ponto 7, da proposta inicial referente ao direito de antena, de resposta e de réplica política. Nesta os partidos da oposição só tinham direito de resposta se fossem directamente visados por uma declaração política de algum dos membros do Governo.

Após grande burburinho na comissão, acabou por ser retirada a designação «réplica política», ficando salvaguardado o direito de a oposição se pronunciar sobre qualquer declaração política do Executivo. Contudo, o PS vai desafiar, no Parlamento, o Governo a clarificar como direito de res-

posta dos partidos da oposição para, referiu Arons de Carvalho, «se evitarem futuras confusões numa lei que pode ter uma leitura ambígua».

Os socialistas vão ainda lembrar no plenário o «silêncio» do diploma sobre o estatuto da RTP. O Governo, num novo artigo introduzido ao texto, compromete-se, num prazo de 120 dias a contar da data de entrada em vigor da presente lei, a proceder à revisão do estatuto daquela empresa pública.

A televisão por cabo, coisa banal nos Estados Unidos e que se vai tornando familiar em muitos países da Europa, carecia de legislação interna num país onde ela tarda a chegar. Assim, os artigos 1º e 2º da Lei da Televisão são-lhe dedicados e estipulam: «A mera distribuição por cabo apenas pode ser feita por pessoas colectivas e dotadas de autorização do

Governo.»

A legislação saiu finalmente das gavetas ministeriais, mas muita tinta ainda vai correr sobre o processo de atribuição dos dois canais. As disputas são grandes, os candidatos muitos, os lobbys determinantes. Todos eles sabem que a batalha pela televisão privada tem que ser ganha à primeira.

Houve mesmo um deputado da oposição que nos avançou outra hipótese para a súbita inversão de marcha do Governo no caso da Igreja Católica: «O Executivo criou condições para cobrir de moral os negócios que quer celebrar em privado. Quem se aliar à Igreja terá direito de preferência junto da Alta Autoridade dominada pela maioria». A confirmar-se esta versão, o Governo terá arranjado forma de evitar a inconstitucionalidade da lei, dando na mesma o canal prometido ao Patriarcado.

Paula Sá

milhões em emissores

televisão privada é pouco esclarecedor sobre alguns aspectos, nomeadamente no que se refere à utilização das infra-estruturas da RTP.

«Há duas hipóteses: ou o Governo decide que os dois canais privados podem utilizar as infra-estruturas da RTP, tendo de colocar apenas os emissores, ou então opta por dizer que as duas novas redes terão de construir edifícios, abrir estradas, montar torres e instalar os emissores. No primeiro caso, os dois canais privados terão de investir, para uma cobertura do País a 99 por cento e com a qualidade técnica da RTP, nove milhões de contos. Se a opção for a segunda hipótese os

custos sobem consideravelmente», disse Franco Dias.

Fala-se ainda na possibilidade da difusão do sinal ser feita através de uma empresa de capitais mistos, que integra a RTP, os CTT, a Marconi e operadores privados, sendo de capital maioritariamente público. Este aspecto ainda está por definir.

Quanto ao tempo de instalação dos emissores o engenheiro da RTP disse que «estes avultados custos serão distribuídos por três fases: a primeira que irá abranger 50 por cento da população com a instalação dos 15 emissores principais; a segunda fase destinar-se-á à colocação dos retransmissores de grande potência e que atinge os 80

por cento da população; e a terceira fase que chega aos 98 por cento da população com os retransmissores de pequena potência. O tempo entre cada uma das fases, até chegar à última é difícil de dizer. A RTP está há 30 anos para cobrir o País a 99 por cento...»

Segundo Franco Dias «é difícil dizer quanto custa montar uma televisão. É um valor incalculável. Tem de se pensar no pessoal, nos factores técnicos, nas infra-estruturas, nas avarias, na manutenção, enfim, numa série de aspectos nos quais não me parece que muita gente tenha pensado».

Gisela Oliveira

Só Pinto Balsemão e a Edipress divulgam projectos

Candidatos à espera

Dos cinco candidatos «laicos» a um canal de televisão privada apenas dois admitem que continuam na corrida: Pinto Balsemão e a Edipress. A Sonae confirmou ao «DL» a suspensão do projecto, a PEI prefere «aguardar» o desenrolar dos acontecimentos e a Press-Livre não se mostrou disponível para falar sobre o assunto.

Este procedimento revela a cautela com que estão a ser desenvolvidos os projectos. Até porque, refere o provérbio, «o segredo é a alma do negócio». E este negócio, como nos disse Pinto Balsemão (SIC), «envolve milhões de contos».

Vasco Fraga (PEI) diz que o seu grupo já não se considera candidato porque o desenrolar dos acontecimentos provou que é melhor aguardar. «Está muita coisa a acontecer. O projecto de televisão privada tem obviamente interesse intrínseco que de alguma forma tem de ser comparado com os termos e as condições que serão postas a concurso. Só depois do conhecimento exacto da situação é que poderemos tomar uma posição definitiva. Não queremos um canal a qualquer preço», justifica. A PEI refira-se, tem interesses na «Sábado» e no «Diário Popular» e esteve ligada ao lançamento de o «Liberal».

Apesar de Nuno Cintra Torres (Edipress) e Pinto Balsemão afirmarem a sua disponibilidade para concorrer, mostram-se reservados quanto ao futuro. «O nosso projecto está pronto. Só que, como temos dito desde sempre, é preciso saber em que quadro legal nos vamos movimentar. Não sabemos se a lei vai continuar a ser contra a televisão privada», referiu o responsável da SIC.

Quanto ao custo de um canal privado, apenas Vasco Fraga (PEI) avançou com um montante: «Um projecto à escala nacional necessitará de um investimento que ao longo das várias etapas vai mobilizar cerca de dez milhões de contos.»

Em relação às verbas despendidas até este momento, falaram-nos em alguns milhares de contos. Moreira da Silva não esconde que, caso a candidatura da Sonae não se confirme, haverá prejuízo para a empresa. «É uma posição pública que nos custou a tomar. Já tínhamos uma equipa a trabalhar. Agora está tudo suspenso», afirmou ao «DL». Quanto a apoios estrangeiros, apenas os grupos PEI e SIC admitiram a existência de contactos nesse sentido.

Rádios locais mau exemplo

A concessão do alvará para cobertura radiofónica da Região Norte à Rádio-Press, em detrimento da Rádio Nova, levou o grupo Sonae a suspender o projecto de televisão privada. «Concursos dominados por apreciações superficiais e subjectivas não se coadunam com uma estratégia empresarial responsável, sobretudo estando em causa projectos cuja simples preparação envolva custos de elevadíssima monta, como é, designadamente, o caso da televisão», lê-se num comunicado da empresa.

Confrontado com a possibilidade de esta atitude ser uma forma de pressão junto do Governo, Moreira da Silva afirmou: «Nada

disso. Simplesmente dizemos que não percebemos as regras do jogo, portanto não jogamos.»

Tal como na concessão de estações radiofónicas, também no que diz respeito à televisão privada vão sobrar candidatos, já que existem apenas dois canais a atribuir. O que deixa em aberto a hipótese de haver associações entre estes grupos. Possibilidade que não é posta de parte por ninguém, à excepção de Pinto Balsemão que, à partida, afirma concorrer sozinho. «O nosso projecto é bom e como tal terá de ser reconhecido», acrescenta.

Balsemão tem também a proposta mais concreta. «A produção nacional tem de ser acarinhada. O problema é que não existe material suficiente, quer em quantidade quer em qualidade. Por isso, vamos propor o estatuto de produtor associado, mediante o qual cada um terá assegurado x horas de produção por ano. O que lhes permite trabalhar a prazo e não a conta-gotas como tem acontecido com a RTP», disse. Por seu turno, Vasco Fraga afirma não fazer sentido avançar com um processo «sem privilegiar a componente nacional, embora se saiba que sai mais cara».

Da parte da Edipress, Cintra Torres deixa entender que se irá limitar ao que estipula a lei. Sabe-se que vai apostar em programas de entretenimento e, para além disso, explica: «Existem muitas ideias, mas eu não gostava de as divulgar à concorrência. O que eu lhe posso assegurar é que o projecto corresponde ao que o público espera de nós.»

No que diz respeito ao pessoal a recrutar para as futuras estações privadas, de novo Pinto Balsemão é o único a levantar uma ponta do véu: «Já temos contactos com pessoas. Não vou revelar nomes, até porque alguns deles estão a trabalhar na RTP. A nível da formação profissional, o sócio estrangeiro que escolhermos terá um papel fundamental.»

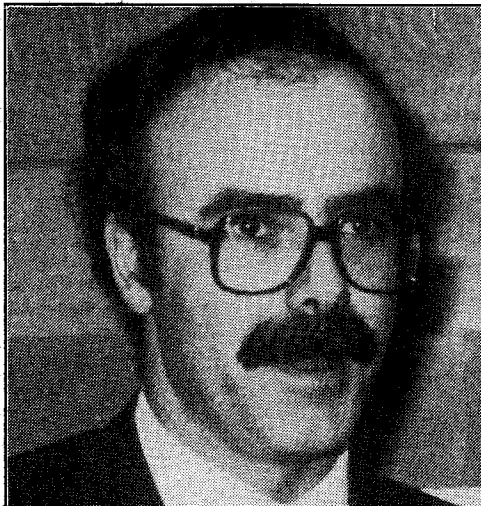
Amorim e Benedetti novos candidatos?

Américo Amorim também é considerado um dos candidatos à televisão privada em colaboração com Carlo De Benedetti, um dos patrões da informação italiana. A notícia correu nos últimos dias, já depois de conhecida a versão final da lei, excluindo a Igreja de candidatura preferencial.

Segundo as nossas fontes o Governo estaria interessado em atribuir um canal a empresários do Sul dando outro ao Norte para «equilibrar tendências e manter eleitores». Seria também esta a razão que levou Américo Amorim a «tirar o tapete» à Alfapress, aquando da privatização do «JN».

Se a intenção existe Américo Amorim não a divulga: «Não conheço projectos para a comunicação social do grupo», disse ao «DL» um porta-voz da empresa. De referir que este empresário já está associado a Carlo De Benedetti, com quem formou uma «holding», em Setembro de 1989. Até agora destinada apenas a exportações para o Leste a COFIPSA é, no entanto uma «holding» pura, ou seja, está licenciada para gerir qualquer tipo de actividade empresarial.

Céu Neves



Carlos Barbosa (Press-Livre) não presta declarações; Pinto Balsemão (SIC) tem «um projecto pronto»



GRANDE ANGULAR

Magalhães Crespo perdeu a batalha do 2º Canal mas continua a guerra por espaço televisivo de inspiração cristã. Executa instruções do patriarca e diz ter associados com as verbas necessárias

A Igreja aposta num canal inteiro

Fernando Magalhães Crespo é persistente. Mal lhe recusaram espaço no 2º Canal parte para a criação de um canal próprio, de «inspiração cristã». Diz que há muito tem apoio, incluindo «know-how» estrangeiro. Tem também uma equipa, formada na Rádio Renascença e regida pelos valores da Igreja.

«Diário de Lisboa» - O que pensa das sucessivas posições do PSD sobre a concessão de um canal à Igreja?

Magalhães Crespo - Ainda hoje não consigo encontrar uma justificação plausível para a modificação do Partido Social Democrata e do Governo que dele emanou! Cavaco Silva enviou à Assembleia da República um projecto de alteração da lei da televisão que referia à atribuição de um canal à Igreja. Desde então não houve, nem em declarações públicas nem directamente em contacto com a Igreja, alteração explícita dessa posição. Segundo disse o ministro Couto dos Santos, numa entrevista à Rádio Renascença, a 8 de Julho, as causas desta alteração são de natureza constitucional. Depois da modificação da lei fundamental o Governo terá pensado que não podia atribuir um canal à Igreja. Mas eu já estava consciente disso quando, em Setembro do ano passado, propus ao primeiro-ministro a partilha do 2º Canal que, por já ser propriedade da RTP e portanto concessionado, permitia ultrapassar os entraves constitucionais.

«DL» - Utilizar o 2º Canal, que já está montado, também era mais acessível, não era?

M.C. - A única coisa que alterava, se houvesse uma partilha do 2º canal, era a rapidez com que poderíamos ir para o ar. Estando já o 2º canal a funcionar, só tínhamos de preparar os nossos estúdios. De resto, propusemos ao Governo, e ao Grupo Parlamentar do PSD, pagar o aluguer, que fosse considerado correcto, pelo tempo de emissão.

Se em vez de uma televisão da Igreja viémos a criar uma televisão de inspiração cristã, onde a Rádio Renascença concorria juntamente com outras entidades, religiosas e laicas, igualmente se pagará o tempo de emissão.

«DL» - Portanto a Igreja mantém-se na corrida?

M.C. - Para isso é preciso que se reúnam condições. Não será uma televisão da Igreja, mas sim de inspiração cristã, onde a Igreja, através da RR, e eventualmente de outras instituições religiosas, terá uma acção preponderante.

«DL» - Está em negociações com os outros grupos?

M.C. - Antes disso é preciso que a primeira fase de negociação, com o Governo e com o grupo parlamentar do PSD termine.

«DL» - Mas já terminou: a lei está redigida e vai ser votada antes das férias parlamentares.

M.C. - Não terminou ainda! Só a consideramos encerrada depois de promulgada a lei. A Igreja é uma entidade de esperança...

«DL» - Porquê só depois de promulgada? Está a contar com o veto do Presidente da República?

M.C. - Não conto com isso em particular. Mas, objectivamente, só temos uma certeza no momento em que a lei for promulgada. Depois de fechada, com este Governo, a oportunidade de concessão de um canal à Igreja, inicia-se o processo da televisão de inspiração cristã. A hierarquia da Igreja já o autorizou.

O comunicado do Conselho Permanente da Conferência Episcopal abre essa possibilidade

«DL» - Vai associar-se com algum dos cinco grupos concorrentes?

M.C. - Cinco? A partir desta altura só conheço três! O grupo Sonae, do engenheiro Belmiro de Azevedo, cuja desistência me parece uma questão táctica, porque julgo que no momento oportuno voltará à carga; o grupo do dr. Pinto Balsemão que, depois de nós, é o que há mais tempo tem vindo a apresentar-se como candidato, e um terceiro que é o projecto da Igreja, cuja preparação não interrompemos.

«DL» - Está a pensar associar-se com algum dos dois que citou?

M.C. - Com os dois concorrentes que referi não. Conhecemo-nos, temos relações de contacto normais mas julgo que são duas entidades suficientemente fortes para, cada uma por si, liderarem o seu próprio projecto, sem alianças com terceiros.

«DL» - Então como é que vai pôr no ar o projecto de inspiração católica? Só há dois canais, para três candidatos! Ou a Igreja vai concorrer sozinha?

M.C. - Há anos que temos ofertas de apoio, para um canal de televisão da Igreja ou para um canal de inspiração cristã. Aí será mais fácil constituir uma sociedade, na qual a Renascença tomará posição que, de acordo com o projecto de lei, poderá ir até 25 por cento. A partir do momento em que a lei for promulgada posso iniciar a constituição de um grupo representativo dessa televisão de inspiração cristã.

Uma equipa à espera

«DL» - A Rádio Renascença estava preparada para arrancar com um canal de televisão? Fez investimentos, adquiriu material, contratou pessoas?

M.C. - A RR serviu e continua a servir de suporte material ao projecto de televisão da Igreja. Esse projecto tem pessoal próprio. Está

agregado à Rádio Renascença porque a Igreja não é tão rica em meios que possa inventar uma terceira via.

«DL» - Mas não respondeu à minha pergunta: foi feito investimento, foram contratadas pessoas?

M.C. - Temos várias pessoas a trabalhar a «ful-time» e temos consultores, desde Outubro do ano

programas de educação cívica, cultivo de boas maneiras, defesa do meio-ambiente, ecologia etc. À noite, depois do fecho da nossa emissão, o segundo canal poderia transmitir os programas da Universidade Aberta, em melhores condições que as actuais.

Em negociações posteriores com o presidente do grupo parlamentar do PSD, num último esforço, examinamos a possibilidade de o nosso projecto ser compatível com uma redução de tempo, para quatro horas, das 19 às 23. Quando nos foi recusado já nada mais era possível. O projecto de televisão da Igreja quer-se com identidade própria. Deram-nos tempo de antena e isso não nos interessa.

«DL» - Tem o dinheiro para montar um canal?

M.C. - Os parceiros que espontaneamente vieram ter conosco são pessoas que podem assegurar os meios financeiros necessários.

«DL» - Está a contar com apoio estrangeiro?

M.C. - A lei, segundo a sua última versão, admite até 15 por cento de participação estrangeira. Tivemos ofertas nesse sentido, iremos ponderá-las dado o interesse do «know-how» existente em outros países.

Por ordem do Patriarca

«DL» - Qual vai ser o futuro das pessoas que a RR contratou para o projecto? E o material?

M.C. - Ainda não adquirimos material pesado.

«DL» - Mas não aumentou os quadros? Não fez um concurso, não admitiu candidatos em sistema de formação?

M.C. - Fizemos cursos, que estão ainda a decorrer, aos quais se apresentaram sete mil pessoas. São cursos básicos de selecção e formação, para os candidatos não se iludirem se cá vieram ao engano. Simultaneamente, pômo-los a trabalhar, para saberem o que é uma grelha e também para sentirmos a sensibilidade deles para uma televisão católica.

«DL» - Pede-se-lhes que tenham valores católicos?

M.C. - Para estarem de acordo com o nosso projecto terão de ter uma vivência católica!

Dos sete mil candidatos foram seleccionados 500 e, desses, estão a

frequentar o curso 250. Acabam a formação no final de Julho. Sempre souberam que era um curso de selecção, mas mesmo assim acham que se não houvesse continuidade, o curso representava uma aquisição de conhecimentos que vale por si só, independentemente da continuação que tenha.

«DL» - Qual é a sua opinião sobre as declarações de D. António Marcelino?

M.C. - O bispo de Aveiro entregou, a 22 de Março, a condução do processo ao cardeal patriarca, na sua qualidade de presidente da Conferência Episcopal. Eu actuo de acordo com as instruções de D. António Ribeiro. Portanto, se algum dos senhores bispos tem uma opinião discordante julgo que é ao cardeal patriarca que a deve apresentar.

«DL» - Ele fez críticas de fundo: discordou de a Igreja ter meios de Comunicação Social, discordou de privilégios e referiu-se a possíveis institucionalidades.

M.C. - D. António Marcelino acha que a Igreja deve ter cristãos na Comunicação Social e que estando a lutar por uma empresa vai contra tal princípio. Eu acho, tanto como mandatário como a nível pessoal, que uma coisa não impede a outra. Pode haver militantes católicos numa empresa de Comunicação Social mas para além disso a Igreja pode ter meios próprios para exercer, em plena liberdade, a sua função evangelizadora. É esta a única discordância que vejo nas declarações de D. António Marcelino sobre a forma como estou a conduzir o processo.

«DL» - Que opinião tem sobre as atribuições e a composição da Alta Autoridade para a Comunicação Social?

M.C. - A Alta Autoridade não devia existir, são suficientes as leis gerais do País! A Comunicação Social não precisa de polícia especial. Acho também que bastavam os órgãos normais da governação para fazer a selecção dos candidatos válidos. E se o Governo não actuar em conformidade com a lei aí está a Assembleia da República para o julgar e as eleições seguintes para acertar contas.

«DL» - Está seguro que a maioria dos católicos deste País quer ver a Igreja com um canal de televisão? Não receia que a programação escandalize algumas almas?

M.C. - Não vamos transmitir programação cultural, com cerimónias religiosas e programas doutrinais. Será orientada por valores cristãos, como a Rádio Renascença.

«DL» - Mas já declarou que discos da Madona na RR tudo bem, mas tele-discos da Madona num futuro canal era uma coisa a ver.

M.C. - Nem tenho bem presentes os tele-discos da Madona, creio que vi apenas um. Mas não seria eu a julgar a programação. Para isso teríamos - teremos! - um grupo de pessoas com a tarefa de apreciar a grelha de programas.

Marla Gulomar Lima



Magalhães Crespo: «Os nossos parceiros têm os meios financeiros necessários»

passado. E os estudos de viabilidade de mercado desde há muito tempo que vêm a ser feitos.

«DL» - Esse equipamento será utilizado no espaço atribuído à Igreja Católica no 2º Canal? Encarrega-se de tal programação?

M.C. - Como mandatário do projecto de televisão da Igreja já afirmei ao presidente do Grupo Parlamentar do PSD que a Igreja não se candidatará a esse espaço.

«DL» - Deixa-o para as outras confissões religiosas?

M.C. - O espaço fica livre para quem quiser usá-lo.

«DL» - Se recusa o espaço que lhe é concedido e se não consegue organizar o projecto de inspiração cristã de que fala, a Igreja fica sem possibilidade de difundir a sua mensagem através da televisão, como sempre quis.

M.C. - Não, continuaremos a esperar que haja um dia um Governo, neste País de maioria católica, que dê à Igreja aquilo a que ela tem direito.

Partindo das promessas do PSD propusemos em Setembro, ao Governo, que nos desse cinco horas, das 18 às 20 horas, no 2º canal. Isso permitia a criação de um canal cultural. De manhã seria semelhante ao que existe em Inglaterra, com

POLÍTICA

Palavra de Laborinho Lúcio dada ao Parlamento, em balanço à interpelação do PRD sobre o estado da Justiça

Crise há mas não tanta nem com tal dimensão

O ministro da Justiça convidou, ontem, a Comissão Parlamentar de Direitos, Liberdades e Garantias a destacar quantos deputados quiser para o acompanharem, sempre que se desloque no País, de modo a que eles conheçam, também, «ao lado dos tribunais em situação degradada, ao lado dos sistemas que não funcionam bem, todos os outros que estão recuperados, todos os tribunais que são novos, todos os estabelecimentos prisionais que funcionam de modo diferente, para que possam ver, realmente visto, aquilo que é em toda a sua globalidade, o funcionamento do sistema de justiça em Portugal».

O convite foi formulado como aval da perspectiva com que Laborinho Lúcio encara as questões da Justiça, ontem sujeitas a interpelação parlamentar por iniciativa do Partido Renovador Democrático.

«Só me interessa trazer aqui o discurso de Estado», disse o ministro para explicar o desejo de envolvimento de todos os órgãos de soberania na solução dos problemas nesta área estrutural do Estado democrático que a Oposição, repetidamente, afirmou estar a viver em profunda crise

«Talvez então possam entender que, se existe crise, ela é relativa e está em vias de superação, e que nos permite definir uma política de Justiça para o futuro», admitiu o ministro para acrescentar que «vale a pena, em conjunto, partilharmos todos a política de justiça social».

A voz dos injustiçados e que não têm voz

O PRD situara as suas preocupações quanto ao estado da administração da Justiça- objecto da interpelação- «na óptica do cidadão/utente», garantindo pela voz de Marques Junior recusar «a linguagem tecnicista, hermética e inacessível que, na maior parte das vezes, é utilizada nesta matéria».

Aliás, a bancada do PSD tentou explorar o teórico défice de formação jurídica dos membros da bancada renovadora - só o deputado Rui Silva cursou direito sendo estagiário de advocacia- para desvalorizar o alcance desta interpelação.

Debalde o fez pois o Grupo Parlamentar do PRD preparou-se exaustivamente para o debate, inclusive com o recurso ao contributo de militantes seus, juristas ou magistrados de carreira, de vários pontos do País.

Quanto às suspeições de

impreparação jurídica, elas chegaram a ser violentamente rejeitadas por Marques Júnior a ponto de dizer a Carlos Oliveira, do PSD, que ao questionar nessa base o deputado Rui Silva, e ao colocar-se «na situação do doutor que entende das questões de direito e de leis» demonstrou «não entender nada» das preocupações subjacentes ao debate.

O que o PRD predendeu foi, tão só «ser a voz dos injustiçados e que, não tendo voz e não entendendo bem os meandros da lei, também têm direito à justiça».

E a oposição no seu conjunto, nomeadamente o PS e o PCP, mas também o centrista Basílio Horta, não perdeu esta oportunidade para vincar os traços negros da situação nos tribunais, uma situação que se agrava, aliás, de ano para ano, já de períodos muito anteriores ao Governo de Cavaco Silva.

A súbita descoberta do herói redentor

O ministro, esse não gostou nada do cenário catastrofista, que se cansara de ver desenhado no hemiciclo parlamentar, e deu uma resposta global ao partido interpelante e à Oposição verdadeiramente à altura do seu prestígio como técnico e in-

telectual do ramo.

Evocando os seus tempos de magistrado, ele disse ter tentado lembrar-se do pior réu, eventualmente um facinora, que julgou. Mas não encontrou nenhum, segundo disse, «a quem o julgamento tivesse sido tão severo como aquele que aqui foi atribuído ao Governo». Isso permitiu-lhe dizer que «um julgamento de tal forma excessivo e injusto, perde credibilidade».

«É possível que algum cidadão, que conheça na globalidade o funcionamento do sistema de justiça português, acredite nessa dimensão da crise?», perguntou Laborinho Lúcio, ao Parlamento. Depois aplicou uma oratória agressiva de pergunta-resposta, que a generalidade dos parlamentares lhe desconhecia, em função de intervenções anteriores, e que marcou a foga do debate:

«É possível ter apenas uma leitura da crise que, no fundo, postula a comparação entre aquilo que o Governo faz e aquilo que ninguém fará, porque é intangível em absoluto? Não haverá, então, nada que este Governo tenha feito? Aquilo que nós dissemos hoje, com humildade, foi considerado como arrogância. E aquilo que a Oposição disse, sem humildade, não pode ser considerado arrogante?».

A bancada da Maioria aplaudiu, tonitruante. E interrompeu-o tantas vezes, em aclamações, que mais parecia ter sido descoberto, finalmente em Laborinho Lúcio, o herói redentor das figuras baças que se revezam amiúde na bancada do Governo, em debates parlamentares.

Daniel Reis

BOCA DE CENA

Tribunais em Março com gravações áudio

Desculpando-se de não ter dado a novidade antes, «por ter medo de ser novo-riquista», o ministro terminou o discurso final do debate com uma novidade: em Março do próximo ano, todos os tribunais do País estarão apetrechados com sistema de gravação áudio.

Outras novidades e outras compras o ministro reserva para garantir a qualidade de funcionamento dos tribunais. «Mas isso faz-se», disse, «e não se discursa sobre isso».

Laborinho fez gala de ser deste Governo

Várias vezes ao longo da interpelação, as bancadas oposicionistas sublinharam as diferenças de política e de comportamento entre o ministro da Justiça e o Governo de que faz parte. Mas Laborinho Lúcio fez questão de rejeitar tal «simbologia do julgamento» usada pela Oposição:

«Várias vezes se falou da condenação do Governo», disse. «Algumas vezes se pretendeu insinuar uma ab-solução, a regime

de melhor prova, para a pessoa que é ministro da Justiça, e uma vez que outra tentou fazer-se a distinção entre ambas as realidades. Mas gostaria de negar a distinção e de vos dizer que a pessoa que é ministro da Justiça é, neste momento e apenas, ministro da Justiça e membro deste Governo».

«É nessa qualidade e só nela que aceito o julgamento desta casa», concluiu.

A prova provada da reportagem do DL

Violentíssimo quanto à degradação e ao funcionamento do sistema carcerário português, o deputado comunista José Manuel Mendes confrontou a lógica filosófica do ministro com a realidade prática e os casos concretos, bem menos optimistas do que se poderia supor das intervenções de Laborinho Lúcio.

E já em final de debate, sem mais tempo para precisar o rol das acusações, o portador-voz do PCP apontou um exemplar do Diário de Lisboa, que também começava a circular em fotocópias nas bancadas:

«Para avaliar as excelências do sistema, recomendo-lhe apenas a leitura do artigo sobre a forma como são transportados em Lisboa os processos em segredo de justiça», disse, elogiando depois a nossa Grande Angular de ontem, sobre o funcionamento dos tribunais, e a reportagem de Dina Soares.

As questões quentes que o ministro evitou

Arroladas por Marques Júnior, porta-voz do PRD, no encerramento da interpelação, ficaram sem resposta do ministro as seguintes e concretas questões quentes colocadas no debate: Polícia Judiciária e relações com o Ministério Público e os Serviços de Informação; justiça laboral; situação nos estabelecimentos prisionais, nomeadamente face ao relatório da Amnistia Internacional que alega prática de violências sobre os presos; política de reinserção social e tutelar de menores; combate à criminalidade organizada e internacional; e a toxicodependência e o tráfico de droga que prolifera nas prisões.

O caso do cidadão de Vila de Rei atropelado próximo da Sertã

Para situar a razão de ser da interpelação do PRD, o deputado Herminio Martinho contou uma história exemplar, «a história de um cidadão do interior que clama por justiça».

«Imaginemo-lo residente em Vila de Rei e, por fatalidade, atropelado próximo da Sertã, com certa gravidade», sugeriu o presidente do Partido Renovador Democrático, justificando a escolha destas localidades por se situarem no centro geográfico de Portugal e por ter sido perto dali que o ministro Laborinho Lúcio começou a sua vida de magistrado.

«São duas léguas bem medidas a distância de Vila de Rei a Castelo Branco e três para a Sertã: estradas de curvas e contra-curvas cujo piso se encontra quase tão mau como o estado da Justiça em Portugal. E este homem, para clamar justiça, tem que calcar dois quilómetros a pé, apanhar a carreira das cinco e meia da manhã e esperar na Sertã pela ligação: ao raiair das dez, ele tem que estar em Castelo Branco, sede do círculo judicial».

«Aí chegado, o cidadão de Vila de Rei terá que obter licença com um dos juizes da comarca, que oficiará ao Conselho Judicial da Ordem dos Advogados a solicitar a indicação de um advogado».

«Dois/três meses depois, o cidadão de Vila



de Rei receberá uma carta de um advogado de Castelo Branco, anunciando-lhe a boa nova de que lhe foi concedido o apoio judiciário e é ele o advogado escolhido para o representar: o cidadão de Vila de Rei lá volta a Castelo Branco».

Tudo isto se repete vezes e mais vezes

«Tudo isto se repete, vezes e mais vezes, e ainda mais

uma vez no dia do julgamento depois de, pelo menos, um adiamento pois o advogado da seguradora é de Lisboa: o cidadão de Vila de Rei, na sua deslocação a Castelo Branco, passa pela Sertã, vê o tribunal e lá continua a caminho de Castelo Branco».

«Com ele vão as testemunhas da desgraça que lhe aconteceu. Chegados a Castelo Branco e iniciado o julgamento, chega-se à conclusão de que há que ver o local do acidente: é meio dia e a carreira é só às seis... mas manda quem pode e o juiz quer ver o local do acidente. E vá que se faz tarde!».

«O cidadão de Vila de Rei tem que alugar um carro até ao local do acidente, passando de novo ao lado do tribunal da Sertã. O seu de noivado, que vai no banco traseiro do carro de praça, diz em desabafo: para que é que servirá o tribunal da Sertã?».



férias

• TAILÂNDIA

• MINI-EUROPA • LONDRES

• AÇORES E MADEIRA

• AUSTRIA • CRUZEIROS

• CABO VERDE

• GRÉCIA E TURQUIA

• EGITO — CRUZEIRO/NILO

VERÃO 90



Viagens e Turismo, Lda

— PRAIAS —

ALGARVE

BENIDORM

COSTA DEL SOL

MARROCOS



SALOU

— RUA DA MADEIRA, 55/61 — 1100 LISBOA — TELEF. 87 88 21/23 — FAX 87 25 12 — TELEX 44546-LT38 P

POLÍTICA

Jorge Sampaio acusa o Governo de nem sequer lhe responder às propostas de negociação para resolver alguns problemas estruturantes da cidade de Lisboa e de não ter feito nenhuma tentativa para aumentar a participação da Comunidade Europeia no investimento da construção do eixo Norte-Sul, o que vai obrigar a Câmara a contrair um empréstimo de 6,4 milhões de contos

Governo cerca a Câmara de Lisboa com um espesso muro de silêncio

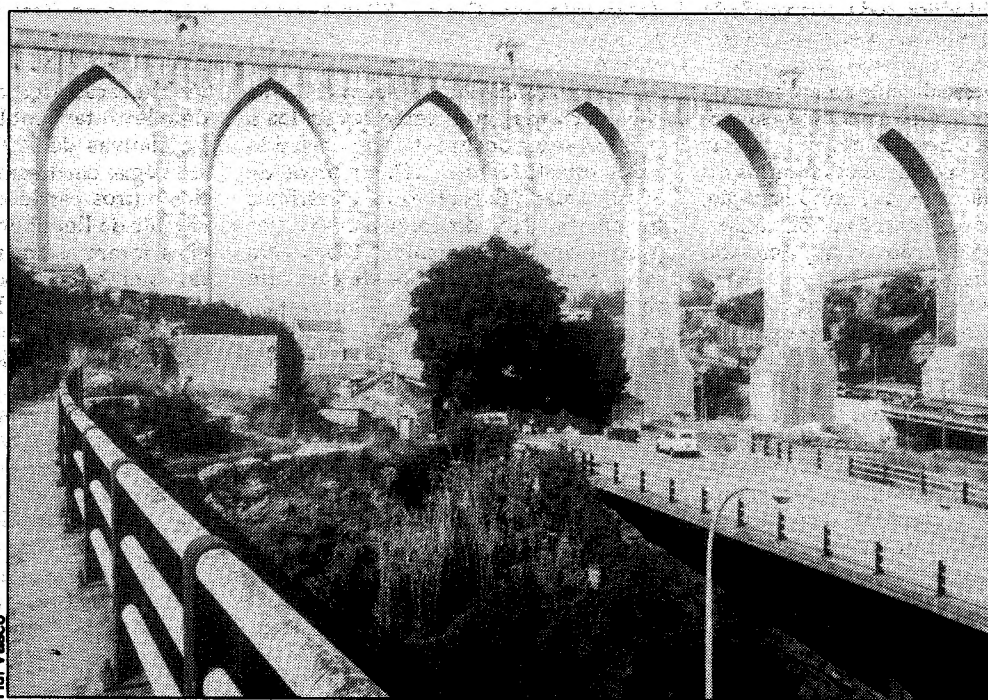
«O silêncio não é a melhor terapêutica para curar as feridas de Lisboa» - dizia-nos o presidente da Câmara de Lisboa, Jorge Sampaio, no final de uma conferência de imprensa, convocada para, mais uma vez, se queixar do desprezo e da falta de colaboração do Governo na resolução de alguns problemas estruturais da cidade, desta vez a construção do grande eixo viário, que há-de fazer a ligação directa entre as auto-estradas do Norte e do Sul, através da Ponte 25 de Abril.

Deste muro de silêncio falou o presidente, quando informou que, no dia 5 de Março, entregara ao ministro do Planeamento uma proposta alternativa de financiamento do primeiro troço daquela estrada, desde o nó da Gulbenkian à Avenida Norton de Matos. Passados quatro meses, não recebeu resposta, nem aviso de recepção.

A proposta visava substituir um acordo celebrado pela vereação de Abecasis, que os vereadores Machado Rodrigues e Luís Simões, também presentes na conferência de imprensa, consideraram ruinoso e um mau negócio. Por

esse acordo, o custo do primeiro troço, no valor de 10 milhões de contos, seria suportado apenas em 1,8 milhão pelo FEDER e 2 milhões pela administração central. Para arcar com uma participação de 7 milhões, o município lisboeta terá de contrair um empréstimo junto do Banco Europeu de Investimentos.

Jorge Sampaio do acordo disse que «desequilibra injustificadamente os encargos de cada um dos três intervenientes, em desfavor da Câmara Municipal de Lisboa». Por isso se propunha alternativamente que a participação do FEDER fosse aumentada para 50 por cento (3,2 milhões de contos) e que os restantes encargos se repartissem em partes iguais pelo município e pelo Governo. Sampaio argumentou, por um lado, com o facto de todas as participações da Comunidade para este tipo de investimentos serem de 50 por cento e de ter sido possível ao Governo fazer essa renegociação sem prejuízo de qualquer outro projecto nacional; e, por outro, com a circunstância do eixo Norte-Sul ser uma obra não só de interesse concelhio, mas



Há 26 anos fechada, esta via que, a partir do nó da Gulbenkian, se debruça sobre o Bairro da Liberdade, vai finalmente ser aberta em direcção ao extremo norte da cidade

também regional e nacional. A proposta foi reeditada, junto do ministro das Obras Públicas, em 17 de Maio.

Perante o silêncio do Governo, tendo de satisfazer o compromisso com o empreiteiro da obra, Sampaio decidiu avançar com a obra e,

para tal, contrair um empréstimo da ordem dos 6,4 milhões de contos. Com este compromisso, o presidente do município advertiu que a Câmara esgotará progressivamente a capacidade de endividamento a médio prazo e comprometerá a reali-

zação de outras obras fundamentais para a capital, tudo porque o Governo «não se empenhou no reforço da participação comunitária neste projecto, solução que era possível e razoável».

Jorge Sampaio não quis tirar ilações políticas do compor-

tamento do Governo, dizendo que «não faz juízos de arremesso político em sede de câmara municipal». O vereador Machado Rodrigues disse, no entanto, que com este esforço financeiro a Câmara terá de adiar a ligação viária da Avenida Estados Unidos a Chelas e a radial da Pontinha.

O presidente da Câmara disse que o Governo não quis avaliar correctamente a importância do eixo Norte-Sul, «na sua verdadeira dimensão a nível nacional e regional, muito para além do seu evidente impacto urbano».

O vereador Machado Rodrigues disse que a obra tem um prazo de dois anos para estar concluída, o que juntamente com o troço que o Euromarché se comprometeu a construir, assegurará já uma ligação directa da Ponte 25 de Abril com a parte norte da cidade, aliviando a Praça de Espanha e o nó de Alcântara. Mas esse prazo de dois anos é de colocar em dúvida, dada a necessidade de expropriar terrenos e de destruir parte do Bairro da Liberdade e de realojar cerca de 750 famílias, operações que, só por si, orçam em 4 milhões de contos.

Informação COMERCIAL

AVISO AO PÚBLICO

LINHA DE SINTRA:

Informa-se os senhores passageiros que, por motivo de trabalhos de revisão integral da catenária, são suprimidos entre Cacém e Sintra, nos dias 14 e 15 de Julho, nos períodos abaixo indicados, os seguintes comboios.

ENTRE AS 10.00 E AS 12.00 HORAS

Comboios com saída do Cacém às:
10.10, 10.42 e 11.14 horas.
Comboios com saída de Sintra às:
09.51, 10.23, 10.55 e 11.27 horas.

ENTRE AS 14.00 E AS 16.00 HORAS

Comboios com saída do Cacém às:
13.54, 14.26, 14.58 e 15.30 horas.
Comboios com saída de Sintra às:
14.07, 14.39 e 15.11 horas.

Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano



Caminhos de Ferro Portugueses

A MARGEM

Insensatez

Não sei se é a Câmara de Lisboa quem está a fazer um cerco político ao Governo, se é o Governo quem pretende estrangular a administração camarária. Não sei se Jorge Sampaio avança ansiosamente para um qualquer xeque-mate a Cavaco Silva, ou se Cavaco Silva, em pré e excessivamente antecipada campanha eleitoral, pretende fazer a demonstração prática daquele elementar silogismo teórico que Marcelo Rebelo de Sousa, Silva Marques ou Pacheco Pereira expõem nas tribunas políticas: «quem não consegue ser um bom presidente de Câmara, não pode aspirar a futuro primeiro ministro.»

Não sou quem vai derimir esta contenda, que se desenvolverá, certamente, em vários assaltos, tendo como ringues, o Parlamento, as reuniões da Câmara e as múltiplas e sucessivas conferências de imprensa, onde os jornalistas fazem o papel de peões amestrados, a quem se pede não pensem política.

O que compete à observação jornalística é verificar que, do ponto de vista do funcionamento das instituições, o espectáculo não é dignificante. Se o resultado da contenda é imprevisível, o resultado para a administração do território e para as condições de vida das populações é seguramente perverso e danoso.

Jorge Sampaio e a sua vereação fizeram várias propostas ao Governo: acerto de actuações no que diz respeito às grandes infraestruturas da capital e respectiva área metropolitana; revisão das condições de financiamento da construção da grande via Norte-Sul; negociações para um acerto de contas do que a Câmara entende serem as dívidas da administração central e das empresas públicas por si tuteladas.

A nenhuma das propostas o Governo deu resposta. Com este comportamento está a perder aos pontos. O silêncio é uma arma mortífera, mas com alguns efeitos de ricochete. Se o Governo pretende cercar a administração da capital do País com um muro de silêncio, a ninguém convencerá, como nos dizia ontem Jorge Sampaio, de que «o silêncio seja a terapêutica adequada para curar as feridas de Lisboa.»

Seria insensato da parte do Governo que, para cruxificar Jorge Sampaio- rival de Cavaco Silva, sacrificasse uma política de regeneração da capital, só possível em resultado de um esforço conjunto, de uma patriótica colaboração entre o município e a administração central.

Sampaio e Cavaco têm, nesta matéria, deveres especiais de cidadania no exercício das suas competências políticas, os deveres acrescentados de quem tem poder para projectar Lisboa como a digna capital de um pequeno-grande País europeu. Ninguém lhes perdoará a oportunidade perdida.

Neste caso particular do eixo Norte-Sul, há quatro meses que o Governo deixa sem resposta uma proposta da Câmara. Nem resposta nem mandado. O sr. ministro do Planeamento ignora, com alguma insolência, o memorando do dr. Jorge Sampaio.

Se as instituições se comportam deste modo, que podem os cidadãos esperar da irresponsabilidade de quem não assume posições e recusa o esclarecimento de situações de interesse público? O manual da guerrilha não é certamente o melhor compêndio para reger negócios públicos em regime democrático.

Adelino Cardoso

POLÍTICA

Costa Braz ao DL sobre Macau

«Sou contra Alto Comissariado»

O Governador de Macau, Carlos Melancia, anunciou ontem ter como prioritária a criação, no território, de um Alto Comissariado Contra a Corrupção. Sobre o tema ouvimos o coronel Costa Braz:

C.B. - Não vejo vantagem em criar, no actual período de transição, tal Alto Comissariado em Macau. É um pequeno território, cuja população não excederá a da cidade do Porto, com um aparelho administrativo simples, cujos problemas se afiguram relativamente elementares. Parece-me mais relevante reforçar os meios de defesa dos cidadãos e da comunidade contra práticas corruptas ou eticamente condenáveis, contra abusos e discrição, quer venham da Administração Pública, quer radiquem em usos tradicionalmente aceites naquela área. O mais importante é promover campanhas de esclarecimento e de educação sobre os direitos de cada um, simplificar burocracias, tornando transparentes e públicos os circuitos e o relacionamento dos administrados com a Administração, promover uma acção persistente sobre a opinião pública (portuguesa e chinesa) de rejeição da corrupção - como tem sido feito, com assinalável êxito, em Hong Kong.

DL - Em Hong Kong, existe uma Comissão Contra a Corrupção - a ICAC - dotada de meios de actuação extremamente eficazes...

C.B. - Exactamente: é essa eficácia dos meios, orgânicos e de atribuições, mais que legislação, o que falta em Macau. A Lei n.º 14/87/M, que estabelece o regime penal da corrupção, abre inúmeras virtualidades de fácil investigação sobre sinais exteriores de riqueza exibidos por funcionários e que não correspondam às remunerações percebidas ou declaradas. Reforcem-se, pois, as estruturas existentes, designadamente a Polícia Judiciária do Território e os vários serviços de inspecção, especialmente na área financeira. Podem recolher-se preciosos ensinamentos da experiência do território vizinho, muito embora sejam diversas as legislações e tradição política-jurídica portuguesa e anglo-saxónica. Receio que a lei que criou a ICAC, em 1974, e estabelece que «a independência da Comissão consiste em o (seu titular) ser formal e directamente responsável perante o Governador», de que está «sujeito às ordens e controlo», não tenha aqui aplicabilidade.

DL - Defende então ser desnecessária uma AACC macaense...

C.B. - Defendo que se reforcem os meios de investigação, se punam exemplarmente os infractores, se defendam e se expliquem os direitos dos cidadãos, se eduque a população, se exija rigor à Administração. Para a primeira parte, salvo melhor opinião, bastam as instituições judiciais já existentes no território e, para a segunda, melhor se me afigura um Provedor de Justiça. O Alto Comissariado é criado para fiscalizar uma Administração portuguesa. O Provedor existiria para representar e defender a população, chinesa como portuguesa, de Macau, e mais facilmente poderia ver a sua acção estendida para além do período de transição.

DL - Nas declarações prestadas em Macau pelo Provedor Adjunto, Dr. Luís Silveira, fica-se com a ideia que o Alto Comissariado de Macau juntaria as duas funções. Dada a sua experiência também como Provedor, como vê esse modelo?

CB - Confesso não entender muito bem como se amalgamar as duas instituições. O Provedor é «o Defensor do Povo». Já uma Alta Autoridade será antes uma entidade essencialmente fiscalizadora da Administração, e directamente articulada com as instâncias judiciais. Mas, não me tendo sido cometida jurisdição sobre Macau, e estando a matéria em debate na respectiva Assembleia Legislativa, entendo não dever alongar-me nestas considerações.

Governo prepara Verão quente

Entre grandes segredos, diversos Ministérios preparam uma série de medidas a lançar segundo um «timing» a definir pelos estrategos do PSD. O objectivo é apanhar o PS desprevenido

O Partido Social Democrata vai andar em grande agitação durante o período das férias. A chamada task-force ou grupo de estratégia, que trata directamente com o primeiro-ministro, terá poucos dias de descanso, acompanhando o ritmo de trabalho que imposto pelo próprio Governo.

O DL soube junto de fonte social-democrata que Cavaco Silva tem um conjunto de medidas agendadas para divulgar durante o Verão. Cada um dos Ministérios tem uma série de iniciativas calendarizadas que serão reveladas a público, segundo um «timing» definido pelos estrategos do PSD. As áreas de acção onde o Executivo vai distribuir benefícios são desconhecidas pela maioria dos parlamentares. Cavaco Silva guarda segredo, num jogo de gato e do rato que tem por objetivo último apanhar o Partido Socialista desprevenido e de férias, obrigar o PS a andar a «reboque» das iniciativas dos social-democratas e do Governo.

A parte mais forte do «pacote de medidas» fica em estudo para marcar o início da actividade política em Outubro, «temos de recomeçar em alta», disse ao DL um militante do PSD. Ainda assim, o Executivo vai alimentando as expectativas dos portugueses de forma a que actuação global do PSD e do Executivo nas legislativas de 1991 resulte de uma linha de continuidade, em vez do juízo dos eleitores se fazer em relação a meia-dúzia de medidas tomadas à pressa, na véspera das legislativas. Entre as medidas que o Governo vai anunciar contam-se benefícios sociais para os cidadãos e outras medidas menos populares, que se destinam a evitar o rótulo do eleitoralismo.

Fonte social-democrata disse ao DL que «até ao momento o PSD conseguiu que o PS o seguisse nas iniciativas e tudo fará para manter essa situação».

Além das iniciativas governamentais os social-democratas vão aproveitar as férias para dinamizar e organizar as bases do seu partido. Nas viagens pelo

país o secretário-geral Falcão e Cunha será acompanhado por deputados da Assembleia da República ou por outros destacados dirigentes do PSD.

Cavaco com deputados para sarar feridas

As Comissões Permanente e Política dos social-democratas reuniram, ontem, para analisar a estratégia política do partido a médio prazo. O calendário da distribuição de regalias sociais, a identificação dos obstáculos que podem levantar problemas ao PSD até às legislativas de 1991 e a previsão das estratégias em desenvolvimento por parte dos outros partidos, e do próprio Presidente da República, para as presidenciais foram assuntos dados à reflexão dos membros da direcção do partido.

O Partido Social-Democrata está a ponderar todas as hipóteses, inclusive a da antecipação das legislativas e o atraso que o Presidente pode provocar na atribuição dos canais de Televisão privados, se decidir pedir a fiscalização da constitucionalidade.

Neste momento, a política de Comunicação Social do Governo é «o calcanhar de Aquiles» do próprio PSD. «Pensar que os cidadãos que decidem as vitórias eleitorais não ligam a este assunto e são facilmente conquistados pelas medidas sociais, é um erro pago mais cedo do que se pensa. A política desastrosa na Comunicação Social nunca deu a vitória a ninguém, outros partidos já tiveram essa amarga experiência», disse ao DL um social-democrata.

A reunião de ontem à noite entre Cavaco Silva e os deputados foi uma tentativa para «sara a ferida» em aberto dentro do PSD, em especial no que diz respeito à atribuição de um canal à Igreja. O primeiro-ministro elogiou os deputados da sua bancada e pediu mais um esforço no sentido de se manterem unidos até às legislativas. Todavia, a privatização da televisão continuará a ser uma questão problemática dentro do grupo parlamentar. Os deputados

vão obedecer à disciplina de voto, mas sob protesto, utilizando para isso as declarações de voto. Figuras destacadas da direcção do Partido Social Democrata vão dar conhecimento público ou, apenas, interno, das suas divergências em relação à política do Governo para a Comunicação Social.

Socialistas preparam-se para a política estival

O líder do PS vai também ter um Verão agitado. A estratégia dos socialistas passa pelo reforço da comunicação nas estruturas de base do partido, designadamente no que respeita à divulgação das medidas propostas, pelo debate do programa de Governo, ainda em fase de elaboração, e pela discussão da estratégia a desenvolver em cada uma das regiões.

No próximo sábado, Jorge Sampaio estará em Monção, numa reunião com os agricultores locais, a quem vai explicar as propostas socialistas para o sector e aproveitar para fazer críticas ao Governo pela liberalização das importações e produtos comunitários.

Entre os temas que os dirigentes do PS vão privilegiar nos contactos com as populações, e particularmente com os militantes, destacam-se a descentralização, a desburocratização da sociedade portuguesa, as questões de Defesa a política económica do Governo e a Comunicação Social.

Na «reentré» política o PS vai preparar o encontro inter-parlamentar em Angra do Heroísmo e as Jornadas Parlamentares do partido que vão ser dedicadas à «Reforma do Estado».

O Verão promete «aquecer», com a já habitual «esgrima política» entre os dois maiores partidos portugueses. Trata-se de liderar a opinião pública. Ambos querem os méritos da iniciativa. O PSD afirma que o PS anda a reboque, os socialistas respondem com a mesma moeda e até 1991 não se vislumbra um intervalo na luta pelo poder.

Maria João Rocha

José Garibaldi

«As leis não são eternas»

«Diário de Lisboa» - Foi eleito para membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social. O Sindicato dos Jornalistas considera que esse órgão está governamentalizado. Qual será a sua eficácia em termos de actuação?

JG - Esta lei que foi aprovada na Assembleia da República tem aspectos bastante graves. Foi imposta sem qualquer preocupação de consensualidade e até contra a posição da Presidência da República. Mas as leis, tal como as maiorias não são eternas. Já anunciaram que esta lei será mudada com a revisão constitucional, mas antes, já no próximo ano é perfeitamente possível que outra correlação de forças possa fazer surgir uma legislação mais razoável que salvegarde melhor os interesses de uma comunicação social independente. Mas tal alteração já não virá repôr algumas coisas que aconteceram com a aprovação da Alta Autoridade, como o fim do Conselho de Imprensa

ou a redução dos poderes dos Conselhos de Redacção.

DL - Sendo contrário a esta legislação e reconhecendo o carácter governamentalizado que tem, qual será a sua actuação no seio daquele órgão? Será a voz que vai contra a corrente?

JG - Há uma experiência de estruturas semelhantes anteriores. A do Conselho de Comunicação Social e dos conselhos de Informação. E nelas verificou-se este facto: a realidade e a vida levaram a que as pessoas, através do trabalho em conjunto e do convívio, acabassem por dar valor ao sentido ético e responsabilidade pessoal que se tornaram mais fortes do que os vínculos partidários.

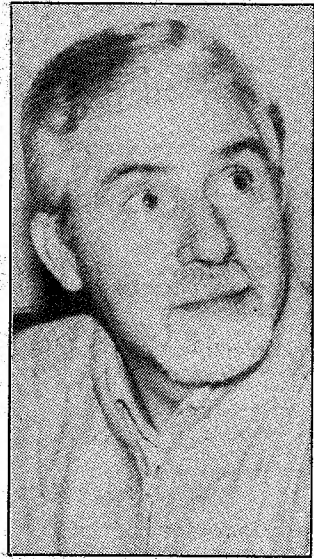
DL - Mas no caso da Alta Autoridade é diferente...

JG - Sim, os dados já estão viados à partida tal como os poderes, ou seja a Alta Autoridade tem um poder muito limitado e terá que se impor no plano ético. Ou ela consegue adquirir um estatuto que faça com que os seus

pareceres tenham peso, ou dificilmente conseguirá fazer alguma coisa. Vai depender muito do trabalho que for feito.

DL - O Sindicato dos Jornalistas recomendou o boicote àquele órgão desaconselhando todos os profissionais a aceitarem convites para o integrar. Como comenta?

JG - O que o Sindicato fez foi um apelo para que os jornalistas não aceitem ser cooptados para não estragar o efeito governamentalizante que a A.A. tem. Em meu entender, na eleição, dos membros para este órgão, não foi valorizado o vínculo socio-profissional das pessoas ao sector, mas o vínculo político das pessoas aos partidos com assento parlamentar. O determinante na minha escolha não foi o facto de eu ser jornalista (e eu mandei uma carta ao Sindicato perguntando se é necessário entregar a minha carteira) mas sim o de ser militante de um partido que me propôs. Penso que a atitude do Sindicato é



justa. DL - A Alta Autoridade foi criada para a atribuição dos canais de televisão. A escolha será isenta?

JG - O que vai estar em discussão é a escolha de entre vários projectos de diferentes grupos económicos. Mas nada nos diz que as pessoas que integram a A.A. têm forçosamente ligações com esses grupos. Há que ter a confiança de esperar, embora se saiba de uma clara dependência partidária.

L.A.B.



Socialismo do Futuro Alfonso Guerra, vice-presidente do Governo espanhol, deslocou-se a Lisboa para o lançamento da revista *Socialismo do Futuro*, uma iniciativa da Fundação Sistema, de Madrid, que será editada em vários países europeus nas respectivas línguas. A edição portuguesa é das Publicações D. Quixote. A revista (a que o DL já se referiu extensamente) visa redescobrir o socialismo, rejeitando os dogmas comunistas e os dogmas neoliberais. O Presidente Soares chegou no fim para abraçar Alfonso Guerra, presidente do Comité de Redacção de *Socialismo do Futuro*.

FORUM

Diário
de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho
de Administração: António Ruella
Ramos.
Administradores: Maria
do Carmo Ruella Ramos, João
Manuel Ruella Ramos, António Brás
Monteiro e António Gomes
da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella
Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David,
Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira,
João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Maria Gulomar Lima,
Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques,
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Campones, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares,
Duarte Calvão, Elsa Andrade,
Emília Trindade, Ernesto Sampalo,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra
Botinas, Lurdes Féria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins, Maria João
Rocha, Maria José Belo Marques,
Marina Tadeu, Marina Tavares Dias,
Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira
de Almeida, Rodrigues Borges,
Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e
Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes
da Redacção: Alessandra Balsamo,
Daniel Oliveira, Francisco Paraiso,
Isabel Joyce, Jorge Falloira
e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo
e José Bandeira

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Emelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António
Carvalho, Jorge Santos,
Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo
e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria
Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano,
44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 -
Telegramas DIBOA - Telex 12363
DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Delegação Norte: Rua Monte
dos Píopes, 326 - Custóias - 4450
Matosinhos - Telef. 9531566
Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço
do jornal: no Continente, 70\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

FASCISTA PROCURA-SE

A reacção da opinião pública portuguesa à digressão turística do deseducado Le Pen foi maior este ano do que em anos anteriores onde parece ter passado despercebido; talvez porque o facto de ser deputado europeu ofenda mais as consciências democráticas; talvez porque o racismo e o xenofobismo não tivessem tido expressão tão contundente como agora. O facto é que por muitos meios se fez saber ao incontível Le Pen que em Portugal não se apreciam fascistas.

O que é um fascista? Causou grande polémica pergunta semelhante feita logo a seguir ao 25 de Abril, na televisão, ao professor Pereira de Mota. Este definiu o que era o fascismo. Para escândalo de muitos definiu a maior parte dos portugueses; pois quem não conhecia um chefe prepotente, quem não conhecia um patrão abusador, quem não conhecia a discriminação nos serviços públicos, nas universidades, nas fábricas, nas escolas; quem não conhecia a arrogância, o despotismo, a indiferença de tantos portugueses, face ao sofrimento, à miséria, à ignorância dos concidadãos?

Para os que tinham vivido a ditadura a propaganda terá atenuado muitos dos aspectos rudes e humilhantes do Poder; é para isso que a propaganda se inventou. Com efeito, as gerações que passivamente suportaram a ditadura eram sujeitas à perseguição, à continuidade obsessiva de uma propaganda de encenação grandiosa, solene, espectacular: a avalanche de «realizações», de «inaugurações», de «melhoramentos»; o cenário «pacífico», o lema soporífero da «ordem pública», o papão da «subversão», a própria «eficiência» da polícia política, tudo isso contribuía para a exaltação doutrinária de um regime que se dizia baseado na família, na religião, na pátria. O «orgulho» pátrio elevado a doutrina de Estado criava de imediato a seguinte discriminação: quem não está connosco é antipatriota. O quadro inamovível das instituições apelava aos instintos de conserva-

dorismo e de perpetuação através da hábil e constante encenação histórica.

Salazar mostrava claramente que considerava que o povo «não estava preparado» para se governar a si mesmo; que a sua política paternalista ia ao encontro dessa deficiência congénita; nem sequer se dava ao trabalho de justificar como é que esse povo subsistira durante sete séculos; pelo contrário, aproveitava da história pátria o caudal absolutista e suas implicações doutrinárias e políticas para se justificar como Pai benévolo de um povo imaturo e impreparado.

Utilizando o patriotismo como processo de aglutinação, como método eficaz de congregação em redor do Poder de um sentimento ambíguo, e que pode ser suficientemente elástico para nos seus muitos cambiantes abarcar todo o género de pessoas, o salazarismo alienou por muitas gerações a ideia de nacionalismo, de imediato conotado com fascismo. Paralelamente, o rasto de mortandade bárbara do holocausto mundial está sempre presente. Temos ainda, nos dias de hoje, fenómeno que baste para provar que o ultranacionalismo, com o seu espírito clubístico e fanático leva às maiores calamidades.

Passemos os olhos pela vasta arena internacional, desde os ressurgimentos nacionalistas a Leste à indomável Mrs. Thatcher. De um lado vemos que os regimes ultra-ideológicos não baniram o sentimento nacionalista. Do lado da inglesíssima Senhora vêm-la encarnar uma certa política «egoísta» puxando todos os cordelinhos, dos políticos aos económicos, dos sentimentais aos bélicos, dos triunfalistas aos ameaçadores. Em plena era da doutrina de integração e de união política e exaltação patriótica ressurgem, seja como doutrina de Estado, seja na sua face «civilizada», de roupagem pseudodemocrática de que se reclamam os lepenistas, seja ainda na selvajaria patológica dos hooligans.

O tardio acerto de passo com o fenómeno irreversível da integração

(que é ainda uma consequência da guerra de há cinquenta anos), a involução da razão portuguesa de estar no mundo que representou a saída de África, a ausência de discussão sobre as marcas que a ditadura deixou, o medo de falar no período de cinquenta anos do fascismo português como se fosse um mero compasso de espera benigno, produzem um lastro de equívocos sobre o próprio conceito de nacionalismo.

Entretanto, os doutrinadores e políticos portugueses sentem que é preciso falar de «identidade», de respeito pela diferença, de pé de igualdade, medos subjacentes à ideia de cendência da soberania a uma entidade extranacional. Acrescentar a este terreno de ambiguidades temos o próprio sistema massificador da sociedade de consumo que é por essência dissolvente de diferenças: a moda, a publicidade, a cultura enlatada, a sintonia mediática, imitativas por excelência, produzem uma uniformização de códigos a que não é alheia a própria monotonia conceptual que a palavra «desafio» cobre como um imenso chapéu de chuva esburacado. A esponja sobre o passado é mais uma consequência desta tensão entre um futuro por identificar, um presente de transição e um passado de vergonha.

Em países que sabem ultrapassar os seus complexos, as atenções concentram-se sobre o neofascismo e neonazismo. Quem julga que o edifício democrático é sólido e que uma vez erigido durará para todo o sempre, fará melhor em visitar os cemitérios e as valas comuns da Europa a abarrotar de milhões de optimistas. O ódio, o racismo, a violência fazem parte da natureza humana. Todas as gerações têm de enfrentar essa ameaça.

Há fascistas que usam como símbolo a suástica. Outros usam o sorriso, a falácia, o voto, a exaltação patriótica, o descaramento, a simpatia, o medo, os media, as fraquezas alheias. Cada milímetro democrático cedido é um bónus aos fascistas «europeus».



Iva Delgado

CARTAS
NA MESALixeiras
enlatadas

Vivemos num país onde até as inovações mais positivas podem acabar, a breve trecho, por ganhar aspectos nocivos, algumas vezes mais graves que os problemas que, em princípio, deveriam resolver. O exemplo mais recente que disso se pode dar são os contentores portáteis de entulhos que, colocados e posteriormente recolhidos por camiões equipados com guindaste especial, fizeram o seu aparecimento nas proximidades de obras a decorrer em Lisboa num passado ainda muito recente. Era mais uma importação de países onde as coisas como esta nascem ou chegam primeiro.

A utilização destes recipientes teve, no entanto, entre nós, uma utilização que presumo original. Perderam, como principal função, a de recolha e transporte de entulhos de maneira fácil e expedita, para se tornarem depósitos mais ou menos sedentários, onde, durante semanas de permanência no mesmo sítio, se acumulam os materiais a que efectivamente se destinam com os mais diversos tipos de lixo domésticos, alguns dos quais, apodrecidos, exalam cheir os nauseabundos.

Supondo que tal equipamento é pago na base do seu aluguer diário, as empresas que os exploram devem estar radiantes com este modo original do utilizar, proporcionando um volume de facturação muito superior ao gerado por uma procura para fins mais racionais. É evidentemente um aspecto que não preocupa o cidadão comum. O que ele não quer é a permanência constante dessas lixeiras ambulantes a agredir-lhe o olfacto, quando não a saúde, e a entrar-lhe o passo, nas bermas e nos passeios. Para isso, já bastam os automóveis.

Mário Piedade
Leitor de Lisboa



ESPECIAL FÉRIAS/90

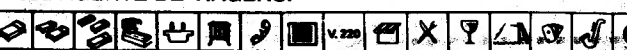
no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

9.º JUÍZO CÍVEL DA
COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Processo n.º 87/90 2.ª Secção

O Doutor Graça Maria Lima de Figueiredo Amaral

Faço saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e segunda secção correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos, do executado FIGUEIRA - COOP. Cooperativa Agro-Pecuária de Figueira de Castelo Rodrigo, com sede em Figueira de Castelo Rodrigo, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumária - movida por MANUEL GARRIDO & GARRIDO, Lda, com sede em Lisboa na Rua dos Bacalhoados, n.º 32 B e C, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 27 de Junho de 1990

O Juiz,
Graça Maria Lima de Figueiredo
Amaral
P.º O'Escrivão de Direito,
Beatriz Fernanda Marques Ribeiro
M.

DL - 12/7/90 - 2.ª Pub

Mea culpa

Nem das incursões delirantes da alta tecnologia está Macau ao abrigo. A edição de anteontem do DL deslustra-se com tontices informáticas, contrapartida dos prodígios benéficos do progresso, em território que o software também já morde. Abreviando: os textos «Melancia: um lusitano resoluto com mandato a prazo» e «O regresso de 'O Vingador' ou as originalidades da Imprensa de Macau», assinados por C.G.B., saíram com um número de gralhas superior ao digerível, não obstante terem sido corrigidos. Se lhe proporcionamos uma charada imprevista e a resolveu com prazer, anime-se, leitor, que a high-tech possui recursos inesgotáveis para brincar consigo e connosco; se não achou graça nenhuma, perdoo-nos. Mais longe não podemos ir, embora desejássemos estar em condições de lhe prometer que nunca mais o colocaríamos desprevenidamente à mercê de um computador reinado. Por outras palavras: em vez de desculpa, o que nós queremos pedir-lhe é solidariedade.

FORUM

ESCREVER SOBRE QUÊ?

Que representa um olhar ilhéu sobre a política nacional ao ponto de se justificar uma contribuição quinzenal neste vespertino?

Que pode um madeirense filiado nas correntes democratas-cristãs trazer de novo a um jornal já tão habituado às crónicas e análises políticas?

Possivelmente bem pouco, ao ponto de não se justificar a existência desta neófito coluna. Possivelmente não mais do que uma «reescrita» da coisas já ditas a/ou pensadas. Com poucas dúvidas fica a esperança de que valha a pena, embora antecipadamente se reconheça que em maior se perspectivam dificuldades particularmente para aqueles que nada mais tendo com que se preocupar procuram nas palavras de outros, argumentos para as suas afirmações pessoais.

Reconheço aliás que essa «coisa» de escrever tem algo de contraditório. O povo diz que «quem cala, consente» e que «o silêncio é de ouro» numa síntese magnífica do dilema que a todos os que escrevem se coloca. A política exige a palavra, mas pela palavra se distinguem dos actos, os homens. É habitual até que entre nós haja políticos de esquerda que falem à direita! A escrita estraga a sinceridade dos factos, mas sem ela de pouco serve agir.

O problema talvez se resuma a

saber se possuímos o necessário distanciamento ou a objectividade imprescindível para podermos falar dos acontecimentos que nos preocupam. Saberá um homem que não usa transporte público abordar os problemas daqueles que só usam esse meio de deslocação? Ou, pelo contrário terá a objectividade que se sinta como necessária para falar das carências habitacionais, aquele que não tem cada para viver?

A este respeito o facto de viver numa ilha ainda muito distante do «centro» da política, se por um lado pode tornar a objectividade mais visível, por outro não legitima que se aborde tantos e tantos temas que não conhecemos minimamente. O viver por dentro dos prolemas ou o estar longe deles é no fundo remeter-se a questão do método de conhecer: quem sabe é quem vive ou é quem vê?

Tenho a percepção de que na política as observações que os leitores fazem são mais deste género do que profundas reflexões sobre a justeza dos pensamentos: terá aquele deputado legitimidade para falar? Não estará o presidente da câmara a resolver preferencialmente os problemas da sua família, naquela estrada que resolveu implementar? Como se compreende que um Governo aumente os seus ordenados ou suspenda as «incompatibilidades

legais» e por outro peça esforços de contenção de despesas?

Não quero com isto prefilhar-me nessas caóticas deambulações de carácter filosófico de que as ideias acabaram, particularmente no domínio político, mas não tenho qualquer tipo de dúvida de que a forma de agir dos políticos e até a forma de defender ou reivindicar posições ultrapassou o interesse popular das suas ideias sobre o papel do Estado ou sobre a hierarquização da liberdade frente à igualdade.

A questão da coerência domina hoje as consciências dos eleitores ao ponto de ser legítimo dizer-se que o comportamento faz parte da política. É, aliás, nesse sentido que é oportuno reequacionar a política não apenas como oferta global de meios para o bem comum, mas também pela especial valia de quem assuma responsabilidades políticas até pelo relacionamento que tem com os governados na sua globalidade. Como exemplarmente me dizia uma mulher da minha terra: os partidos são letras, importa é saber o que são as pessoas que estão à frente dessas partidos.

Com este propósito inicio esta coluna. Falemos dos homens mais que das ideias. Até porque estas estão aí para servir aqueles, reconhecendo-se que não é a prática ou o pragmatismo que afasta a perenidade dos pensamentos.



Ricardo Vieira

CONTRADIÇÕES POLÍTICAS DOS ANOS 90

As repúblicas populares deixam de ser populares, por iniciativa e imposição popular.

As repúblicas democráticas aderiram aos valores democráticos da Civilização Ocidental e então abandonaram o título de democráticas.

Deseja-se a união política europeia com um Parlamento Europeu centralizando real poder político, mas favorecem-se os nacionalismos emergentes, a reorganização das autonomias e a consequente proliferação de parlamentos, ciosos da independência do seu poder político.

Os políticos programavam a longo

prazo, durante a Guerra Fria; consideram imprevisível o dia de amanhã, agora que há paz.

Havia imobilismo e estabilidade, nas relações internacionais do período de confronto; existe grande instabilidade e há muitas dúvidas, nas do período de paz.

São so homens que estão a mudar o mundo, mas «o mundo está a mudar mais rapidamente do que a nossa forma de pensar» (sr.^a Thatcher) e assim, «se queremos ser capazes de enfrentar o desafio da mudança teremos também de mudar» (Woerner). Afinal, quem

muda quem?

Desapareceram os inimigos e agora a agressividade não tem alvo; o inimigo passou, não passa a agressividade; o mal está na agressividade e não na designação de um inimigo.

A Europa viveu pela primeira vez 45 anos em paz, porque havia dissuasão; receia agora perder a paz, porque deixou de haver confronto.

A dissuasão militar imposta pela força armada proporcionou 45 anos de paz; mas, porque há paz, há quem não saiba agora para que servem as Forças Armadas.



A. E. Sacchetti

PRECISA-SE

Empresa de confecções admite mestres e ajudantes de mestres.

Telefone: 37 20 21 e 37 22 21

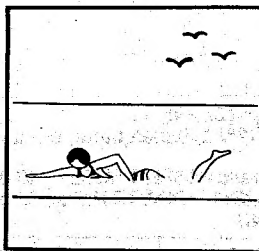
Horário: das 9 às 18 horas

SE

nada pouco

ou tem câibras

não se afaste da praia



Diário de Notícias

De um editorial:

(...)Dez meses decorridos sobre o desencadear das hostilidades que fizeram do tristemente célebre cartel de Medellin o seu alvo principal, uma grande parte dos americanos ainda acredita nas (boas) intenções do Governo - mas mostra-se descrente do êxito efectivo dessa mesma ofensiva. Para a esmagadora maioria do povo norte-americano, a droga é, cada vez mais, um problema «muito sério», não escondendo a sua crescente preocupação ante o avolumar do consumo da cocaína e do crack - um derivado daquela, utilizado especialmente pelas camadas mais pobres -, com todos os seus conhecidos malefícios, sobretudo entre a juventude.

Deverá concluir-se de tudo isto que, não obstante as bem-sucedidas operações, envolvendo forças militares, que levaram à destruição de numerosas plantações de coca e os assaltos desencadeados contra os quartéis-generais dos poderosos patrões da droga, a questão passa essencialmente pela prevenção e sensibilização das camadas mais jovens - a começar pelas escolas com uma frequência, em termos etários, mais baixa. Não é por acaso que é cada vez menor a idade em que se começam a detectar indícios de contaminação de drogas leves, o que revela que é já ao nível da criança que actualmente os passadores começam a exercer a sua nefasta acção, nela vendo um potencial consumidor para as drogas duras, a que, mais tarde ou mais cedo, a habitação criada por aquelas a levará. (...)

11.Jul.90

PUBLICO

De um artigo de Adriano Moreira:

(...)Talvez possam começar a ser identificadas algumas convicções generalizadas sobre aquilo que a procurada nova ordem não deverá, ou não poderá ser: não repetirá o passado euromundista político, porque todas as antigas formas de domínio foram repudiadas - o que não significa que não estejam outras em progresso; deverá superar a bipolarização, tornando a gestão estratégica mundial mais descentralizada, com as vantagens e risco inerentes; deverá consagrar a competição nos limites da solidariedade mundial, eliminando a subida aos extremos da guerra ao menos no plano das intenções e dos princípios; reconhecerá que existe uma sociedade civil mundial, submetida a desafios indivisíveis por bandeiras; o bem comum desta sociedade civil mundial acarretará modificações na estrutura dos modelos políticos conhecidos, sem grande previsão sobre a nova forma da velha invenção chamada estado soberano.

Sobre esta mudança, que afecta conceitos fundamentais da vida dos povos, sabemos apenas que não existem formas políticas eternas, e que quando a Bíblia enumera as coisas que o Criador fez e achou boas, não menciona o estado: ficou entre os acabamentos a cargo dos homens, todos perecíveis. (...)

11.Jul.90

JORNAL DE NOTÍCIAS

De um artigo de Beja Santos

(...)Os jovens constituem uma faixa etária de interesse crucial para as tabaqueiras: aproximadamente 60% dos fumadores começaram a fumar cerca dos 13 anos e mais de 90% antes dos 20 anos. Segundo o Bureau European para a Acção de Prevenção Tabágica, a indústria do tabaco tem que atrair diariamente mais de 5 mil jovens ao hábito de fumar a fim de substituir os ex-fumadores ou aqueles que morrem prematuramente por causa de alguma doença produzida pelo tabaco. Entronca aqui a polémica entre os movimentos antitabaco e a indústria acerca do poder que tem a publicidade de influenciar, cujos contornos vale a pena precisar melhor.

Diz a publicidade que só pode influenciar a que os fumadores mudem de marcas. No entanto, parece estar comprovado que anualmente só uns 2% dos fumadores mudam de marca. Tal número não justificaria a importante quantidade de dinheiro que as empresas despendem em publicidade e promoções. (...)

11.Jul.90

INTERNACIONAL

Brasil quer ter voz na CEE sem esquecer desafio de Bush

S. Paulo, Especial para o DL

«A presença de Portugal nas Comunidades Europeias é para nós uma garantia de que não há a mínima possibilidade de a voz do Brasil não ser ouvida na CEE. Nós tínhamos bons amigos, bons interlocutores, mas só com Portugal temos a garantia absoluta de que em nenhuma hipótese os propósitos brasileiros deixarão de ser ouvidos nas Comunidades» - afirmou ao «DL» Francisco Rezek, ministro de Estado das Relações Exteriores do Brasil, durante os trabalhos do I Fórum Euro-Latino-Americano, que hoje termina em São Paulo.

Em identidade de pontos de vista isso mesmo referiu também o secretário de Estado da Integração Europeia, Victor Martins, que encarou Portugal como «ponte para o estreitar das relações entre a Europa e o Atlântico Sul, nomeadamente o Brasil». A tendência contemporânea para a integração regional, como necessidade imperativa que o mundo está a revelar, foi constatada por Victor Martins. Tal constatação veio particularmente a propósito da recente proposta de George Bush de criar o chamado «empreendimento para as Américas». A ideia comporta três vectores: transformação do hemisfério americano numa zona de comércio livre, investimentos na América Latina através do Banco Interamericano de Desenvolvimento e novas propostas de redução da dívida externa dos países da região.

A proposta dos EUA motivou aceso debate. Desde logo do próprio responsável pela diplomacia brasileira que considerou a proposta positiva. «Não é um acto assistencial. Acredito que isso se deve ao facto de a América Latina poder estar a recuperar uma posição de maior valor que aquela posição de extremo sacrifício em que se encontra há 20 anos» - referiu Francisco Rezek. Questionado sobre a resposta a dar à iniciativa americana, o ministro disse que «a primeira preocupação que se coloca ao Governo brasileiro é que não há razão para ter pressa». O chanceler argentino vai estar em Brasília nos dias 1 e 2 de Agosto para «combinar uma fala comum» com o Brasil. Hoje mesmo, Rezek está no Chile e, como referiu, «pode ser que este assunto também seja afluído com as autoridades locais».

Para Felipe Paolillo, embaixador do Uruguai na ONU, a proposta Bush pode ser vantajosa para o continente latino-americano. «Não é filantropia. Os EUA

fazem-na por interesse próprio. É uma reacção à maior autonomia europeia» - afirmou. E concluiu: «A América Latina tem que responder colectivamente aos EUA. Não podemos perder esta oportunidade».

Recuando um século, Bradl Aleixo, da Universidade de Brasília, lembrou que já em 1889 tinha surgido a ideia de uma União Aduaneira do Alasca à Patagónia. Contudo, apesar da necessidade de intensificar o relacionamento com os EUA, esse investigador defende que tal não deve significar um afastamento da América Latina da Comunidade Europeia.

O horizonte europeu

As trocas comerciais entre a CEE e a América Latina têm registado algum retrocesso nos últimos anos. Segundo as últimas estatísticas conhecidas, a Comunidade fica claramente atrás dos EUA na absorção das exportações latino-americanas. No que respeita às exportações da CEE para aquele continente elas representam apenas 4 por cento do total exportado, valor inferior ao verificado no início dos anos 80. Para esta situação contribuiu, como reconheceu o secretário de Estado Victor Martins, «uma política de substituição de importação e de auto-suficiência praticada por muitos países latino-americanos que têm frequentemente registado efeitos contrários aos pretendidos, conduzindo a um maior grau de dependência em relação ao exterior, na medida em que, ao contrariar a natural especialização em sectores onde as vantagens comparadas são evidentes, têm limitado as possibilidades de obtenção dos meios de pagamento externos que permitam a satisfação das necessidades essenciais de importação».

Apesar disso, a aceleração do projecto de união política europeia pode aumentar o protagonista europeu na política mundial. Para este efeito a Europa necessita de parceiros. A América Latina pela sua cultura europeia, pelo processo democrático que atravessa e pela coincidência das reformas económicas que enfrenta pode ser um parceiro europeu, tanto mais que, como reconheceu o director do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (SEEI), Álvaro Vasconcelos, a África vive uma grave crise e o Pacífico é zona de convergência japonesa e americana. Este interesse europeu explica que a estratégia comunitária para os anos 90, que se encontra em estudo, preveja um aumento de 82 por cento no investimento de cooperação,

nomeadamente na América Latina.

Abel Matutes, membro da Comissão Europeia e que também participa neste Fórum, preconiza o estímulo do potencial científico latino-americano, a melhoria da competitividade das suas empresas, a promoção dos investimentos naquele continente, a abertura de novos mercados de exportação, nomeadamente o comunitário, a transferência de tecnologia, entre outras iniciativas.

Nesta aproximação comunitária a América Latina compete com o Leste europeu, agora que todas as atenções aí se concentram, após a falência do modelo comunista. Álvaro Vasconcelos opina que a América de expressão portuguesa e castelhana tem vantagens comparativas relativamente ao Leste pois já se democratizou e vive em economia de mercado. Mas há quem não seja tão optimista. Olavo Setúbal, antigo ministro das Relações Exteriores do Brasil, citou o caso do sector educativo, mais desenvolvido no Leste europeu que na América Latina, o que limita as possibilidades competitivas. E há também quem seja mais radical e recuse os pressupostos que poderão fazer sair o continente da profunda crise em que vive. Posturas nacionalistas, pouco disponíveis para contemporizar com pretensos «projectos mundiais» europeus foram defendidas. Houve ainda quem levantasse dúvidas sobre o fim da guerra fria e constatasse que «o senhor Gorbachev não rejeitou ainda o leninismo», o que poderia vir a alterar o enquadramento da evolução internacional.

As atitudes dos latinos repartem-se normalmente entre o optimismo e o pessimismo. Daí que falte muitas vezes, como foi afirmado, «a convicção de que as transformações são possíveis». Oliveira Ferreira, director da «Estado de São Paulo» concluiu que «aquilo que realmente divide a América Latina é a sua fragmentação». Assim sendo parece irreversível que a solução para o seu desenvolvimento não poderá deixar de passar por um maior entendimento regional e por um acentuar da cooperação os países com quem tem mais afinidades, caso das Comunidades Europeias. O I Fórum Euro-Latino-Americano, iniciativa do IEEI português e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Brasil), termina esta tarde com uma sessão solene em que participam Orestes Quercia, Governador deste Estado brasileiro, e o ex-primeiro-ministro Pinto Balsemão.

António José Telxela



O ministro dos Negócios Estrangeiros Italiano, Gianni Micheli

A partir de hoje na presidência da CEE

Italianos lançam proposta para retoque de imagem

A Itália estreia-se hoje na presidência da CEE, apresentando perante o Parlamento de Estrasburgo o seu programa de seis meses. Os italianos pretendem que este exercício fique assinalado por um grande passo em frente na União Europeia, dissipando deste modo a imagem negativa de um país dominado pela instabilidade política, pelo mau comportamento em termos de cumprimento das directivas comunitárias e por um número recorde de processos no Tribunal do Luxemburgo.

Os italianos deverão propor logo no início do seu mandato que um por cento do Produto Nacional Bruto da CEE reverta para a ajuda externa. Segundo informações colhidas em Bruxelas, a Itália pretenderá que os montantes recolhidos, através daquela operação se destinem aos países mediterrânicos (25 por cento); para a Europa do Leste (a mesma percentagem); e 50 por cento para os países em vias de desenvolvimento.

O programa italiano será apresentado em Estrasburgo pelo titular de pasta dos Negócios Estrangeiros, mas a proposta visando a ajuda externa poderá ser reservada para outra ocasião. Gianni de Michelis, ainda há poucos dias, num discurso proferido em Bruges, no Colégio da Europa, afirmou que a Itália «será certamente dos países que mais pressionarão no sentido das soluções mais avançadas na via que conduz a União Europeia». Recorde-se que a Itália ficou ligada a um salto em frente na Comunidade, aquando da última vez que exerceu a presidência: a assinatura do Acto Único.

Tréguas

Integrando o quarteto dos países mais poderosos da CEE, a Itália nunca conseguiu, de facto, exercer essa preponderância, devido a instabilidade política que a persegue desde o pós-guerra. Neste próximo semestre, numa postura verdadeiramente patriótica e imprevisível, governo e oposição decretaram tréguas, para que a presidência das Comunidades possa ser exercida sem sobressaltos.

Prevê-se ainda que a meio do mandato de seis meses o parlamento italiano inicie uma autêntica maratona para transpor legislação comunitária para o foro nacional, de molde a mitigar a fama de mau comportamento de que o país é acusado pela maioria dos seus parceiros.

A presidência italiana deverá ser assinalada por eventos de grandes repercussões internacionais, nomeadamente: a Conferência de Cooperação e Segurança Europeia, em Paris, a 19 de Dezembro; as conferências intergovernamentais sobre a União Económica e Monetária e da União Política, ambas em Roma, a 13 e 14 de Dezembro, para além das cimeiras dos Doze, uma delas extraordinária, em Outubro, também em Roma. Os italianos poderão desenvolver ainda um papel preponderante no domínio da ajuda económica à União Soviética (Jacques Delors e outros peritos estarão em Moscovo entre 18 e 20 do corrente mês); na diminuição das pressões sobre o regime de Pretória; e na definição dos critérios para a localização das instituições comunitárias.

A partir de hoje e durante seis meses a Comunidade Europeia caminha ao ritmo da tarântula.

José Rui Cunha

Exército nicaraguense «não disparará contra o povo»

Violeta Chamorro, tendo a seu lado o comandante do exército, Humberto Ortega, deu ontem à noite uma conferência de Imprensa em Manágua em que defendeu a retomada do diálogo como os grevistas que paralisam o país há 15 dias, desde que estes ponham fim ao seu movimento. Por seu turno, o ex-comandante sandinista disse que o exército acatará as ordens da presidente para

impedir os distúrbios, sublinhando que estava afastada qualquer hipótese de um golpe de Estado, mas que «não disparará contra o povo». Também ontem à noite, o ex-presidente Daniel Ortega apelou aos grevistas para agirem com «firmeza e energia, mas igualmente com maturidade» evitando provocações e distúrbios dos «sectores extremistas» próximos do Governo que preten-

dem criar as condições para uma intervenção norte-americana. Washington acusou ontem os sandinistas de estarem a sabotar a reconstrução do país, faltando à promessa de respeitar os resultados das eleições e formar uma oposição construtiva. Os sectores mais anti-sandinistas do Governo, liderados pelo vice-presidente Virgílio Godoy, querem formar uma Comissão de Salvação

Nacional para solucionar os confrontos dos últimos dias que provocaram seis mortos e mais de meia centena de feridos. Chamorro, porém, já desautorizou a formação de qualquer comissão, preferindo a via do diálogo, que, aliás, foi retomado, em segredo, com os sandinistas na noite de anteontem para ontem.

Redacção «DL»/AFP

INTERNACIONAL

28º Congresso do PCUS

O discurso da viragem

De Moscovo,
especial para o «DL»

O 28º Congresso do PCUS corre agora mais rápido, para recuperar o tempo perdido nos acalorados debates dos primeiros dias.

O partido tem novos estatutos. A declaração programática «rumo ao socialismo humano e democrático» foi aprovada e constituída a comissão que a transformará no novo programa do PCUS. Durante a discussão foram introduzidas mais algumas emendas que já não reflectem a composição maioritariamente conservadora do Congresso de que tanto se falou.

Uma após outra, as resoluções vão passando no julgamento dos delegados. A ausência de alternativa ao mercado controlado para sair da crise económica recebeu 3.400 votos a favor, número curiosamente semelhante ao que elegeu Mikhail Gorbachev para o cargo de secretário-geral.

Havia certa expectativa sobre quem seria a segunda figura do PCUS, o adjunto de Gorbachev o qual, ocupado na presidência do país, terá que nele delegar a questão quotidiana dos assuntos partidários. O candidato que acabaria por vencer, Vladimir Ivachko, é considerado pelo secretário-geral uma pessoa «capaz de unir, manter o diálogo e cooperar», e com quem as coisas serão mais fáceis. O derrotado, Igor Ligachev, causaria certamente problemas a Gorbachev. Anatoly Dudarev, que se auto-apresentou para o cargo não tinha desde o início qualquer hipótese.

Ligachev, o chefe dos críticos da *perestroika* e o homem dos ataques pessoais contra os que, ao lado de Gorbachev, se empenharam na sua defesa, acabou por ser reconduzido ao campo de batalha pela mão do próprio secretário-geral do PCUS,

depois de ver a sua candidatura rejeitada pelo Conselho de Delegações. O uso de uma prerrogativa dos velhos estatutos, já substituídos, deu a Gorbachev a oportunidade deste elegante gesto.

Entretanto, de todos os documentos nos últimos dias apresentados no Congresso, o mais importante não carece de aprovação. Refiro-me ao discurso com que Gorbachev encerrou a discussão do relatório político, uma verdadeira declaração de novos princípios para a gestão do país.

Dele, disse Anatoly Sobchak, presidente da Câmara Municipal de Leníngrado e deputado, ser o discurso que esteve à espera de ouvir durante meio ano. «Ele deveria ter sido proferido em Dezembro do ano passado, no II Congresso de Deputados do Povo na URSS. Se isso tivesse acontecido, já poderíamos ter avançado muito na democratização do país».

Mikhail Gorbachev fez uma avaliação bem clara da situação no país e no partido, delineou com a máxima precisão todas as suas posições de princípio e afirmou a necessidade de uma *perestroika* mais determinada e persistente. Fê-lo de uma forma brusca, pouco habitual nele.

Criticou com firmeza o dogmatismo na ideologia e a atitude negativa da maioria dos delegados em relação à economia de mercado. Condenou implacavelmente os dirigentes partidários locais que nada querem mudar no seu trabalho e advertiu os críticos mais conservadores da impossibilidade de voltar ao dia de ontem. E para aqueles que ao serviço do Estado não estão de acordo com a política do país e para o generalato conservador, Gorbachev não podia ser mais claro: «São pessoas honestas, devem pedir a demissão».

Os resultados desta inter-



Comício de mineiros em greve, na cidade de Donetsk, para exigirem a demissão do Governo e reformas na KGB

venção de Gorbachev vão-se traduzir na política do país e já se manifestaram na condução do Congresso.

Agora aos delegados e depois aos dirigentes do PCUS não resta outra alternativa que não seja seguir a *perestroika*. Senão, este deixará de ser o partido do poder, cedendo o lugar a outras forças que entretanto surgiram e vão surgindo na vida política.

O Partido Democrático da Rússia, fundado no ano passado por Nikolai Travkin, que para isso abandonou o PCUS, tem, segundo as sondagens, alguma implantação. Ele defende a privatização da economia e a desideologização da vida social. O seu líder afirma ter o maior respeito por Gorbachev.

Representantes da «Plataforma Democrática» anunciaram também a sua intenção de formar um novo partido. Muitos dos seus possíveis fundadores aguardam os resultados do Congresso e os seus reflexos na evolução do PCUS para tomarem uma decisão definitiva.

Entretanto, no momento em que escrevo, os mineiros das maiores bacias carboníferas da URSS desencadearam uma greve política exigindo a demissão do Governo e o afastamento do partido dos órgãos do poder. A sua verdadeira dimensão não é ainda conhecida em Moscovo e apesar de Gorbachev a ter minimizado, no Congresso, não é certo que ela seja inócua.

Guennadi Petrov

Albânia

Refugiados são hoje evacuados por mar

Dois navios italianos partiram esta manhã de Veneza e Brindisi, tendo como destino o porto albanês de Durrës. Ainda esta noite deverão retornar à Itália trazendo a bordo milhares de albaneses que há dez dias se refugiaram nas embaixadas da RFA, Itália e França, entre outros países, em Tirana. É o fim de uma crise que já trouxe várias alterações à vida do último país estalinista da Europa, tais como o reforço da ala reformista do Governo, liderada pelo presidente Ramiz Alia.

Do porto grego de Patras, partiu o navio «Orient Star» que vai evacuar os refugiados que escolheram a França como país de adopção. Um terceiro comboio completará amanhã a operação, que é coordenada pela França, Itália e RFA.

A via marítima para a evacuação dos refugiados foi decidida porque o aeroporto de Tirana não tem suficiente capacidade para acolher o número de aviões que seriam necessários e, nem as condições de segurança apropriada. No entanto, alguns diplomatas ocidentais que desconfiam das autoridades albanesas, continuam a temer pela sorte dos refugiados durante a travessia marítima, afirmando que a polícia continua a cercar as embaixadas.

Redacção «DL»/AFP

Mais sete cubanos na embaixada checa

Quando ia buscar os jornais ao portão da embaixada da Checoslováquia em Havana, ontem de manhã, um funcionário encontrou no jardim mais sete refugiados cubanos. Aumenta assim para 14 o número de pessoas que desde segunda-feira procuraram a missão diplomática pedindo protecção contra as autoridades de Cuba. Os novos refugiados, que, estranhamente, conseguiram passar sem dificuldades pelo cordão de segurança montado em torno da embaixada, reivindicam o direito de abandonar o país.

Desde da tarde de terça-

feira que a segurança em torno da missão foi reforçada, a pedido dos diplomatas checoslovacos que temem uma fuga maciça para as suas instalações. A embaixada está situada numa pequena casa de dois andares num bairro tranquilo de Havana. Essa protecção, no entanto, não foi suficiente para impedir a entrada dos novos refugiados. Diversas testemunhas afirmam que foi ligeiramente reforçado o policiamento em torno de outras embaixadas de países de Leste, como a Hungria, a RDA e a Bulgária.

Redacção «DL»/AFP

Paz para Moçambique avança em Itália

Enquanto as atenções no passado domingo estavam inteiramente voltadas para a final do Mundial de Itália, no Estádio Olímpico de Roma, ali bem perto, delegações do Governo de Moçambique e da Renamo iniciavam os primeiros contactos directos, que terminaram na terça-feira, com vista a alcançar uma plataforma de cessar-fogo no país.

O delegado do Governo italiano à primeira ronda de conversações, Mário Raffaeli, deputado socialista e ex-secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, afirmou ser «realista prever que se chegue a um acordo de cessar-fogo ainda durante 1990». Uma nova ronda de conversações está já agendada, mas não foram reveladas nem o dia nem o local do encontro.

O chefe da delegação da Renamo foi menos optimista quanto às expectativas criadas pelo Governo italiano, considerando que ainda «é muito cedo para falar de cessar-fogo até ao Natal».

No comunicado conjunto emitido à saída das conversações, as delegações do Governo moçambicano e da guerrilha afirmam-se prontas a «empenharem-se a fundo num espírito de respeito e compreensão mútuas, na procura de uma plataforma de trabalho que ponha fim à guerra e crie as condições políticas, económicas e sociais que permitam realizar uma paz duradoura e normalizar a vida de todos os cidadãos moçambicanos».

Para além da mediação do Governo italiano, estiveram presentes nas conversações o arcebispo da Beira, D. Jaime Gonçalves, e dois representantes da comunidade de Santo Egídio, Andrea Riccardi e Matteo Zuppi. A chefia da delegação do Governo de Maputo esteve o ministro dos Transportes e Telecomunicações, Armando Guebuza. Raúl Manuel Domingos, das Relações Exteriores da Renamo, chefiou a delegação dos rebeldes.

Redacção «DL»/Lusa

Gorbachev poderá participar na próxima cimeira dos Sete

A primeira-ministra britânica deixou em aberto a hipótese de poder convidar o Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, a participar na cimeira do próximo ano em Londres, do grupo dos sete países mais industrializados.

Thatcher, que falava aos jornalistas no final da cimeira de Houston, disse que planeia convidar Gorbachev para a próxima Cimeira dos Sete, a realizar em julho de 1991, em Londres.

De referir que, por outro lado, Mikhail Gorbachev já foi convidado a discursar numa próxima cimeira da NATO, em Bruxelas.

Entretanto o Presidente norte-americano, George Bush, indicou que nos próximos dias vai dar conta ao seu homólogo soviético, Mikhail Gorbachev,

dos resultados da cimeira de Houston (Texas).

No comunicado final, os membros do Grupo dos Sete (Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá, França, Itália, Japão e RFA) congratularam-se com os esforços soviéticos no domínio económico, mas recusaram-se a fornecer uma ajuda financeira imediata à URSS.

O Presidente francês, François Mitterrand, por seu turno, revelou uma satisfação moderada, ao afirmar que houve «avanços» em Houston, mas lamentou que a proposta francesa, em relação às ajudas à URSS não tenha sido apoiada.

Com efeito, a França e a RFA estão convencidas da necessidade de uma rápida ajuda financeira à «Perestroika»

de Gorbachev. Mas a decisão tomada pela cimeira foi a da nomeação de quatro agências de auxílio internacional que, sob a direcção do Fundo Monetário Internacional (FMI), vão conduzir um estudo sobre a economia soviética para apurar as necessidades de Moscovo. Este trabalho deverá estar pronto em Dezembro, data proposta pela RFA, e altura em que deverá ocorrer o processo de reunificação das duas Alemanhas.

O comunicado final permite, no entanto, a cada nação, decidir sobre a prestação de auxílio numa base individual, à medida que o considere necessário; mas alerta para que, em termos colectivos, essa ajuda estará dependente das mudanças registadas na União Soviética.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Ialta, há 45 anos (conclusão)

O fim da euforia

Em Ialta, os três grandes não dividiram o Mundo entre si: assinaram uma série de acordos muito generosos, dos quais a maioria foi violada, e remeteram para os peritos, ou para reuniões ulteriores, por não os terem conseguido resolver, problemas essenciais como o destino da Alemanha ou o da Polónia.

É certo que o Mundo foi dividido, mas segundo uma lei não escrita. E isso verificou-se devido a dois acontecimentos particularmente «incontornáveis»: em primeiro lugar, a progressão do Exército Vermelho, que já ocupava, por ocasião de Ialta, a Roménia, a Bulgária, a quase totalidade da Polónia, dos países bálticos e da Prússia oriental, dois terços da Hungria e da Jugoslávia, o Leste da Checoslováquia, uma parte importante da Silésia e da Pomerânia. Como se poderia ter convencido Estaline a fazê-lo recuar? Depois, no mês de Agosto seguinte, Hiroshima, que deu aos americanos os meios de esquecerem a promessa feita por Roosevelt de retirar rapidamente as suas tropas da Europa, o que viria a inquietar Khrushchev, como este manifestou a Kennedy quando se encontraram, em Viena, em 1961.

Hiroshima teve um outro

efeito: fazer da única partilha que fora concluída em Ialta, a dos despojos do império nipónico, um perfeito logro. Os Estados Unidos, receando que o conflito com o Japão se prolongasse por muito tempo, queriam ter a certeza de que, com o Reich derrotado, os soviéticos se lhes juntariam. Estaline comprometeu-se, sem dificuldade, a declarar guerra a Tóquio, no três meses que se seguiram à capitulação do Reich, mas impôs condições, do género da «restauração dos direitos da Rússia, violados pelo ataque traíçoeiro do Japão» (1904). Por outras palavras, a restituição do Sul de Sakhaline, de Port Arthur, de Darien, e do caminho-de-ferro da Manchúria.

Os soviéticos acabaram por intervir, no dia 8 de Agosto, na guerra contra o Japão. Mas Hiroshima recebera, quarenta e oito horas antes, o baptismo atómico. De súbito, os soldados soviéticos chegavam como carabineiros. E Estaline já não tinha meios para reclamar uma zona de ocupação do género das que os vencedores se tinham atribuído, na Alemanha e na Austria.

Para estes dois países, o traçado das zonas fora delimitado em Londres, alguns meses antes, por uma comis-

são de peritos. Foi aceite em Ialta, sem discussão. Tal como acontecera relativamente a conseguir um assento permanente no Conselho de Segurança, Churchill teve que se bater para obter zonas para a França. Roosevelt, e depois Estaline, no meio de diversas amenidades para com a França e de Gaulle, fizeram saber que só acediam por «pura bondade».

A grande preocupação dos «três» de Ialta era, como é óbvio, vencer, antes de mais, a guerra. E, em seguida, pôr, por muito tempo, a Alemanha fora de condições de incomodar. Nesse sentido, já se falara, em Teerão, na possibilidade de a desmembrar. Estaline recordou que Roosevelt sugerira dividir o país em cinco Estados autónomos - estando o canal de Kiel, Ruhr e Sarre internacionalizados, sob o controlo da ONU -, enquanto Churchill se mostrara favorável à formação de uma federação austro-bávara e à exclusão de Westfália e de Ruhr da Prússia. É tempo - disse - de tomar uma decisão. Mas nenhuma foi tomada, excepto a de constituir uma comissão para o desmembramento.

Esta deixara de funcionar quando, no dia a seguir à vitória, e sem ter consultado

ninguém, «Oncle Joe» declarou que «a URSS não tinha a intenção de desmembrar ou de destruir a Alemanha». Não se falará, pois, mais do assunto, e chegar-se-á a acordo, em Potsdam, no mês de Agosto, para reconstituir «departamentos administrativos centrais». Em parte devido à França, nunca chegaram a concretizar-se.

Outro problema de que se tratou em Ialta, relativamente à Alemanha: as indemnizações. A URSS reclamava 20 mil milhões de dólares, sendo metade para ela. Era uma soma enorme. Churchill respondeu que, se queriam que o seu carro fosse puxado por um cavalo, era preciso dar-lhe um mínimo de feno. Contudo, a soma avançada pelos soviéticos não deixou de ser adoptada como «base de discussão».

Por mais estranho que possa parecer, falou-se infinitamente menos, em Ialta, da Alemanha do que da Polónia. É preciso dizer que dois governos a disputavam. Um, instalado em Londres, era herdeiro do Executivo de antes da guerra.

O outro, sediado em Lublin, na Polónia libertada, era dominado pela URSS. Tendo Churchill reclamado «eleições gerais e livres(...)», um

governo(...) que possa ser reconhecido por todos os polacos», Estaline declarou, num tom que não admite réplica, que o comité de Lublin era «tão demo-crático como de Gaulle, e que o seu reconhecimento era, para si, uma questão de honra e de segurança». Roosevelt interveio, e concordaram em «reorganizar (o comité de Lublin), segundo bases democráticas mais alargadas, com a inclusão dos líderes democráticos que se encontram no estrangeiro». Prometeu-se ao presidente dos Estados Unidos a realização de eleições no prazo de um mês. «Quero que sejam como a mulher de César; acima de toda a suspeita» - declarou este último.

«Words, words!» É o seu sucessor, Harry Truman, que será responsável por ter aceite, alguns meses mais tarde, o essencial das exigências do generalíssimo, o qual já obtivera, em Ialta, a confirmação do traçado da fronteira oriental da Polónia, que fora objecto de acordo, em 1939-1940, com Hitler. Quanto à fronteira ocidental, foi admitido que se situaria entre o Oder e a Neisse. Mas qual Neisse, pois há duas? A questão não foi esclarecida em Ialta. A Polónia comunista

resolveu o caso ao incorporar, uma bela manhã, a cidade de Szczecin, ex-Stettin, nas suas fronteiras. «Não empanturrem o ganso polaco de comida alemã, ao ponto de o fazerem morrer de indigestão» - tinha prevenido Churchill. Mas «Oncle Joe» sabia o que fazia: queria impedir a Polónia e a Alemanha de se unirem contra ele.

No fim de contas, o balanço é bem fraco. Mas a aproximação da vitória, os belos discursos durante os banquetes, tinham criado, no fim da conferência, uma inacreditável euforia: «Estávamos absolutamente certos - viria a declarar Harry Hopkins, colaborador íntimo de Roosevelt - de ter ganho a primeira vitória da paz e, quando digo nós, refiro-me a todos nós, todos os povos civilizados da raça humana». Estávamos a 11 de Fevereiro de 1945. Três meses mais tarde, Churchill constata, numa carta a Truman (que se tornara, entretanto, presidente dos Estados Unidos), a existência da «cortina de ferro». Da cortina de ferro à guerra fria, a distância era curta...

André Fontaine
Exclusivo «Le Monde»/DL
(Tradução de Isabel Joyce)

Libéria

Êxodo e morte às portas de Monróvia

O homem avança ladeado por quatro guerrilheiros armados. É um trintão longilíneo, tronco e pés nus, os braços atados com fio eléctrico. Tem medo e marcha penosamente ao longo da estrada. Chegado a uma pequena ponte, o grupo pára. Há uma detonação e o homem cai de bruços. As armas dos guerrilheiros abrem fogo. Um dos rebeldes abaixa-se junto do rio. «Será um soldado de Doe?» interroga o enviado especial da AFP. «Não, mas é um *krahn* (elemento do grupo étnico a que o contestado presidente liberiano pertence). Nós não matamos civis inocentes». Nem uma emoção. O rebelde tem a convicção de ter cumprido uma missão. «Estamos em operações», explica.

Uma dezena de cadáveres jazem nas valetas junto do pequeno rio, a algumas dezenas de quilómetros de Paynesville, teatro de violentos confrontos entre os rebeldes de Charles Taylor e os

elementos do 72º batalhão de infantaria do Exército liberiano. Alguns corpos estão parcialmente imersos. A corrente, reforçada pelas constantes chuvas, ameaça arrastar alguns deles.

Uma disposição feroz anima os rebeldes, e este conflito, que já fez alguns milhares de mortos, transforma-se rapidamente numa guerra tribal. Os soldados governamentais massacraram centenas de civis das tribos *mano* e *gio*, que constituem o grosso das tropas rebeldes, enquanto decorriam as operações de repressão desencadeadas no início do ano na província de Nimba, noroeste da Libéria. Famílias inteiras foram dizimadas nesta região e os parentes que sobreviveram querem vigar-se. Os rebeldes matam sem piedade os membros da etnia *krahn* e os *mandingas*, acusados de colaborar com o regime.

Os rebeldes estão desde há algum tempo às portas de Monróvia e preparam-se para

o assalto final. Embora negue estar a conduzir uma guerra tribal, Charles Taylor, o presidente da Frente Nacional Patriótica da Libéria reconheceu que tem de acalmar o desejo de vingança dos seus homens. «Muitos dizem que perderam a família nos montes de Nimba, pelo que não podem deixar de vingar essas mortes».

As pessoas que fogem da capital são sistematicamente interpeladas nos postos de controlo instalados ao longo das estradas pelos rebeldes. As marcas deixadas pelas botas dos antigos soldados traem-nos. Detectados por esses sinais deixados no solo são imediatamente apartados do grupo e conduzidos a um canto da mata onde são abatidos. Muitas vezes os *abrahms* e os *mandingas* são denunciados pelos próprios companheiros de fuga. Várias dezenas de milhares de civis fugiram das zonas de combate. Perto de dez mil pediram asilo na estação de rádio



Execução sumária em Monróvia

norte-americana Omega a alguns quilómetros à saída de Paynesville que se encontra sob controlo dos rebeldes comandados por Taylor.

Uma multidão de homens, mulheres e crianças encaminham-se em direcção da cidade universitária de Fendwell situada a uma dezena de quilómetros de Kakata, no leste de Monróvia. Os corredores sombrios da univer-

sidade já abrigam cerca de treze mil pessoas que enfrentam uma situação precária em termos de alimentação e saúde. «Charles Taylor enviou-nos 521 sacos de arroz e ... de veneno. Procuramos dar a cada pessoa meio prato de arroz. Falta-nos de tudo e as questões de saúde tornam-se cada vez mais graves», afirma o reverendo Reeves que presta assistência aos refugiados.

«Esperamos que o Presidente Doe se demita muito em breve para que esta guerra possa ter fim».

Há indicações de que efectivamente o Presidente Samuel Doe estará disposto a demitir-se, mas que só o fará se lhe forem dadas garantias de poder abandonar o país livremente.

Christian Spillmann
da AFP, em Paynesville

QUOTIDIANO

As situações mais trágicas viveram-se em Pampilhosa da Serra e Aguiar da Beira. Arderam mais de oito mil hectares de floresta e a aldeia de Malhada ficou destruída

Incêndios florestais estão controlados

Dois feridos graves, vítimas de uma colisão entre um táxi e uma viatura de bombeiros, na estrada municipal de Pampilhosa da Serra, as habitações da localidade de Malhada destruídas, linhas de comunicação cortadas e alguns feridos ligeiros é o balanço, realizado esta manhã, do grande incêndio que flagela Pampilhosa da Serra desde terça-feira.

Depois de horas muito difíceis vividas ontem pelas populações e os bombeiros, a situação foi já considerada controlada. «Arderam oito mil hectares, algumas povoações estiveram ameaçadas e a população de Malhada está a ser realojada através do Serviço de Protecção Civil», disse esta manhã, ao DL, o inspector regional dos Bombeiros do Centro, Ribeiro Almeida. Durante horas, bombeiros e civis combateram as chamas. Agora a situação apresenta-se mais calma mas, em Pampilhosa da Serra, os bombeiros continuam numa azáfama, para que tudo não recomece.

Também os concelhos de Aguiar da Beira, distrito da Guarda, e Penalva do Castelo, distrito de Viseu, não se livraram da tragédia. Ardeu a maior mancha florestal de pinheiro bravo da Europa. «A situação já foi controlada. Vários bombeiros ficaram intoxicados, mas conseguiram evitar que o fogo chegasse a Forninhos, a povoação mais ameaçada, a Figueiredo e a Loriga», disse hoje ao DL uma fonte dos Bombeiros Voluntários da Guarda.

A Câmara Municipal de Aguiar da Beira considerou o incêndio «uma catástrofe económica e social para o concelho, dado que uma parte substancial da população vive à custa da transformação de produtos florestais».

As chamas foram combatidas por cerca de 150 elementos dos bombeiros da Aguiar da Beira, Trancoso, Celorico da Beira, Melo, Almeida, Meda, Carregal do Sal, Cabanas de Viriato, serviços florestais e GNR.

O fogo deflagrou na quinta da Junqueira, freguesia de Pena Verde e destruiu cerca de 500 hectares de mata, floresta e pinhal.

Secretário de Estado deslocou-se à serra

Em Pampilhosa da Serra as chamas lavravam ontem por todo o lado e atingiram muitos quilómetros de extensão, dispersas por diversas



Um avião faz descarga numa das frentes de incêndio que lavra no concelho de Pampilhosa da Serra

frentes. Os bombeiros, os funcionários dos serviços florestais e populares viveram uma experiência agustante, com o fumo invadindo os aglomerados populacionais, as chamas irrompendo nas matas e pinhais. Ninguém fazia ideia das dimensões do incêndio.

Em Catraia do Rolão e Casal Silva, localidades pertencentes ao município, as cinzas rodeavam as casas. Barcal da Serra esteve ameaçada pelas chamas, enquanto Vale do Carvalho ficou completamente rodeado pelo fogo, ao fim da tarde.

O secretário de Estado Adjunto do ministro da Administração Interna, Brancinho Lobo, deslocou-se ao local e considerou «urgente» que as populações «tenham consciência da necessidade de fazerem, também, acções de protecção civil, nomeadamente limpeza de matas e protecção de florestas».

O secretário de Estado sobrevoou, de helicóptero, as zonas da Lousã, Gois, Pampilhosa da Serra e Malhada, tendo tentado aterrar nesta última, o que se revelou impossível devido à intensidade das chamas.

Todos os anos o cenário repete-se por esta altura: o País arde. Fazem-se avisos, adquirem-se meios, treinam-se bombeiros, informam-se as pessoas, mas o flagelo acontece. As chamas consomem sempre mais áreas do já considerado espaço verde que ainda nos resta.

Incêndios por todo o lado

Notícias de Vila Nova de Poiares indicam que o incêndio que lavra na região de Malhada «está aparentemente sob controlo, embora não haja uma certeza abso-

luta sobre a sua evolução nas próximas horas», segundo informou uma fonte do comando dos bombeiros.

«Está já muito calor e as condições do tempo é que vão determinar o que se pode fazer com eficácia», explicou a mesma fonte, referindo que os meios aéreos não estavam a actuar porque havia nevoeiro na Lousã e Vila Nova de Poiares.

A aldeia de Malhada é a mais afectada. Arderam, pelo menos, 15 habitações, «muito mato e árvores foram destruídas» e também «há a registar a morte de muito gado».

Ao mesmo tempo, um incêndio de grandes proporções lavra desde o princípio da tarde de ontem em Arraial da Azinha, localidade do concelho de Idanha-a-Nova. O incêndio de várias frentes está a ser combatido por elementos das corporações de bombeiros de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Penamacor, auxiliados pelos meios aéreos da pista da Covilhã.

Entretanto o incêndio que há dois dias começou em pinhais e matas de Penavere, concelho de Aguiar da Beira (Guarda), aumentou de proporções e a situação era considerada grave ao fim da tarde de ontem.

Falta de água, a densidade da floresta e ausência de bons acessos são dificuldades que se deparam aos bombeiros. As causas do incêndio ainda são desconhecidas, suspeitando os bombeiros que se trate de fogo posto.

Em Aldeia do Mato, Abrantes, um incêndio que deflagrou no domingo foi dado como extinto ao princípio da tarde. Uma fonte do Comando Operacional de Tomar disse que «como medida de pre-

caução e para evitar reacendimentos como o de ontem, cerca de 300 bombeiros de 33 corporações ainda se encontram no local para extinguir pequenos focos que possam surgir».

Embora a área ardida ainda não esteja totalmente apurada, estima-se que ronde os mil hectares. No combate às chamas intervieram meios aéreos da pista das Moitas (Proença-a-Nova) e de Ferreira do Zezere, com apoio de 55 viaturas.

Próximo de Silves, um incêndio que deflagrou terça-feira, na zona do Monte Vevinho, junto da barragem do Arade, foi extinto ontem. O fogo, que consumiu uma vasta área de mato e floresta foi combatido por cinco corporações de bombeiros, que mobilizaram cerca de 100 homens, 24 viaturas e o helicóptero estacionado em Monchique.

Fogo em Campolide

Em Lisboa, o incêndio que deflagrou cerca das 20 horas de ontem no armazém de uma fábrica de camisas, na rua de Campolide, foi extinto meia hora depois. No sinistro ficaram ligeiramente feridos dois bombeiros que foram atingidos com estilhaços de vidros. De acordo com o chefe do Regimento de Sapadores Bombeiros, a falta de acessos à zona dificultou o ataque ao fogo que foi combatido pelas traseiras do edifício.

No combate ao incêndio participaram oito viaturas e cerca de 40 homens, entre os quais também estavam os bombeiros voluntários de Campo de Ourique.

O armazém ficou parcialmente destruído e as causas do incêndio são ainda desconhecidas.

B R E V E S

Autodril rejeita requisição civil

A administração da Autodril enviou esta manhã um telegrama ao primeiro-ministro, rejeitando a requisição civil do Autódromo do Estoril. O conteúdo da mensagem referia que esta empresa «não iria colaborar na concretização de tal requisição, pelo que resistirá pacificamente». A Autodril considera que a resolução do Conselho de Ministros e a portaria do ministro da Educação, publicadas no número 115 da II série do Diário da República, «são nulas, por se basearem, entre outras razões, na circunstância de terem por fundamento uma lei e um decreto-lei inconstitucionais e que traduzem violação de direitos fundamentais».

Trabalhadores da Carris páram na tarde de hoje

Os trabalhadores da Carris cumprem hoje, entre as 16 e as 19 horas, um novo período de paralisação, que vai previsivelmente provocar, como já aconteceu na terça-feira, perturbações sensíveis nos transportes lisboetas. Convocada pela Festru (CGTP) e pelo Sitra (UGT), a greve tem por objectivo apoiar reivindicações não concedidas pela Comissão Administrativa da empresa, respeitantes designadamente a uma correcção salarial desde Janeiro e à redução do horário de trabalho para 40 horas semanais.

Câmara elege Costa Lobo para provedoria do Ambiente

A Câmara Municipal de Lisboa aprovou, na tarde de ontem, por maioria, a nomeação de Costa Lobo, professor do Instituto Superior Técnico, para o cargo de provedor do Ambiente e Qualidade de Vida Urbana. A eleição foi feita por voto secreto, tendo os três vereadores do PSD e o vereador do PPM manifestado, anteriormente, reservas quanto a este nome.

Fernando Rosas e Fátima Bonifácio doutorados em História

A História Económica e Social dos séculos XIX e XX constituiu o campo de investigação das teses de doutoramento que os professores Fernando Rosas e Fátima Bonifácio defenderam recentemente no Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Orientada pelo professor Joel Serrão, Fátima Bonifácio defendeu, nos dias 28 e 29 de Junho, a sua prova de doutoramento em História, tendo apresentado uma dissertação sobre «A via protecctionista do liberalismo português - política económica e relações luso-britânicas (1834-1842)».

Nomes conceituados como Jaime Reis, Joel Serrão, Oliveira Marques, João

Lourenço Roque, Armando Castro e António Pedro Vicente, constituíram o júri da prova.

Fernando Rosas doutorou-se na passada sexta-feira em História Económica e Social, tendo apresentado uma dissertação subordinada ao tema «Portugal entre a paz e a guerra - estudo do impacto da II Guerra Mundial na economia e na sociedade portuguesa (1939-1945)». Oliveira Marques, Francisco Pereira de Moura, José Brando de Brito, Fernando Pereira de Sousa, Sacuntala de Miranda e Joel Serrão - que também foi o orientador do trabalho - constituíram o júri da prova. Em ambos os casos o júri foi presidido pelo director da Faculdade, o professor Adriano Duarte Rodrigues.

Associação Salvar Sintra prevê novo surto de fogos

A Associação Salvar Sintra receia que incêndios devastem este Verão «o que resta do património florestal» da serra. Em comunicado subscrito pelo seu presidente, Agostinho Pereira de Miranda, a associação acusa as autoridades responsáveis de não terem tomado nenhuma das medidas consideradas necessárias a uma eficaz prevenção dos fogos florestais.

A Associação Salvar Sintra

imputa ainda às autoridades responsáveis a formação de um grupo de madeireiros locais a quem aproveita a destruição da floresta, isso por ter vendido a particulares a quase totalidade da madeira ardida em 1989.

É ainda condenada a passividade graças à qual continuam impunes os responsáveis por esse devastador sinistro, cuja origem criminosa é apontada como certa.

Na Madeira

Países europeus de fachada atlântica estudam acordo contra marés negras

Uma reunião de responsáveis pela protecção ambiental das águas territoriais de países com fachada leste-atlântica está a decorrer desde ontem na Madeira, região que uma recente maré negra sensibilizou particularmente para a problemática.

O ministro do Ambiente e Recursos Naturais, Fernando Real, participará amanhã na sessão de encerramento do encontro, no qual delegações de técnicos de Espanha, França, Marrocos e Portugal preparam uma convenção de cooperação mútua em casos de poluição marítima.

Designada Acordo de Lisboa, essa convenção foi proposta por Fernando Real em Março, a seguir a grande maré negra que atingiu o Porto Santo, numa reunião do Conselho de Ministros do Ambiente da CEE, em Bruxelas.

Fundamentalmente, o governo português pretende que os restantes países mencionados participem numa conferência diplomática,

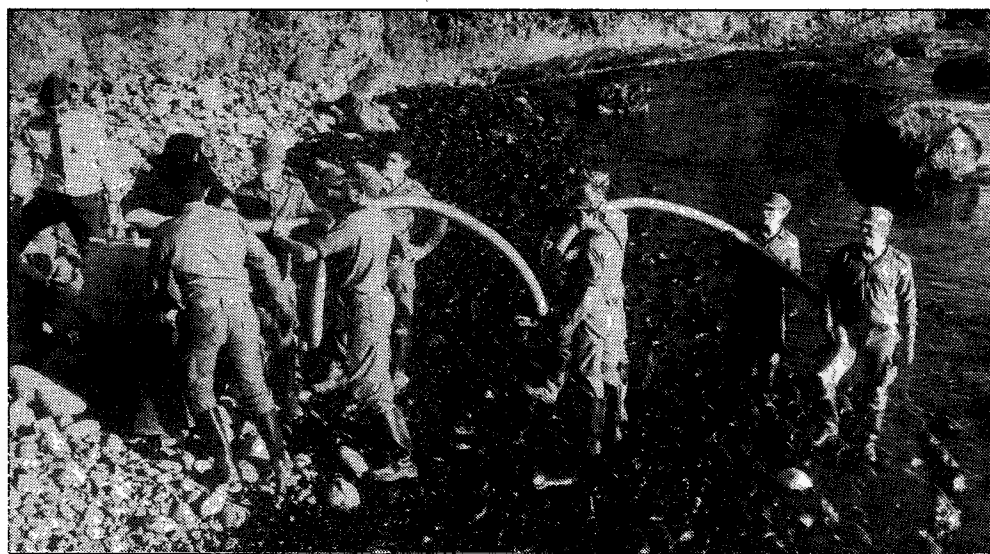
a realizar ainda este ano, na qual se formalize a assinatura do acordo.

Portugal invoca, em abono do seu desígnio, a inexistência de qualquer tratado multilateral visando a protecção das águas marinhas do Oeste e Sul da Comunidade.

O projecto do Acordo de Lisboa prevê a obrigatoriedade de se informarem os Estados vizinhos sempre que ocorram acidentes ou outras ameaças de poluição e a criação de um organismo de assistência mútua, de pontos de apoio logísticos e de mecanismos de auxílio.

Pretende-se também melhorar a eficácia de vigilância e da avaliação da poluição marítima por via aérea.

A agenda da reunião em curso na Madeira prevê para hoje uma visita à ilha do Porto Santo e um jantar em que já participará o ministro Fernando Real, oferecido pelo Ministério do Ambiente e Recursos Naturais aos participantes.



A remoção do crude da costa do Porto Santo: uma situação que não se pode repetir

Temos mais mar do que terra

Por tradição diplomata, hospitaleira e de agradável convívio, a Armada portuguesa fez ontem lembrar, discretamente, que... é diplomata, hospitaleira e de agradável convívio. A lembrança decorreu na corveta «Jacinto Cândido», atracada à Doca da Marinha e balançando gentilmente, para sublinhar que é barco mas não tanto que pudesse estragar o almoço oferecido aos jornalistas.

Porquê jornalistas? Para anunciar que a Armada de Portugal vai comprar couraçados, porta-aviões, submarinos nucleares, cruzadores porta-mísseis?

Ai, não, não... Quase posso ouvir um suspiro melancólico como este, atravessando a hierarquia naval, desde o almirante à guarda-marinha.

No tombadilho ou, neste caso, convés do helicóptero, sob o olhar tutelar de uma metralhadora pesada e dupla, felizmente adormecida, e protegidos do sol por um toldo esticado a primor, o comandante, capitão-tenente Soares de Sousa, e o imediato, capitão-tenente Fidalgo, receberam uma vintena de jornalistas.

A «escolta» foi dada pelo comandante Monteiro Coelho, chefe do Gabinete de Relações Públicas e com a Comunicação Social, do Estado-Maior da Armada. Para além da vantagem de estreitar a ligação marinheiros-jornalistas, o almoço teve, para mim, como vedeta, uns preciosos aperitivos (bolinhas de milho) que são exclusivo da «Jacinto Cândido».

Há dezóito vezes mais mar português do que terra portuguesa.

Concretamente, 1.700.000 quilómetros quadrados de mar, distribuídos por três grandes zonas: ao largo da costa continental e em torno dos Açores e da Madeira. Mas este mar não é para grandes batalhas navais. A moda passou.

A própria Marinha o reconhece, em publicação do Gabinete do Estado-Maior da Armada. Nela se escreve: «E porque a conjuntura é agora de desanuviamento, torna-se possível - sem detrimento da prontidão para a defesa da soberania nacional - dar maior atenção às missões de interesse público».

Voltando à mesma fonte: «Assim, à Marinha

compete a salvaguarda da vida humana no mar, o exercício da autoridade marítima, a fiscalização da pesca, a investigação científica, o rastreio da poluição...».

Pode acrescentar-se a assistência em caso de calamidades e acidentes (fuzileiros nos seus botes de borracha «navegando» pelas ruas das localidades inundadas pelo Tejo), a farolagem e balizagem e a presença naval-diplomática dos nossos navios-escola - «Sagres» e «Creoula» - em portos estrangeiros. Quer dizer - e a opinião é só minha - a perestroika chegou à Armada.

Para além das obrigações para com a NATO, a Marinha reconhece as consequências do desarmamento - o que não é, aliás, novidade nela - e assume a parte de interesse público, civil digamos, que lhe devolve, em termos pacíficos, a utilidade nacional que lhe cabia quando, dantes, andávamos todos no mar a disparar canhões uns contra os outros.

Oficiais da Armada sorriem, naturalmente agradados, quando falamos das tradições de diplomacia, comopolitanismo, hospitalidade e cortesia da nossa Armada. Por acrescento de justiça pode ser elogiado o que, de um modo geral e por comparação com bárbaros como os ingleses e os norte-americanos, é o muito razoável comportamento dos marinheiros da Armada portuguesa quando vão folgar a terra.

No entanto, se, por pura maldade, se lembra que está igualmente na tradição da nossa Marinha, nos princípios deste século, ser revolucionária, com bandeiras vermelhas ou dando gritos carbonários, então, sem quebra de cortesia ou de diplomacia, mas não sorrisse, muda a resposta surge (como ouvimos), sem defeito do sentido do humor ou do agradável convívio: «Ah... Isso agora já acabou».

Paulo David



Corveta da Armada portuguesa em serviço no mar

PROCURAM-SE

Actrizes de 20 a 45 anos para filme publicidade, de preferência sem experiência anterior.

Contactar Janise tel. 69 31 36/21 30

B R E V E S

Guadiana poluído deixa Mértola sem água

Desde o início do mês que o abastecimento de água à população de Mértola está a ser feito através de cisternas, já que o rio Guadiana, local de captação habitual da água, «apresenta índices de poluição desaconselhados para o consumo, como referiu o vereador António Raposo ao jornal «Diário do Alentejo».

Esgotos industriais e domésticos portugueses e espanhóis, resíduos de adubações agrícolas e de herbicidas, a celulose de Mourão são os principais responsáveis pela poluição do grande rio internacional, situação que se acentua em cada Verão, quando os níveis do curso de água baixam apreciavelmente.

Segundo aquele vereador, a autarquia colocou 12 cisternas em funcionamento em toda a vila e os furos que as abastecem estão a mostrar-se suficientes para as necessidades. Nas zonas rurais não se assinala qualquer problema no abastecimento de água.

Bairro de Carnide Marchanta júri das marchas

Marchantes de Carnide entendem-se injustamente classificados no concurso das marchas populares de Lisboa e nesse sentido enviaram uma carta ao vereador do pelouro de Turismo da Câmara Municipal de Lisboa, manifestando «o seu desacordo e mágoa».

Na missiva afirmam-se «atraídos por um júri que não tem razão de ser e de existir» e reclamam que, de futuro, a classificação seja decidida pelo povo «pois talvez ele dê o valor a quem o merece».

Os 48 marchantes de Carnide concluem que o actual júri «parece não conhecer outros bairros senão os típicos e turísticos de Lisboa» e que «só de quando em vez se lembra de todos os outros que, contudo, todos os anos se apresentam».

Academia do bacalhau ganha lugar no Algarve

A abertura da 14ª delegação da Academia do Bacalhau vai reunir, no sábado, em Montechoro, no Algarve, mais de 200 «compadres» e «comadres» daquela curiosa organização, nascida há 22 anos em Joanesburgo, usando-se o termo bacalhau na sua habitual tradução de «fiel amigo».

Especialmente radicada entre os emigrantes da África do Sul, a Academia contava já com delegações em Lisboa, Porto e Funchal, tendo realizado recentemente no Funchal o seu congresso anual. Na sessão estarão presentes o presidente honorário da agremiação, Durval Marques, um acadêmico em Joanesburgo, e o novo presidente da Academia no Algarve, Américo David, antigo emigrante na África do Sul.

QUOTIDIANO

Mais que os próprios minhotos, os galegos estão interessados numa cooperação regional que vá do Finisterra ao Porto. Uma região natural desde sempre, que só a História forçou a desunir-se. O grande eixo atlântico da Europa está a nascer (ou a recuperar forças depois de séculos de silêncio). E o certo é que as fronteiras não passam de uma conveniência sentimental... ou económica

Noroeste peninsular quer ser uma região na Europa

Por essa Europa fora esbaterem-se fronteiras, tentam reabrir-se outras, por vezes por conveniências políticas, não raro por exigências económicas. Uma das fronteiras mais diluídas da Europa, ao longo de centenas de anos, é a que separa a Galiza do Entre-Douro-e-Minho. A mesma língua, os mesmos brasões aristocráticos e familiares de um e outro lado do grande rio Minho, os mesmos hábitos e os mesmos costumes.

Numa das suas mais célebres caricaturas, o galego Castelao colocava um avô e um neto a mirarem as vizinhas terras minhotas e o garoto a inquirir *se aqueles estrangeiros eram mais estrangeiros c'os de Madrid*.

Na verdade, começa até por não existir uma língua portuguesa, mas sim o galaico-português. No século XVI, Isabel-a-Católica, em nome da unificação espanhola (ou seja *doanschluss* castelhano) deu voz de morte ao nacionalismo galego e, paralelamente, ao próprio falar galego, hoje transformado num linguajar quase exclusivamente rural, forçado a recorrer ao português para encontrar uma terminologia adaptada à vida urbana, às transformações técnicas, sociais, urbanísticas, científicas que o mundo entretanto sofreu neste meio milénio de incessantes e exasperantes

mudanças.

Depois de um «divórcio» medieval — que começa com a batalha de S. Mamede, na qual Afonso Henriques afirma o nacionalismo portugalense contra o imperialismo galego dos condes de Trava, e o mesmo se passava entre a igreja bracarense e a de Compostela; que vai prosseguir, entre muitos outros episódios, com a morte, por conveniências de Estado, da «triste» Inês, ou a defesa suicida do Castelo de Faria pelo alcaide Nuno Gonçalves — o «namoro» entre o Minho e a Galiza recomeça no século XIX, embora, a nível popular, as fronteiras nunca tivessem sido reconhecidas. Basta comparar uma lista telefónica de Vigo ou de Ourense, de Braga ou Ponte de Lima, de Lugo ou Arcos de Valdevez para encontrar apelidos e nomes próprios perfeitamente idênticos. As mesmas famílias, embora os elos assimilatórios se possam ter perdido com o tempo.

Região determinada pela Geografia e a História

No decorrer da dezena e meia de anos que nos precedem, e que correspondem à democratização portuguesa e espanhola, a presença de galegos em feiras minhotas e de minhotos em feiras galegas tem sido uma constante, cada dia mais assinalável e notória. Referimo-nos às

grandes feiras, com o seu aparato de mastodónticos pavilhões, milhares e milhares de visitantes. Porque naquelas, mais humildes, de toldo poeirento e barraca improvisada, isso sempre se fez, ignorando o camponês as fronteiras, sentindo a conveniência de vender a vaca ou porco na aldeia ali da frente, que é galega, em lugar de ter de recorrer a um grande centro urbano do seu país, mas muito distante.

A propósito de uma dessas feiras, a «Exponor», a partir da qual, no princípio de Junho passado, foi criada a Comissão Técnica de Trabalho Galiza/Norte de Portugal, uma ideia já formulada em Outubro de 1988, em Santiago de Compostela, com a realização das «Primeiras Jornadas Técnicas Galiza-Norte de Portugal», muitas novas situações foram criadas.

Nas duas regiões naturais existe já uma evidente vontade política de fazer do Noroeste português e da Galiza o «grande eixo atlântico» da Europa. Os homens de negócios galegos duplicaram, nos últimos anos, os seus investimentos no Entre-Douro-e-Minho e, colaborando com os seus congéneres do Porto, constituíram já cerca de uma centena de empresas de capital misto com uma actividade que se amplia às mais diversas especialidades.

A partir do campo dos têxteis, mas passando pelo químico, a imobiliária e o turismo, sem esquecer as plantações de kiwis, o negócio das rochas graníticas ornamentais e até mesmo o material desportivo, um mundo de cooperação está a nascer, quase diariamente, embora com vantagens para a Galiza, perante a timidez dos investidores nacionais.

A fronteira que não existe...

Miguel Pérez, vice-presidente da Confederação dos Empresários da Galiza (CEG) lançou um aviso, que não parece ter sido tomado na devida conta do lado de cá do rio Minho: «A região natural Galiza/Norte de Portugal vai ser uma realidade dentro de poucos anos».

E explica porque: «Ir contra a aproximação das duas regiões é ir contra a História, porque galegos e portugueses estão unidos desde sempre». Para o empresário galego, o futuro da Europa são as regiões, não os estados.

Uma ideia, de resto, já explicitada pelo sociólogo

Alvin Toffler no seu livro «A Terceira Vaga», ao assinalar que existe um conjunto de forças que pretende transferir o poder político para baixo, do Estado-Nação para regiões e grupos subnacionais».

Na opinião dos dirigentes galegos, a «Galiza/Norte de Portugal» pode transformar-se no polo dinamizador cultural das duas regiões para a Europa e, também, da cultura ibero-americana (não esquecendo o Brasil).

O intercâmbio de professores e estudantes universitários é um dos objectivos primários, estando previsto que na segunda quinzena deste mês decorra em Ourense um processo de formação educacional transfronteiriço, com a participação de catedráticos galegos. «Os melhores catedráticos de Espanha na área da gestão vão proporcionar a alunos portugueses e espanhóis pós-graduados, pela primeira vez na Europa, e durante uma semana, um seminário de gestão empresarial».

Um problema: o vinho

Por outro lado, as Comissões do Vinho Verde e da Galiza firmaram já um acordo para a promoção conjunta dos seus produtos em feiras internacionais.

Aqui, porém, levantam-se alguns problemas, com os galegos a tentarem fazer passar o seu «ribeiro» por vinho verde e a comprarem toneladas de uvas pela área de Monção para fabricarem «alvarinho» do outro lado da fronteira. Ou ainda, como aconteceu ainda há semanas, a tentarem fazer crer aos consumidores que o verdadeiro verde é o que se produz na Galiza, quando são bem conhecidas as diferenças, embora também se possam assinalar as similitudes. Uma questão não muito fácil de resolver, mas para a qual será possível encontrar soluções.

Os múltiplos caminhos

No ano 2000, o Minho será dividido pela auto-estrada Porto-Valença, o chamado «eixo Atlântico», que seguirá para a Galiza e dali para Bordéus a caminho da Europa mais central, em oposição ao «eixo mediterrânico» (Lisboa-Madrid-Porto, com as suas «extravagâncias» por Sevilhas e outras regiões do Sul espanhol).

Mas os caminhos podem ser muitos outros. Para o turismo foi já anunciada a realização de uma reunião



Entre Santiago de Compostela e o Minho não faltaram as divergências ao longo dos séculos. Agora procura-se a convergência

entre operadores da especialidade das duas regiões, a realizar em Ourense e estão previstas feiras internacionais (ou interregionais) de turismo e literatura, organizadas em conjunto.

O lançamento de novidades literárias portuguesas e a sua simultaneidade é outra das decisões já tomadas pela Comissão Técnica de Trabalho.

Recentemente, o Forum Portucalense, do Porto, celebrou um protocolo com o Forum Alameda de Ourense e com o Clube Alen Nos de Santiago de Compostela para a realização de «Tertúlias» do Eixo-Atlântico. Inicialmente, estas tertúlias decorrerão no Porto e em Ourense, prevendo-se para mais tarde o seu alargamento a Bordéus. A sua intenção é uma abordagem de temas de carácter cultural, económico e político.

O intercâmbio de grupos musicais entre as duas regiões que pretendem ser apenas uma está igualmente previsto no sentido de actuarem especialmente junto da juventude «para que seja criado o hábito de audição das duas línguas».

Na mesma altura, o vice-presidente da Confederação dos Empresários da Galiza revelou que, ainda no decorrer deste ano, durante a segunda quinzena de Outubro, vai decorrer em Ourense o I Congresso dos Meios de Comunicação Gal-

iza-Norte de Portugal, paralelamente à realização do III Congresso dos Empresários da Galiza.

Mais ainda: não tardará muito que exista uma Casa da Galiza no Porto e que ali funcione permanentemente uma delegação da «TV Galiza», isto apesar dos esforços de Braga para chamar a si esta estação.

A religião ajuda

Santiago foi, ao longo de toda a Idade Média (e ainda continua sê-lo) um grande centro de turismo (*avant la lettre*), mas o Minho também tem as suas grandes romarias «fabricantes» de grandes movimentações humanas: a Senhora do Sameiro, da Peneda, as festas da Agonia, as Cruzes de Barcelos. Neste sentido, está já igualmente anunciada a realização de uma reunião de operadores turísticos que pretendem, num primeiro passo, a promoção conjunta do turismo religioso, especialmente no mercado norte-americano.

Conquistar não é preciso

Miguel Pérez oferece, ainda, uma para muita gente tranquilizante afirmação: «Os empresários galegos querem construir esta região natural europeia Galiza-Norte de Portugal com os portugueses e sem qualquer intenção de quererem conquistar seja o que for».

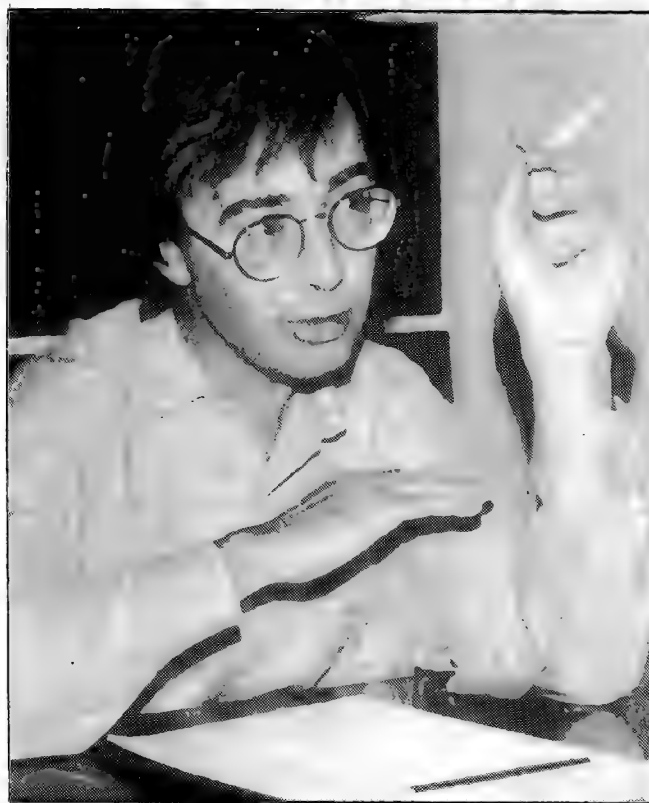
Roby Amorim



Braga é a cidade que mais rapidamente está a crescer na Europa. A Galiza não quer perder esse ritmo galvanizador

Em 1987, António Perestrelo, José Sousa Machado e Luz Câmara criaram a «Caminus». A intenção era editar uma revista dirigida ao espaço europeu (próxima da italiana «FMR») que procuraria vender temática de Portugal. As relações históricas entre as iluminuras musicais, talhadas em pedra nas
poderiam ser um tema para tratar a Idade Média em Portugal

Moçárabe em Peregrinação a S. Vicente



"A «Caminus» é um museu vivo que cria uma visão abrangente da cultura"

Anabela Loureiro

Face ao envolvimento que este tipo de propostas inevitavelmente desencadearia, José Sousa Machado propôs que a «Caminus» se constituísse em associação de projectos que, independentemente das revistas a editar, "procurasse criar enredos de lazer na pesquisa do que resta em Portugal da Idade Média".

O projecto «Lisboa 1900» serviu para testar as suas capacidades de realização e produção. Recriu-se "um dia na vida de um burguês e uma burguesa na transição do século", conta Sousa Machado, "partindo de uma agenda que contemplava os grandes espaços de época ainda existentes em Lisboa (teatros, concertos e exposições), que permitissem criar um enredo no terreno". O posterior lançamento de uma publicação constituía-se como seu suporte teórico.

O desenvolvimento dessas acções, aliado ao desenvolvimento das equipas criadas no âmbito da antropologia, permitiu que a «Caminus» se transformasse em museu vivo, criando uma visão abrangente da cultura na qual "os próprios gestos, a oralidade, os hábitos corriqueiros e quotidianos das pessoas podem ser inseridos num contexto

de que somos os herdeiros."

Dai aos itinerários de época, foi um passo. "Não nos interessava apenas o grande acontecimento, mas também os que eram abordáveis à luz da História", prossegue Sousa Machado.

Procedeu-se ao levantamento de mais de duas dezenas de percursos que focassem individualmente um tema específico e que, no conjunto, "perspectivassem as linhas de força da Idade Média Portuguesa". Numa abrangência que contemplasse o espaço continental, e salvaguardasse a particularidade Norte/Sul, a «Caminus» programou sete itinerários medievais. (Ver caixa).

Para os definirem criaram-se equipas que fotografaram os trilhos, o património rural e monumental e a qualidade do meio ambiente, "excluindo-se os que apenas têm interesse teórico e não factível".

Numa segunda fase, em 1988, dois antropólogos percorreram esses percursos a pé, registando num diário a experiência vivida. Fez-se assim o levantamento dos hábitos das populações, lendas, memória oral, fauna, flora, técnicas de trabalho, materiais, património rural não sistematizado. Miguel

Val de Almeida coordenou o tratamento teórico a que este manancial de documentação foi submetido.

"No fundo", explica Sousa Machado, "fizemos uma pesquisa cruzada entre a História e a Antropologia para fixar no documento escrito - que normalmente é o documento do grande acontecimento, a nível da Idade Média - a permanência do quotidiano".

Com os itinerários marcados no terreno - através do Instituto da Juventude, comprometendo-se as Câmaras das regiões percorridas a acatela-rem a sua manutenção - a partir de amanhã, e inserida no vasto programa dos «Sete Itinerários Medievais», Rosa Almeida inaugura no Museu Arqueológico e Lapidário de Faro a exposição de desenhos "Labirintos", seguida de uma conferência de imprensa que marcará o começo do itinerário "Moçárabe em Peregrinação a S. Vicente", numa extensão de 220 quilómetros.

O trilho e o guia

"Imaginámos um moçárabe que - vivendo em território islâmico, Mértola - se desloca em peregrinação a S. Vicente". Segundo Sousa Machado, o cabo já era considerado sagrado desde o

período dos celtas. "O porto interior de Mértola dava-lhe uma importância urbana muito grande, porque a navegação no Ocidente apenas se fazia na bacia do Mediterrâneo. A navegação de cabotagem levava-os até ao fim do Mundo, o cabo de Sagres, para pedirem protecção dos deuses. A importância de Mértola vinha-lhe do facto de terminar ali a navegação, transformando-se em ponto de distribuição interior que facilmente atingia Santarém e outras terras importantes. O peregrino sai de Mértola, desce a Alcoutim, cruza pelo Barrocal para um contacto com o meio ambiente do interior algarvio, de modo a percorrer zonas que as pessoas normalmente não visitam, como Salir, Paderne e o Cachoupo, que ainda conservam vestígios de aldeias visigodas".

O interesse turístico de que também se revestem os itinerários marcados pela «Caminus», mereceu que, no âmbito do Ano Europeu do Turismo, a Comunidade Económica Europeia premiasse o projecto deste museu vivo.

Os seus responsáveis editam um livro/guia com cerca de 100 páginas, onde se reúnem os textos teóricos que, além do carácter antro-

Animação

Ao longo dos 220 quilómetros que constituem este primeiro itinerário medieval produzido pela «Caminus», distribui-se pelas sedes dos concelhos percorridos um extenso programa de animação que, iniciado amanhã e prolongando-se até Setembro, contempla a fotografia, a arte contemporânea e a música.

Uma exposição de fotografia de Álvaro Rosendo e fotos documentais do itinerário, da autoria de Laura Castro Caldas e Paulo Cintra, percorrem também o trilho ao longo das seguintes localidades: Mértola (Biblioteca), Alcoutim (Salão Municipal), Faro (Museu Arqueológico), Loulé (Sala Municipal de Exposições), Silves (Igreja da Misericórdia) e nas Câmaras Municipais de Lagos, Vila do Bispo, Lagoa e Portimão.

Além da exposição "Labirintos", constituída por desenhos de Rosa Almeida, que amanhã inaugura no Museu Arqueológico de Faro, o pintor Manuel Gomes mostra na Biblioteca de Mértola e posteriormente na Galeria de Arte de Vila Moura, as ilustrações feitas a partir do próprio itinerário.

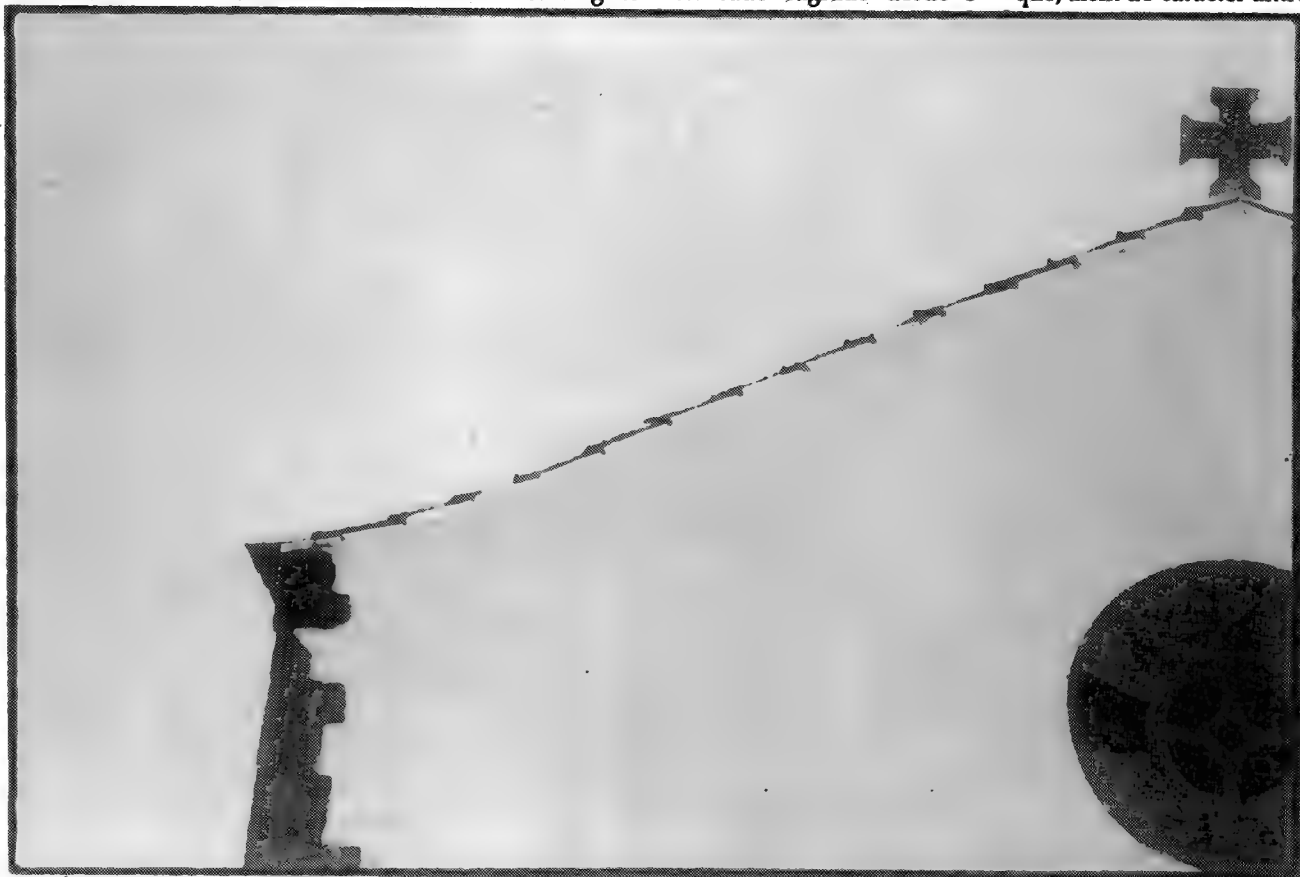
A exposição "Barcos de Papel", que reúne trabalhos de Alda Nobre, Fátima Pinto e Teresa Silva, mostra-se a partir de 4 de Agosto, na Galeria Quinta dos Arcos, em Boliqueime.

A Porta de Loulé, em Silves, recebe em Agosto a denominação de "quartos crescentes" por artistas plásticos, denominada "Quarto Crescente". O Salão da Junta de Freguesia da Luz, Lagos, recebe a exposição "Identidades", constituída por pintura e escultura de Carlos Barroco, Jorge Camões e Romualdo.

Agosto foi também o mês escolhido para a instalação de escultura que Rosa Almeida fará na Muralla Manuelina da Fortaleza.

"Cantigas de Santa Maria", concerto pelo Grupo La Batalla no Cine Teatro Louletano, a 16 de Agosto, e um concerto de Anabela (ex-Mler Ife Dada) no próximo dia 22, no Auditório Municipal de Lagos, completam a animação deste itinerário moçárabe.

J.F.



NA SRA DE GUADALUPE, ALGARVE

©ADRIANA FREIRE



Auto Monumental do Alentejo
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

atenção inicial
ender uma imagem
a nas igrejas,

Vicente

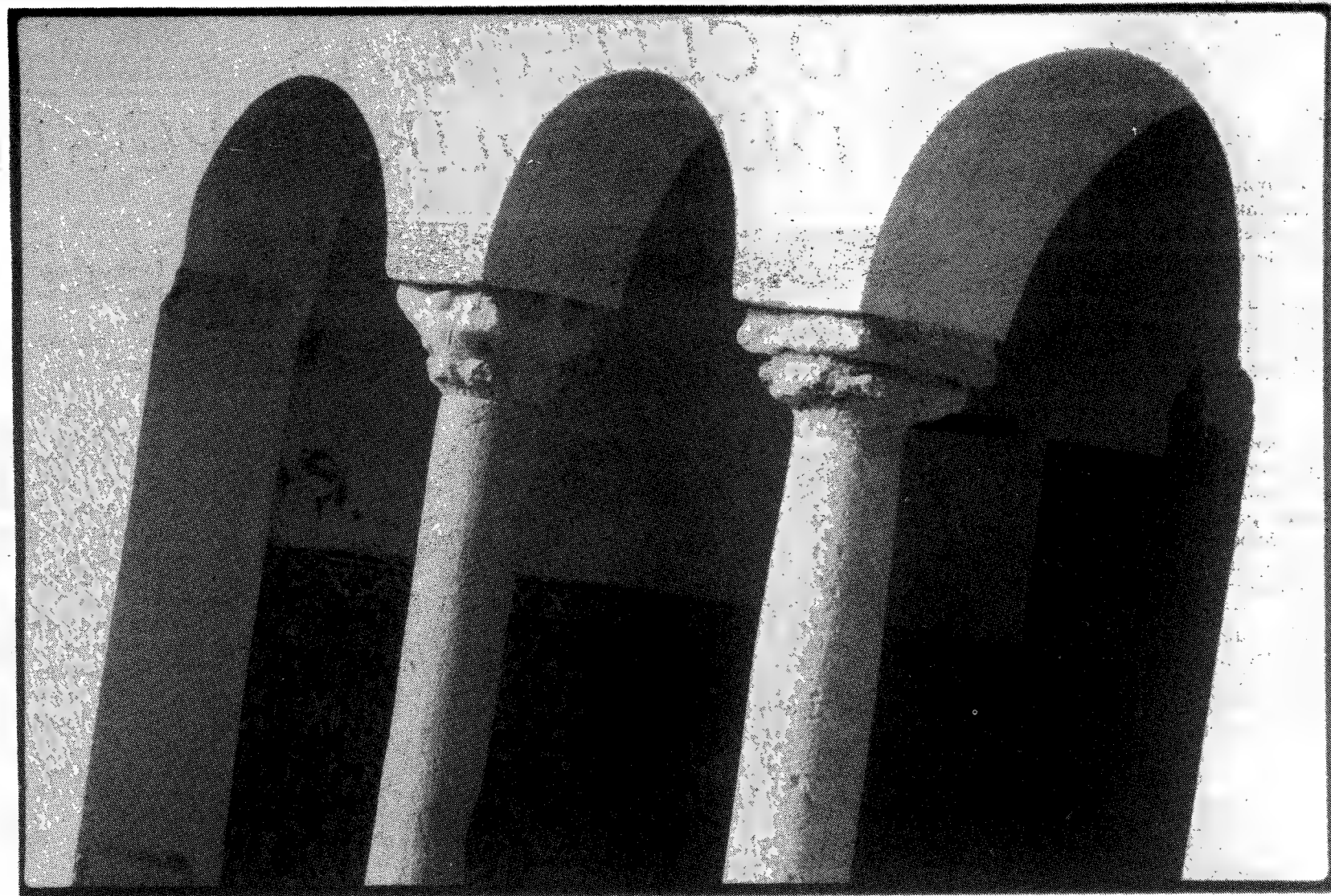
porto
va-lhe
rbana
que a
e ape-
ia do
egação
os até
bo de
pro-
por-
ha-lhe
ali a
ando-
uição
mente
outras
pere-
esce a
Barro-
com o
terior
ercor-
essoas
sitam,
e o
a con-
ldeias

pológico e etnográfico, con-
templam também a impor-
tância histórica de Silves na
época, textos actuais sobre as
investigações do Centro
Arqueológico de Mértola
levadas a cabo em Silves e na
própria zona do rio Arade
que dentro de um ano estará
submersa por uma bar-
ragem. A revista contém
documentos fotografados
por Álvaro Rosendo que
acompanhou o levanta-
mento a pé do percurso, e
ilustrações que o próprio
tema suscitou à linguagem
plástica do pintor Manuel
Gantes. Mapas detalhados,
além de indicações úteis
como dormidas e comidas,
altitudes e temperaturas,
completam a edição, que
também tem tradução em
inglês.

Custos

Os sete mil contos do
prémio da CEE permitiram
que a «Caminus» pusesse a
máquina a funcionar, mas
não chegam. Sem qual-
quer espécie de patrocínio
monetário, a produção faz-
se com base na participa-
ção de serviços das mais di-
ferentes instituições e em-
presas.

Além da colaboração das
autarquias percorridas pelo
itinerário "Moçárabe em
Peregrinação a S. Vicente"
(manifestada pela cedência
de espaços onde terão lugar
os diferentes programas de
animação e conservação do
trilho marcado), o Instituto
da Juventude procedeu à
marcação do terreno e a Se-
cretaria de Estado do Ambie-
nte financiou a investigação
antropológica. A Junta de
Turismo do Algarve garantiu
a instalação das equipas de
produção, a delegação



SRA. DA ROCHA, ALGARVE

©ADRIANA FREIRE

regional da SEC cedeu o
material técnico e o Governo
Civil de Faro o espaço com
faxes e telexes indis-
pensáveis à produção. A RN
garante os transportes
igualmente participados
por uma agência de alu-
guer de automóveis.

Por outro lado, as autar-
quias e algumas empresas
comprometeram-se a ad-
quirir o livro/guia a preço
preferencial, permitindo que
a «Caminus» investisse
ainda mais na qualidade da
edição.

Metas

É evidente que uma pro-
dução deste tipo não se

esgota num Verão. Nem se
justificaria. A intenção é
alargar o projecto ao turismo
internacional, tendo colhido
já o interesse da transporta-
dora aérea nacional e de
agências de viagens que se
propõem comercializá-lo.

A existência de um trilho
ribeirinho que, subindo o
Guadiana permite alcançar
Málaga, será contemplado
quando no próximo ano a
«Caminus» proceder a reali-
zação de um outro itinerário
na região algarvia.

Depois será Sevilha. Ob-
viamente em 1992, durante a
Exposição Universal.

Jorge Fallorca

«Sete Itinerários Medievais»

Além do que a partir de amanhã percorre o
trilho compreendido entre Mértola e o Cabo
de S. Vicente, num total de 220 quilómetros,
tendo por tema a peregrinação, culturas dife-
rentes, simbiose e conflitos, técnicas e tra-
dições árabes, os restantes seis itinerários
encontram-se assim estruturados:

"A defesa de fronteira" - de Idanha-a-
Nova a Castelo Rodrigo, num total de 170
quilómetros, atravessa os concelhos de
Idanha-a-Nova, Penamacor, Sabugal,
Almeida e Figueira de Castelo Rodrigo. A
guerra e a paz são o tema.

"Romagem a Santa Maria do Bouro" - de
Vinhais a Santa Maria, num total de 170
quilómetros, atravessa os concelhos de Vin-
hais, Valpaços, Chaves, Boticas, Montalegre
e Amares. Tem por tema a religiosidade
popular e oficial, a assistência ao caminhante,
a vivência comunitária e a romaria.

"O Carreiteiro" - rota comercial de Álcacer
do Sal a Serpa, num total de 145 quilómetros,
atravessa os concelhos de Álcacer do Sal,
Viana do Alentejo, Alvíto, Vidigueira, Beja e

Serpa, tendo por tema os transportes, o burgo
litoral e interior, o comércio.

"O Caminho da Seda" - itinerário régio de
Lamego a Bragança, num total de 160
quilómetros. Atravessa os concelhos de
Lamego, Peso da Régua, Vila Real, Sabrosa,
Alijó, Murça, Mirandela, Macedo de
Cavaleiros e Bragança.

O poder régio e senhorial, a manufatura,
a feira e o dinheiro constituem-se como tema.

"O Almocreve do Couto de Alcobaça" - de
Alcobaça a Avis. Num total de 190 quilóme-
tros, atravessa os concelhos de Alcobaça,
Santarém, Almeirim, Salvaterra de Magos,
Coruche, Mora e Avis. A jurisdição, o ensino
e a agricultura, são o tema.

"O Cavaleiro Templário" - da Guarda a
Tomar. Atravessa os concelhos da Guarda,
Gouveia, Seia, Pampilhosa da Serra, Sertã,
Ferreira do Zêzere e Tomar, num total de 170
quilómetros. O tema são as ordens militares,
o cavaleiro andante e a alquimia.

J.F.

ESTA SEMANA, MAIS DOIS MEMBROS DO CLUBE DOS MILIONÁRIOS DO TOTOLOTO

ANÓNIMO - Não lhe conhecemos
a cara mas conhecemos-lhe a for-
tuna. São:

101.225.288\$00

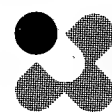
CARNAXIDE
LISBOA



SR. ISIDRO VALOROSO - Um refor-
mado da P.S.P., de 55 anos.
Agora para concretizar os seus
sonhos, esta é a grande realidade:

100.366.872\$00

S. JORGE
AÇORES



totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

ECONOMIA

B R E V E S

Quatro milhões de contos para autocarros da RN

Vão ser abertas no dia 21 de Julho as propostas relativas à aquisição de 60 autocarros a adquirir em 1991 pela Rodoviária Nacional, negócio que ascende a cerca de quatro milhões de contos. O concurso foi aberto a fabricantes nacionais e a representantes de marcas estrangeiras instaladas em Portugal, respeitando a 25 autocarros de grande turismo (dez de 10 metros e 15 de 12 metros), 25 articulados (20 urbanos e cinco inter-regionais) e dez de duplo deck.

Cingasa passa a controlar capital da DigiRede

A Cingasa, empresa informática espanhola, concretizou a sua entrada no mercado português das tecnologias de informação ao assumir uma posição maioritária no capital da DigiRede, com sede no Porto. A Cingasa pertence ao grupo liderado pelo Banco Pastor. A DigiRede era dominada pelo grupo Sonae.

Conselho de Pecuária alia-se ao protesto dos agricultores

O Conselho de Pecuária decidiu aliar-se aos agricultores nos seus protestos contra a decisão governamental de liberalizar a importação de produtos alimentares. Igualmente decidiu apoiar a primeira manifestação pública que está marcada para o próximo sábado, em Torres Vedras.

EDP cria empresa internacional

A EDP (75 por cento) e o Banco de Fomento e Exterior (25 por cento) criaram a Internel, que vai prestar serviços, consultoria e assistência técnica a empresas estrangeiras de produção, transporte e distribuição de energia eléctrica, com incidência prioritária nos mercados de África e do Oriente e em particular nos de língua portuguesa. O capital inicial é de 100 mil contos.

BNU assina contrato para produção de um milhão de papel-moeda de 500 patacas

IN-CM vai fabricar notas para Macau

Um milhão de notas de 500 patacas vai ser produzido pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (IN-CM), ao abrigo de um contrato que será assinado, no próximo dia 17, entre esta entidade e o Banco Nacional Ultramarino, responsável pela emissão de papel-moeda para aquele território.

Embora ainda não sendo conhecido o desenho definitivo da nova nota, o que só será conhecido aquando da assinatura do contrato, uma fonte da IN-CM disse ao DL que nela constarão diversos elementos chineses, fruto de uma investigação aturada. Entre eles encontra-se o dragão, como símbolo da felicidade e a representação do próximo ano chinês.

Segundo Costa Pinto, presidente do conselho de administração do BNU, do contrato a assinar consta a aprovação do desenho definitivo, não havendo uma decisão quanto ao volume global de notas a emitir. Es-

tas serão em talhe doce e impressas em «offset», respeitando todas as normas de qualidade e segurança exigidas para um trabalho como este. A encomenda feita pelo BNU à IN-CM surge numa altura em que se mantém por explicar a posição do Banco de Portugal, que continua a encomendar ao estrangeiro as notas que circulam em Portugal, sem fazer qualquer consulta à instituição portuguesa.

Esta viu ser-lhe adjudicada a encomenda das notas para Macau não por ser portuguesa, mas por ter ganho um concurso internacional aberto pelo BNU, já que apresentou melhores condições de custo, segurança e qualidade, conforme afirmou Costa Pinto.

Diferendo por resolver

Um representante da IN-CM, Joaquim Mestre, recordou que existe, desde 1983, um projecto para fornecimento de notas para o território nacional, mas o Banco

de Portugal tem levantado diversas objecções, continuando, por outro lado, a recorrer a empresas estrangeiras para a sua feitura, sem mesmo consultar a Casa da Moeda.

O Banco Nacional Ultramarino mantém o papel de entidade emissora de papel moeda para Macau, à semelhança do que acontecia para as antigas colónias africanas, acção que desempenhava estatutariamente, até recentemente, durante a vigência do Instituto Emissor de Macau, entretanto extinto.

Agora existe a Alta Autoridade Monetária mas, tal como até aqui, continua a ser o BNU o responsável pela encomenda e emissão das notas, já que mantém o estatuto anterior. «Não houve alteração quanto ao nosso papel e a prova é que abrimos concurso e vamos firmar o contrato com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda», afirmou Costa Pinto.

Redacção «DL»

ICP apoia mestrado em Economia Aplicada

O Instituto das Comunicações de Portugal decidiu apoiar o mestrado em Economia Aplicada da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, patrocinando a cadeira de Microeconomia Aplicada (que este ano lectivo é dedicada às telecomunicações).

Este facto foi ontem revelado à comunicação social num encontro a que estiveram presentes o secretário-geral e o director de Estudos e Planeamento do referido Instituto, respectivamente, Jorge Azevedo e Sousa e Ferrari Careto.

Este último, para justificar a iniciativa, afirmou que se trata de promover a formação de recursos humanos em quantidade e qualidade para um sector, o das telecomunicações, que se mostra carenciado neste domínio.

O apoio à cadeira de Microeconomia Aplicada resulta da filosofia do ICP de dotar o sector em que está inserido de recursos humanos capazes de levar por diante com eficácia os projectos futuros em áreas que estão em rápido desenvolvimento e grande expansão como são as relacionadas com as comunicações.

Investimento luso-americano tem acordo de incentivo

Assinado documento entre a AIP e a AID que visa a promoção de cooperação empresarial entre os dois países

Resultado de um memorando de intenções assinado em Janeiro último, foi ontem firmado um protocolo de cooperação com o fim de criar, em Lisboa, um Gabinete de Promoção do Investimento, destinado à identificação e desenvolvimento de projectos para a criação de «joint ventures» com companhias norte-americanas. Inter-venientes, nesta iniciativa, a Associação Industrial Portuguesa (AIP) e a Agência para o Desenvolvimento Internacional (AID).

O IPO, da designação em inglês Investment Promotion Office, contará com o apoio da AID para o recurso aos quadros dos International Executive Service Corps (IESC), com base na sede deste organismo, onde serão feitos estudos de análise de viabilidade de «joint ventures» propostas às solicitações do Gabinete na identificação de empresas norte-americanas vocacionadas para a formação de sociedades desse tipo com congéneres nacionais, com



Na sala da direcção, Rocha de Matos diz-se optimista quanto ao futuro

destaque para as PME.

Esta estrutura funcionará em sentido inverso, com a possibilidade de formação, nos Estados Unidos, de «joint ventures» de empresas portuguesas com americanas, sendo dado adquirido que a Câmara de Comércio Luso Americana, que é a primeira delegação internacional da AIP, possa vir a desempenhar um papel de representante de interesses das duas partes.

Na sessão de assinatura do protocolo, que decorreu na Sala da Direcção, o presidente da AIP, Rocha de Matos, afirmou que este «é um compromisso amplo com a actividade económica nacional», que a associação «em parte representa».

Ao dirigir-se a Henrietta Holsman, administradora assistente do Departamento de Empresas Privadas da AID, a Ed Wise, director-geral da Agência, a Baptista Nunes,

em representação do secretário de Estado do Comércio Externo e a outras personalidades, Rocha de Matos acrescentou que, «de acordo com a sua tradição centenária, a AIP constrói, rumo ao futuro, no sentido dos interesses do país».

A perspectivação do futuro passa pela concretização de investimentos nos dois países, por companhias mistas, prevendo o protocolo que haja o compromisso de que os esforços não sejam confinados ao ponto geográfico das suas sedes.

Nesse sentido a AIP porá à disposição do IPO os serviços necessários na sua sede, podendo o gabinete contar com o apoio de estruturas regionais descentralizadas, enquanto que a AID, por seu lado, através da acção dos quadros do IESC, poderá fazer a cobertura prospectiva e de apoio e informação, em todo o território norte-americano.

Redacção «DL»

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39835	45835
ALEMANHA FED. (marco)	86865	87885
AUSTRIA (xelim)	12530	12550
BÉLGICA (franco)	48020	48270
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123820	125870
(notas de 5 a 1000)	123870	126820
DINAMARCA (coroa)	22875	23815
ESPAÑA	18378	18498
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143805	146855
(notas de 5 a 1000)	143855	147805
FINLÂNDIA (marka)	37810	37870
FRANÇA (franco)	25880	26850
HOLANDA (florim)	76890	78800
IRLÂNDIA (libra)	233865	237865
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$922	\$977
NORUEGA (coroa)	22860	23810
GRÃ BREITÂNHA (libra)	258815	262865
SUÉCIA (coroa)	23895	24845
SUÍÇA (franco)	102815	103865
VENEZUELA (bolívar)	28618	38418

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Crónica onde se diz de como vai o negócio do cinema por cá: sem rei nem roque, estreia-se não importa o quê, não importa onde; estreia-se não importa quando, nem como.

Do caos, destaque-se um bom filme que amanhã sai de cartaz ("O Verão Frio de 1953") após uma semana de exibição para queimar. Registe-se ainda de como o cronista de "Orquídea Selvagem"... não viu e não gostou, que para "porno" antes o "hard"

Salve-se quem puder

De mal a pior - eis como pode ser definida a distribuição-exibição de filmes em Portugal. De mal a pior - entenda-se - para o espectador que não desistiu de ver filmes (e não vídeos ou cinema na TV), que não desistiu, pois, de ver um objecto artístico enquanto tal e não a sua reprodução mais ou menos adulterada.

De mal a pior para o espectador e dir-se-ia também para os negociantes da distribuição-exibição, não se desse o caso de os seus negócios serem já hoje e aparentemente outros que não o cinema, actividade para eles subsidiária.

Pensar-se-á que é do Verão, mas qual Verão se já na Primavera íamos pelo mesmo caminho, um caminho marcado pela ausência daqueles critérios mínimos de defesa do produto que se comercializa.

E, no entanto, os factos continuam a demonstrar que quando esses critérios existem e o produto é de qualidade, geralmente o esforço compensa. Atente-se só nos êxitos comerciais dos filmes de Kurosawa, Kusturica, Spielberg e Branagh. Em fins de Maio, quando se interromperam estas crónicas, eles, esses filmes, já estavam em cartaz. Agora, um mês e meio depois, continuam, desmentindo a frase feita de que em Portugal o público só gosta do que é mau. Não é verdade. Gosta também do que é bom, ou pelo menos há

público bastante para não deixar cair filmes de qualidade, desde que aqueles a quem compete prioritariamente a sua defesa a queiram fazer.

Mas não querem, em muitíssimos casos não querem. Os exemplos são múltiplos e esta semana aí está mais um: o filme de Alexander Proshkin "O Verão Frio de 1953". Com um lançamento a preceito, eis uma obra que se aguentaria várias semanas em cartaz. Tal como foi lançado - para queimar - estará a semana da praxe, não deverá fazer meio milhão de espectadores e amanhã vai embora até mais ver, se calhar nunca.

Porquê isto? Neste caso, é simples a razão do fracasso. O filme, para já, sendo russo, surge em Portugal em versão falada em inglês; depois, atirou-se com ele para uma sala estimável mas hoje, infelizmente, sem público ao nível de um filme como o de Proshkin.

E esta não é uma questão de somenos. Foram os distribuidores-exibidores que fizeram as salas (e arruinaram outras...), o público habituou-se a elas, marcou e a elas se dirige guiado por uma espécie de tropismo que o leva até lá à confiança. Alterar este estado de coisas é possível, desejável (porque não?), mas exige pelo menos um aviso prévio, uma chamada de atenção para a mudança de critérios.

Assim, tal como foi feito



"O Verão Frio de 1953"... hoje em último dia de exibição

com este filme e com muitos outros, é que não. Estreia-se não importa o quê, não importa onde; estreia-se não importa quando nem como, salvam-se desta anarquia os poucos exibidores independentes que se podem dar ao luxo de escolher.

O caso de "O Verão Frio de 1953" é sintomático. Numa sala onde durante anos nada se passa que valha a pena lança-se a obra de estreia de um realizador da perestroika, um filme que diz da viragem ocorrida na URSS após a morte de Estaline, os seus reflexos num campo de condenados políticos ao exílio interno.

É uma obra excepcional "O Verão Frio de 1953"? Não, não é, mas vale a pena vê-la, não só pelo tema em si (em cinema isso é sempre o que menos interessa), mas também ou sobretudo pelo modo como a história nos é relatada, com a câmara a fundir-se num universo concentracionário, fazendo ela própria parte do drama.

E mesmo a história é interessante. Um pouco como se fosse num "western", uma aldeia onde vivem há anos dois exilados políticos é tomada de assalto por delinquentes comuns recente-

mente libertados graças às medidas liberalizadoras subsequentes ao afastamento de Béria.

Os assaltantes espalham o terror na aldeia, vitimam o guarda, prendem aqueles que representam o Estado e o partido (burocrata um, corrupto o outro) e só são dominados pelos exilados políticos, um dos quais acabará por morrer.

Não é uma morte por acaso, esta. O realizador quis

com isso dizer que estavam também votados aos piores destinos todos aqueles que alimentassem demasiadas ilusões quanto ao imediato futuro pós-Estaline. Salva-se o exilado mais lúcido, o único que sabe estar em situação, o único que luta por salvar a pele, que luta pela defesa circunstancial dos mais fracos, quanto ao resto ele sabe bem que com Estaline ou sem Estaline, com Béria ou sem Béria, tudo

continuará por muito tempo mais ou menos na mesma, o filme o demonstra com os louros da libertação da aldeia a caberem àqueles que não a souberam defender.

Há demasiada ênfase no discurso político, há mesmo a cena final que, por desnecessária, deveria ter sido cortada na montagem final, mas, apesar destes contras, "O Verão Frio de 1953" é um filme que vivamente se recomenda. E se não é caso para dizer "agora ou nunca", é caso para avisar: vejamos hoje que amanhã vai embora.

Há mais filmes novos para ver? Há... e há-os também para não ver (se a sugestão é permitida) e mesmo aqueles que basta o filme anúncio para a gente dizer "nem morto", interjeição que em português corrente significa uma nega em legítima defesa, neste caso da higiene mental.

Um filme para ver (o seu destino em cartaz também não será dos mais afortunados) é "Os Fantasmas de Uma Estrela", de Peter del Monte. O realizador é italiano, o filme é falado em inglês, a acção passa-se num país imaginário mas percebe-se que é a Hungria, uma Hungria algo surreal, a servir bem de cenário a um filme que oscila entre a realidade e o sonho. Podia, aliás, ser uma ópera, a temática musical evoca-a, mas não é ópera, é bailado, "O Lago dos Cisnes", com a bailarina a assumir a personalidade de uma outra falecida

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estrela

- «Sonhos», Akira Kurosawa (1990)
- «Tempo dos Ciganos», Emir Kusturica (1988)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «Henrique V», Kenneth Branagh (1989)
- «O Verão Frio de 1953», Alexander Proshkin (1987)
- «Os Fantasmas de Uma Estrela», Peter del Monte (1989)
- «Inimigas e Amantes, Uma História de Amor», Paul Mazursky (1989)
- «Cenas de Lutas de Classes em Beverly Hills», Paul Bertel (1989)
- «A Paixão de Camille Claudel», Bruno Nuytten (1989)
- «Caçador Branco, Coração Negro», Clint Eastwood (1990)
- «Cookie», Susan Seidelman (1989)
- «Ligações Sujas», Mike Figgis (1990)
- «Os Delinquentes», Cris Thomson (1989)
- «Atenção Bandidos», Claude Lelouch (1987)



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA ÉDITOS

Arquivo 9-C Processo 1/318
Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, n.º 3106/R-86, do apoio n.º 5 da linha 3108/R-36 para o PT n.º 2246-C da Calbrite, ao PT n.º 2969-C da Construtora do Tâmega, S.A., em Casais da Serra, freguesia de Triana, concelho de Alenquer, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 29 de Junho de 1990

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

CULTURA E ESPECTÁCULOS

CINEMA

há um século, com o coreógrafo (Laurent Terzieff brilhante, como sempre) eternizado fora de tempo, acabará por morrer, quebra-se o feitiço por força da paixão, este é também e com toda a propriedade uma fantástica história de amor.

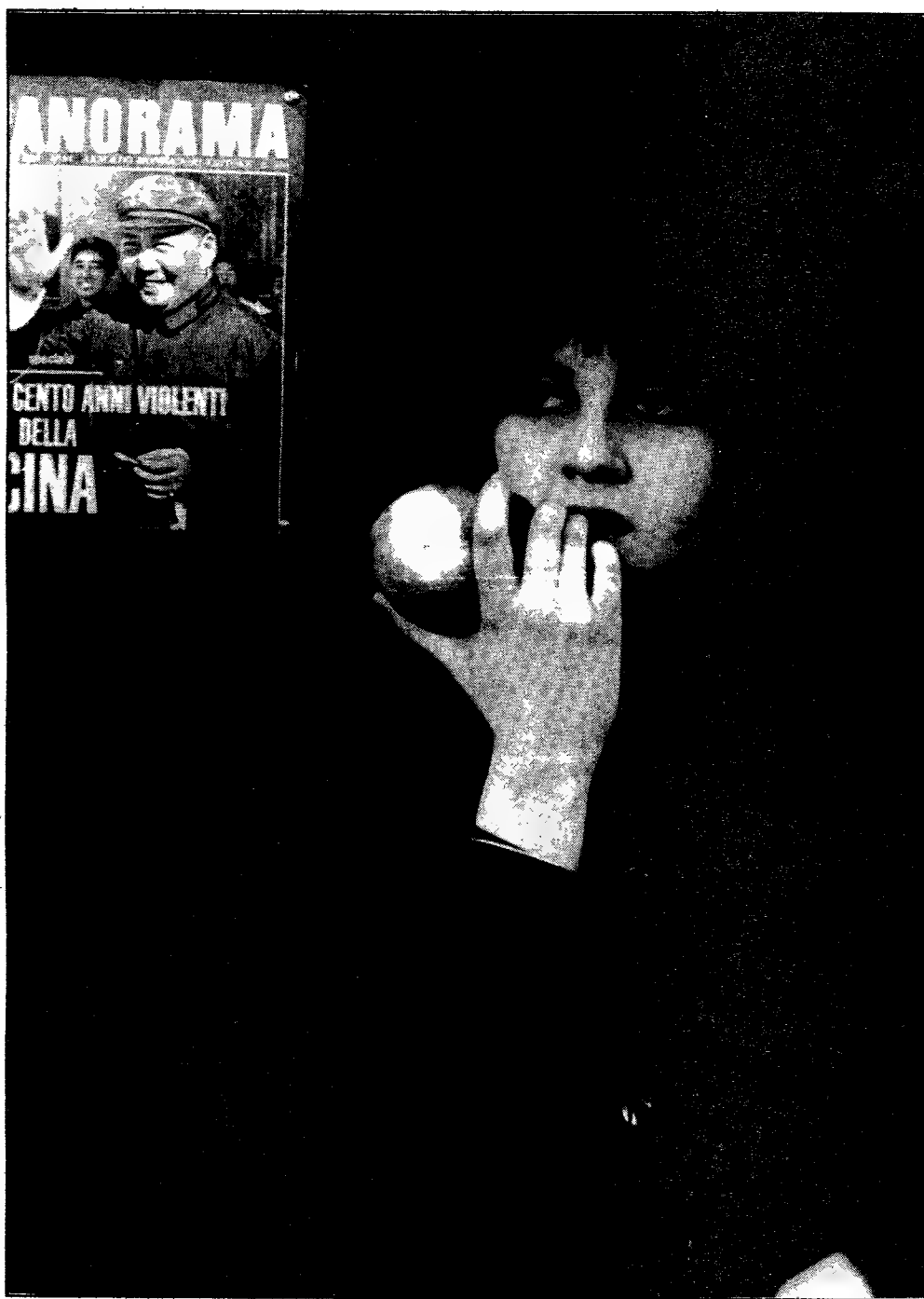
De Susan Seidelman (autora de "Desesperadamente Procurando Susana") esperava-se melhor do que este "Cookie". A ideia é boa, o resultado nem por isso. A ideia é fazer uma comédia do filme negro, juntando uma vaga punk com um mafioso em luta contra mafiosos piores do que ele. Ela é a filha, ele é o pai e o estranho casal acaba por vencer tudo e todos, incluindo o cinema que também sai vencido. Porquê? Porque a realizadora nunca foi capaz de imprimir ritmo convincente ao filme e, já agora, porque nem Peter Falk nem Emil Lloyd convencem, sobretudo ele que anda literalmente perdido frente à câmara.

Perdido de todo anda Lelouch, este filme que fez em 1987 ("Atenção Bandidos") prova-o uma vez mais. Não há palavras para definir esta imbecilidade com auréola, a auréola é ainda a de "Um Homem e Uma Mulher" que Lelouch filmou há vinte e tal anos para gáudio da "qualité française". A "qualité" de Lelouch, se nunca foi muita, de então para cá degradou-se a olhos vistos e esta "love story" de pai e filha mais ladrões de luxo em "happy end" não tem pés nem cabeça. Lelouch para o cinema também não e ponto final parabólico.

Pior com certeza só "Orquídea Selvagem" e digo assim porque vi (aliás várias vezes) apenas o filme-anúncio. E bastou. Mickey Rourke, untado à tropical, mete nojo; a menina promete despir-se a contento de quem vai ao cinema para ver isso, Jacqueline Bisset presumo que faz de proxeneta por amor à arte e há ainda um Brasil de um exotismo de pacotilha. Resumindo e concluindo: para "porno" antes o "hard" do que este "soft", a dignidade aqui é menor, pelo menos os outros não enganam. A mim "Orquídea Selvagem" também não enganou, dele posso pois dizer que não vi e não gostei.

Em tempos de salve-se quem puder (como são os do cinema por cá), desculpem lá, mas desta "orquídea" salvei-me eu assim...

Rodríguez da Silva



Juliet Berto, em «La Chinoise», de Jean-Luc Godard, terça-feira à noite, no Instituto Franco-Português

Isabel, Garbo, Paulette, Rex Harrison e Juliet em sessões especiais

Homenagem aos actores

Com a Malaposta, o Chapitô e «tutti quanti» já de férias, são poucas (mas boas) as sessões especiais da semana que hoje, cinematograficamente, começa. Com excepção de «La Chinoise», de Godard, no Instituto Franco-Português, tudo se resume à programação da Cinemateca. E aqui cruzam-se as homenagens a actores e atrizes. Três desaparecem: Garbo, Paulette Godard e Rex Harrison, só a nossa Isabel de Castro, felizmente, continua bem viva, dando rosto a meio século de cinema português.

Cinema português e não só, já que Isabel de Castro, como se sabe, filmou bastante em Espanha nos anos 40. São precisamente três desses filmes que a Cinemateca exhibe esta semana, juntamente com outros três portugueses, recentes, também com Isabel de Castro.

Dos filmes portugueses todos merecem atenção especial, quanto mais não fosse pelo seu mérito e pelo testemunho que dão — enquanto projectos conseguidos mas diferentes — do pluralismo estético do nosso cinema.

Quanto a Paulette Godard,

exibem-se três clássicos, a começar pelos dois que fez com Chaplin e acabar no realizado por Renoir então imigrado nos Estados Unidos.

Os filmes de Greta Garbo são de 1927, a «divina» já estava na América e com «Love» («Ana Karenina» em português) surgia ao lado de John Gilbert.

Da Cinemateca para o Instituto Franco-Português para assinalar a exibição do filme que, um ano antes, anunciaria o Maio de 68: «La Chinoise», de Godard. Um filme que lançaria uma atriz, infelizmente também já falecida (em Janeiro deste ano): Juliet Berto. Em 1980, ela entraria no cinema português (era a namorada de Mário de Sá-Carneiro em «Conversa Acabada» de João Botelho). Aqui, em «La Chinoise», de 1967, ela simbolizava o Vietname bombardeado pelos americanos e foi assim, com este rosto, que aos 20 anos entrou na História do Cinema.

O calendário dos filmes a seguir:

Hoje, dia 12

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30):

«Mensagem», de Luís Vidal Lopes; e «The Temptress», de Fred Niblo.

Amanhã, dia 13

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Uma Pedra no Bolso», de Joaquim Pinto, e «Love», de Edmund Goulding.

Depois de amanhã, dia 14

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «Modern Times», de Charles Chaplin; «The Great Dictator», de Charles Chaplin; e «The Kiss», de Jacques Feyder.

Segunda, dia 16

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «O Sangue», de Pedro Costa; e «Diary of A Chambermaid», de Jean Renoir.

Terça, dia 17

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Barrio», de Ladislao Vajda; e «Mañana como Hoy», de Mariano Pombo. Instituto Franco-Português (às 21): «La Chinoise», de Jean-Luc Godard.

Quarta, dia 18

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «La Hija del Mar», de Antonio Momplet; e «O Extravagante dr. Dolittle», de Richard Fleischer.

CRÓNICA DE TOUROS

Touros pesados a olho

Praça de Touros de Vila Nova da Barquinha. Sexta-feira, 8 de Junho de 1990. Touros do dr. António Silva para Emídio Pinto, Manuel Jorge de Oliveira, Baptista Duarte, Jorge d'Ourique, João Paulo, Manuel Ribeiro Telles e forçados amadores de Tomar, da Chamusca e da Golegã.

Tourada nocturna na Barquinha, à qual o cronista assiste comodamente sentado num sofá da sua residência, poupado à despesa do bilhete, aos quilómetros da estrada, à friagem da noite, e ao peso de algumas três horas de festejo. Esta última e aliciante poupança deve-se a que, no sistema de touradas em diferido, implantado nesta temporada pela Radiotelevisão Portuguesa, são em boa hora suprimidos os intervalos diversos que, além do propriamente dito, ocorrem na festa taurina nacional, como os episódios das recolhas, sempre sujeitas aos caprichos dos bovinos. E assim as tais três horas da tourada da Barquinha, ficaram em menos de metade. Como dizem os nossos vizinhos: «Lo malo, si és poco, bueno.»

Seis touros para seis cavaleiros e três grupos de forçados, num cartaz modesto apesar da fartura. E mesmo assim o público correu à praça, quase enchia as bancadas, trazendo a sua eterna vontade de aplaudir, dar o dinheiro por bem empregado, o que no caso requereu uma boa dose de paciente boa vontade, dado que os touros do dr. António Silva, outrora famosa ganaderia, saíram mansos, sem casta e poder que emprestasse emoção por aí além às diligências dos cavaleiros, desejosos de aproveitar a oportunidade televisiva para ajudar o seu cartaz.

De recuperar o perdido cartaz andam precisados Emídio Pinto e Manuel Jorge. Depois de terem chegado à primeira fila, anda Emídio pelo meio da tabela, e quase desaparecido do mapa o Manuel Jorge. Não foi esta noite da Barquinha a mais propícia para voltarem ao galarim. Emídio com uma actuação assada, mas trivial e algo fria. E o da Azambuja, com umas cambiadas espectaculares animou a muita gente que se sente feliz com tal sorte, mas não é essa a via para chegar realmente lá acima.

Seguiram-se dois ginetes de recente alternativa e escassos contratos para seus méritos exibirem. Baptista Duarte, desigual, começou por levar um encontro, abriu os curtos com um violino, meteu outro pescadíssimo, acabou recorrendo também às cambiadas. E Jorge d'Ourique, que também deixou agarrar a montada no remate de um curto, despachou a ferragem com algum ofício mas sem demasiado relevo.

Quanto aos dois praticantes do sexteto, esteve João Paulo aqui determinado, entrando a sesgo com o touro enquerençado, além oportuno, cravando por dentro, mostrou no conjunto um certo desembaraço. E a fechar a noite o mais novo dos Tellles, apontou Manuel o apuro da dinastia, numa actuação aceitável, desluzida com um ferro demasiado dianteiro, que quase ficava entre os cornos do bruto.

Entre os cornos dos brutos foram ficando os forçados, com destaque para o tomareense Manuel Serra, que consumou à segunda uma pena em que na primeira tentativa entusiasmou as bancadas, prolongou sozinho a resistência à derrota, e para Vítor do Carmo, o moço da Chamusca que ganhou o prémio em disputa para a pega da noite.

Mas da noite, mais do que na arena aconteceu, se me dão licença aquilo que realmente me tocou foi a sinceridade da jovem veterinária da praça, na entrevista que entre barreiras concedeu à televisão. Falou da sua actividade no dia da corrida, assistindo ao desembarque dos touros, à sua inevitável embolação, verificando o seu bom estado para a lide. Pronunciou-se sobre a falta de atenção que na universidade se presta ao touro de lide, assunto tratado pela rama. E por fim, perante as dúvidas mais que legítimas colocadas pelo Maurício do Vale os touros da corrida, reclamados nos cartazes como tendo mais de quinhentos quilos, e depois anunciados na praça com pesos menores, mas em todo o caso acima daquilo que na verdade aparentavam, não se desmanchou a jovem doutora, confirmou que os pesos de facto tinham sido dados a olho.

Assim mesmo, touros pesados a olho. Que nas touradas da nossa terra os pesos que dos touros se anunciam são muitas vezes uma invenção, para não dizer uma vigarice, era coisa já presumida, à vista digamos da evidência; mas faltava que isso fosse dito, e logo pela televisão, nas barbas de não sei quantos milhões de portugueses, alguns quem sabe se receosos de que o despalante nacional alargue o sistema a talhos e mercearias, a paisagem a olho deixe de ser um exclusivo da tourada.

Sollóquio

CANAL DA CRÍTICA

Telefutebol

1

Sejam as leis muito perfeitas, o máximo de perfeitas, e sempre pesará o factor subjectivo.

A arbitragem deste Mundial vai fazer correr rios de tinta.

Tornou-se evidente, para milhões de pessoas, que o tal factor subjectivo foi determinante nos julgamentos. Isto não concorreu para o crédito da arbitragem. A Suprema Autoridade definir critérios, balizou referências, afixou castigos. Prioritariamente, uma violência: o combate à violência. A qual, como todas as violências acabou por não resultar. O excesso disciplinador provocou indisciplina. É dos compêndios sociológicos...

2

A Câmara presta muita atenção aos cartazes semeados na assistência: «Malvinas, nós voltaremos!» «Feliz aniversário, papá.» «Se Lazzaroni é treinador, eu sou o Papa.» «Salvem a Amazônia!» Espectáculos paralelos, no campo e fora dele.

3

Maradona. Grande plano.

Sentado na relva. A chupar limão. A limpar o suor da testa a provar que tudo lhe sai do corpinho. O pinga a cair-lhe do nariz. Sempre notícia. Quem ousará dizer que imerecidamente?

4

Ainda sobre o pouco jeito que a TV tem para testemunhar.

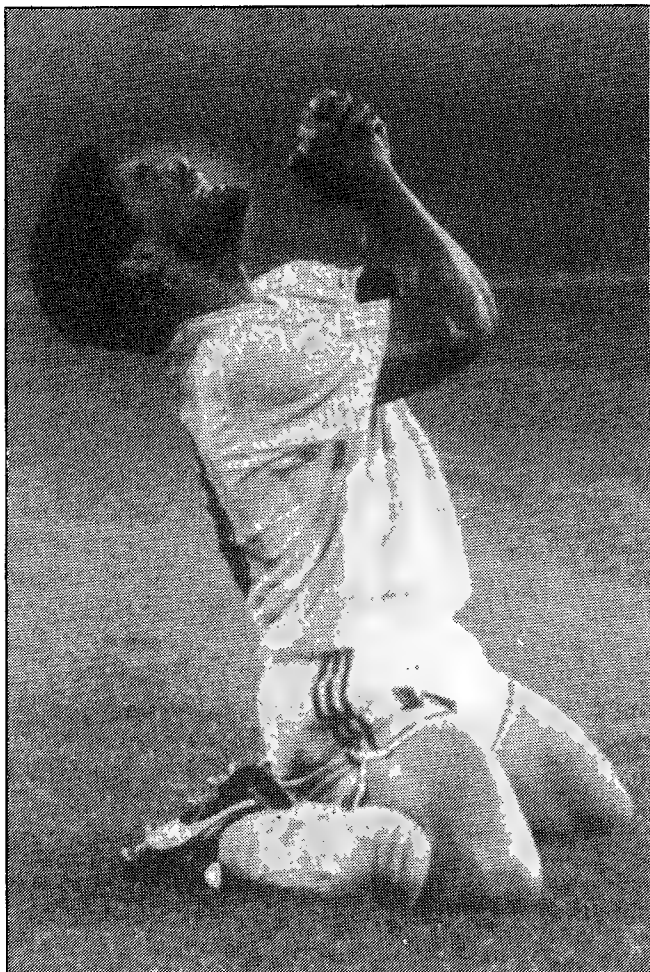
A certa altura, o árbitro anulou um golo a um jogador inglês, com a explicação de que o metera com o braço.

Curiosidade: pela televisão nada se prova, pois nem uma das muitas câmaras espalhadas à volta do campo consegue mostrar o lance com clareza!

Isto prova como são tolos e ignorantes os relatores quando dizem «a mim pareceu-me que»...

5

Cubillas fala com os repórteres portugueses. Que faz ele ali? Faz o relato para a NBC, em emissões destinadas às minorias centro e sul-africanas nos Estados Unidos. Em que trabalha ele agora? Participa, nos Estados Unidos, em programas de iniciação ao futebol desti-



Maradona: os deuses não o ajudaram

nado às crianças.

Onde estão os grandes jogadores de futebol portugueses, que não andam por aí ensinando as crianças? Não seria para Matateu profissão

mais útil do que a de ascensorista no Canadá?

6

O locutor fala de Florença. Entusiasmado. Que é a mais bela cidade italiana. E diz mais. Diz que «faz lembrar as cidades portuguesas».

Aqui está um patriotismo nada modesto...

7

«Apresenta-se como um barril de pólvora...»

Antigamente, falava-se assim dos Balkãs. Agora fala-se assim do futebol, a propósito do Inglaterra-Camarões. Tudo calmo, afinal.

8

A segunda parte do prolongamento RFA-Inglterra durou, a acreditar no cronómetro oficial, 14 minutos e 57 segundos.

A menos que a culpa fosse também da RAI e dos seus computadores. No que não creio, aliás. No Itália-Argentina, por exemplo, quando a RAI indicava 32 faltas, marcava eu próprio 35. Contando melhor, verifiquei que a razão estava com o computador. Tenho um medo destes «fulanos» que me pelo.

Curiosidade: nesse jogo houve 60 faltas, ou seja, uma de 90 em 90 segundos. E não foi dos piores.

9

Já que se trata de faltas: a mais temporária verificou-se no Itália-Argentina. Passavam apenas dois segundos! Um recorde difícil de bater.

Outro recorde do campeonato foi o de tempo útil de

jogo, no RFA-Inglterra: 59,26 minutos.

10

Maradona (*sempre ele*, como se costuma dizer) segue com a bola, o árbitro apitou, ele não quis saber e marcou o golo. Para quê? Gabriel Alves explicou lucidamente: fora um golpe psicológico: mesmo invalidado, Zenga sofria o primeiro golo...

A verdade é que Zenga se enervou. Benzeu-se no início do segundo tempo. Em vão. Os deuses tinham-no abandonado.

11

A RAI mostrou-se prolixa na repetição das jogadas, por vezes em prejuízo da leitura da actualidade. Mas silenciou uma situação controversa, julgada pelo árbitro a favor dos italianos. Mas silenciou o caso que levou à expulsão de um argentino. Seriam descuidados... patrióticos?

12

Ainda o mesmo jogo. Prolongamento. Na primeira parte, o árbitro deixou ir até aos 23 minutos. Toda a gente estranhou.

Eu próprio cronometrei o tempo útil da segunda parte: cerca de oito minutos. Mas o árbitro respeitou os 15 minutos da ordem.

Falta de critério ou falta de coragem?

Com a dívida vênica

O Brasil está muito ligado ao futebol, mas hoje tem muito mais coisas em que pensar. (TV Bandeirante)

A derrota é um desgosto, mas é também um acordar. Todo o Brasil vai sentir muito, o fanatismo principalmente dos *mass media* que pontam sobre o futebol. Agora as capas dos jornais vão modificar as manchetes, agora vão dar enfoque às greves e aos problemas reais do país, e já não à anestesia do futebol. (TV Bandeirante)

Se o Brasil ganhasse a Copa do Mundo, os nossos problemas não seriam resolvidos, eles seriam amenizados. Mas esta desclassificação prematura tem reflexos na indústria, no comércio, no trabalho. No meu ponto de vista pessoal, esta derrota teria sido até boa para que a gente possa reiniciar uma postura diferente, com uma formulação diferente, porque as coisas como estão no Brasil não estão bem. (TV Globo)

O futebol está no sangue do brasileiro. É desagradável ver o Brasil fora e nas circunstâncias em que saiu. A Argentina é a pior selecção que eu já vi há muitos anos.

Não ganhando, o Brasil ataca com vantagem. Imagine-se que esta maneira de jogar fosse levada para o Brasil,

sendo uma maneira de jogar vitoriosa acabava por se implantar entre nós. Eu sou contra. Lazzaroni fala tanto do *libero*, o *libero* já foi implantado na Itália há mil anos. Ora o futebol brasileiro sempre foi criativo, futebol jogado para a frente, mas também sabendo defender, porque podemos levar dois, mas marcando três ou quatro, ganha-se o jogo e isso é que é importante.

(Rivelino)

«... chama-se Diego Luzzaro, é uruguaio, e tem muito para contar. Futebolista internacional, jornalista, escritor de costumes, pintor, aventureiro, conversador delicioso, assistiu a todos os campeonatos do mundo. Tem 89 anos. Entrevistou personalidades como Juan Perón, Franco, Mussolini, Moshe Dayan, Goebbels, Picasso, Garcia Llorca, Josefina Baker, Pelé e outras celebridades.»

P — Como entrou para o jornalismo?

R — Desde miúdos que éramos anarquistas. Líamos todo o tipo de literatura revolucionária, sobretudo Bakunine e Tolstói e os franceses, sobretudo Zola. Escrevíamos versos e panfletos para mudar o mundo. Por isso, tinha já uma prática no ofício de escrever. E quando, ainda futebolista, sofri uma lesão no menisco, como não podia jogar, fiz-me jornalista.

P — Que impressões lhe está a deixar este Mundial?

R — Está ser marcado por algumas arbitragens suspeitas. Tecnicamente, o nível médio é baixo. Basta recordar o ataque português com Eusebio, Torres, Coluna, à esquerda havia um fenómeno, Simões, à direita um José Augusto. Naquele jogo com a Inglaterra!

P — Torcia por Portugal?

R — Com toda a alma.

P — Porquê?

R — Por afinidade espiritual, sentiamo-nos irmãos. Somos latinos.

(Entrevista de Manuel Costa)

Um anúncio de televisão que foi aqui exaustivamente transmitido e logo retirado do ecrã depois do jogo, tornou-se uma profecia. No anúncio, filmado em Roma, um guarda de trânsito interpelava Lazzaroni que conduzia um modelo italiano fabricado no Brasil. Ao verificar os documentos, o guarda espantava-se: «Lazzaroni? Brasileiro? Treinador da selecção? Então eu sou o Papa!»

(Raimundo Varela)

A televisão criou um clima de vitória antecipada, facturando milhões de dólares, quer em anúncios quer em concursos que movimentaram milhões e milhões de cartas que chegavam de todo o Brasil.

(Reinaldo Varela)

Mário Castrim

AGORA A LOTARIA NACIONAL DÁ MAIS PRÉMIOS HABILITE-SE JÁ



DIA 13 ANDA A RODA

DESPORTO

UEFA abre portas à emoção

Porto no Funchal e Benfica em Roma

Estrela da Amadora, Sporting

e Vitória de Guimarães acatam ordem do sorteio

Já ontem tínhamos anunciado qual o resultado do sorteio uefeiro no tocante à intervenção dos nossos cinco clubes. Agora aqui fica o completo cartaz das três competições.



Taça dos campeões

Eliminatória n.º 1: Estrela Vermelha (Jugoslávia) - Grasshoppers (Suíça); Olympique (Marselha) - Dinamo de Tirana (Albânia); FC Tirol (Áustria) - Kuusysi Lahti (Finlândia); Lillestrem (Noruega) - Club Bruges (Bélgica); Sparta de Praga (Checoslováquia) - Spartak de Moscovo (URSS); Nápoles (Itália) - Ujpest Dozsa (Hungria); Malmoe (Suécia) - Besiktas de Istambul (Turquia); Dynamo de Bucareste (Roménia) - T. Patrick (Irlanda); US Luxemburgo (Luxemburgo) - Dinamo Dresden (RDA); FC PORTO - Portadown (Irlanda do Norte); Real Madrid (Espanha) - Odense (Dinamarca); Poznan (Polónia) - Panathinaikos (Grécia); Glasgow Rangers (Escócia) - Alletta (Malta); Bayern de Munique (RFA) - Apoel de Nicósia (Chipre) e Knattspyrnufélag Akureyrar (Islândia) - (CSKA de Sofia (Bulgária)).

O AC Milão (actual detentor do troféu) está isento da 1.ª eliminatória. As duas «mãos» da ronda inaugural estão marcadas para 19 de Setembro e 3 de Outubro.

Face à interdição do Estádio das Antas, o Porto deve fazer o seu 1.º jogo no Estádio dos Barreiros (Funchal).

Taça dos vencedores de Taças

Pré-eliminatória: Bray Wanderers (Irlanda) - Rabzonspor Turquia, eliminatória:

Swift Hesperange (Luxemburgo) - Legia Varsóvia (Polónia); vencedor da pré-eliminatória - Barcelona (Espanha); Viking Stavanger (Noruega) - Ige (Bélgica); FC Silven (Bulgária) - Juventus (Itália); Manchester United (Inglaterra) - Peci Munkas (Hungria); Dynamo de Kiev (URSS) - Kuopion Palloseura (Finlândia); Schwerin (RDA) - Áustria de Viena (Áustria);

Dukla de Praga (Checoslováquia) - Sliema Wanderers (Malta); FC Famagusta (Chipre) - Aberdeen (Escócia); Montpellier (França) - PSV Eindhoven (Holanda); Flamurtari Vlora (Albânia) - Olympiakos (Grécia); Glentoran (Irlanda do Norte) - Steaua de Bucareste (Roménia); Wrexham (País de Gales) - Lyngby (Dinamarca);

ESTRELA DA AMADORA - Neuchatel Xamax - (Suíça);

Fram Reyjavik (Islândia) - Djurgardens IF (Suécia) e Kaiserslautern (RFA) - Sampdoria (Itália). A 1.ª «mão» disputa-se dia 19 de Setembro e a 2.ª a 3 de Outubro.

Taça UEFA

Eliminatória: Brondby (Dinamarca) - Eintracht Frankfurt (RFA); Dnepr (URSS) - Hearts (Escócia); Vitesse Arnhem (Holanda) - Derry City (Rep. Irlanda); Mik Budapest (Hungria) - Lucerna (Suíça);

SPORTING - Malines (Bélgica); Lausana (Suíça) - Real Sociedad (Espanha); Avenir Beggen (Luxemburgo) - Inter Bratislava (Checoslováquia); Borussia Dortmund (RFA) - Chemnitz (RDA); IFK Norrköping (Suécia) - Colónia (RFA); Hafnarfjardir Fh (Islândia) - Dundee United (Escócia); Antwerp (Bélgica) - Ferencváros (Hungria); Zagreb Lubin (Polónia) - Bolonha (Itália); Glenavon (Irlanda do Norte) - Bordeaux (França); IFK Goteborg (Suécia) - Torpedo de Moscovo (URSS); Aston Villa (Inglaterra) - Banik Ostrava (Checoslováquia); FC Magdeburgo (RFA) - Rovaniemi (Finlândia); Vejle (Dinamarca) - Admira Wacker (Áustria); Bayer Leverkusen (RFA) - Twente (Holanda); Odessa (URSS) - Rosenborg (Noruega); Katowice (Polónia) - Turun Palloseura (Finlândia); Iraklis Salónica (Grécia) - Valência, (Espanha); Anderlecht (Bélgica) - Ploesti (Roménia); Atalanta (Itália) - Dinamo de Zagreb (Jugoslávia); Slavia Sofia (Bulgária) - Omonia Nicósia (Chipre); Roma (Itália) -

BENFICA; RODA (Holanda) - Mónaco (França); Sevilha (Espanha) - PAOK (Grécia); Partizani Tirana (Albânia) - Raiova (Roménia); Atlético de Madrid (Espanha) - Politehnica Timisoara (Roménia); Rapid Viena (Áustria) - Inter (Itália); Fenerbahce (Turquia) -

VITÓRIA DE GUIMARÃES e Hibernians (Malta) - Partizan de Belgrado (Jugoslávia). A 1.ª «mão» disputa-se a 19 de Setembro e a 2.ª em 2 de Outubro.

O Benfica, a quem coubera por sorteio efectuar o 1.º jogo em Lisboa, alterou a posição, passando a actuar inicialmente em Itália, para não colidir com o embate Estrela da Amadora - Neuchatel, que tem prioridade no cartaz.

Benfica e Sporting: difíceis missões

Sem sombra de dúvida: Benfica e Sporting (ambos na Taça UEFA) foram as equipas portuguesas a quem couberam os adversários mais difíceis na 1.ª eliminatória das provas europeias de futebol.

O Benfica, finalista vencido da última Taça dos Clubes Campeões Europeus (frente ao AC Milão) inicia a sua aventura na Taça UEFA de 90-91 frente ao poderoso Roma (de Itália) esta época reforçado com o ex-benfiquista brasileiro Aldair e com o internacional Andrea Carnevale, vindo do Nápoles. O Roma, que conta nas suas fileiras com o talentoso Giannini (uma das pedras influentes na selecção italiana, 3.ª classificada no Itália-90) é, contudo, uma equipa bem conhecida pelo treinador benfiquista, Sven-Goran Eriksson, que já dirigiu os romanos durante duas épocas.

Por ironia, um dos obstáculos aos «encarnados» para acertarem com as redes da baliza do Roma será Aldair, um jogador que «brilhou» na Luz e que há dias trocou o Benfica pelo Roma, longe de imaginar que teria de defrontar os seus ex-colegas logo na 1.ª eliminatória da UEFA.

O Benfica já eliminou o Roma da Taça UEFA (precisamente na temporada de 1982-83, sob o comando de Eriksson) numa eliminatória em que o grande carrasco dos romanos foi o então avançado jugoslavo Filipovic, hoje treinador do Salgueiros.

O Sporting, depois de ter sido prema-

tamente eliminado da Taça UEFA na temporada passada (pelo Nápoles, logo na ronda inaugural), voltou a não ter a sorte do seu lado, ao tocar-lhe receber o credenciado Malines (Bélgica) que conta no seu «palmarés» com uma vitória na Taça das Taças (1987-88) tendo vencido a Supertaça desse mesmo ano.

Fundado em 1904, o Malines conta na sua história com quatro títulos nacionais conquistados e uma vitória na Taça da Bélgica. Esta época, apesar das saídas de Erwin Koeman e Jon Bosman, o Malines conta com um bom «plantel» de jogadores, tendo na baliza o guarda-redes da selecção belga, Michel Preu d'Homme.

A outra equipa portuguesa envolvida na Taça UEFA (o Vitória de Guimarães) terá pela frente um adversário mais acessível (o Fenerbache da Turquia) muito embora o futebol turco tenha dado sinais de grande pujança nas últimas temporadas, em parte devido à contratação de técnicos e jogadores germânicos. Aliás, o guarda-redes do Fenerbache é o conhecido Toni Schumacher, antigo «internacional» alemão-federal, afastado da selecção da RFA, após o mundial de 1986 (no México) na sequência de um livro polémico (pontapé de saída).

O Fenerbache já foi orientado pelo lendário seleccionador alemão-federal Juup Derwall e por Pal Csernai (que passou pelo Benfica), sendo actualmente dirigido pelo holandês Guus Hiddink, vindo

do PSV Eindhoven, onde conquistou uma Taça dos Campeões Europeus frente ao Benfica, em Estugarda. O clube turco conta nas suas fileiras com um dos melhores goleadores do futebol europeu: Pollack que, apesar de muito pretendido pelo futebol italiano, acabou por permanecer na equipa de Istambul.

Na Taça das Taças, o Estrela da Amadora estreia-se frente aos suíços do Neuchatel Xamax, que já eliminaram o Sporting (na Taça UEFA, em 1981), depois de um empate sem golos (0-0) em Alvalade e triunfo (1-0) no pequeno estádio de La Maladière. Clube suíço, sem ser dos adversários mais difíceis na prova, atingiu duas vezes os quartos-de-final da Taça UEFA, contando-se como suas vítimas equipas conhecidas como o Sparta de Praga (Checoslováquia) e Malmoe (Suécia).

Na Taça dos Campeões Europeus, o FC Porto (vencedor do troféu em 1987, na final de Viena, frente ao Bayern de Munique) não deverá ter grandes problemas para se livrar dos modestos nortirlandeses do Portadown, na eliminatória de abertura daquela taça europeia. Equipa praticamente desconhecida do futebol europeu, o Portadown não parece estar apto a causar surpresa frente aos «dragões», que esta época se reforçaram com o brasileiro Aloísio, o francês Paille e o búlgaro Kostadinov, muito embora Madjer e Águas sejam duas perdas de vulto.

Optimismo e esperança: reacção dos portugueses

As primeiras reacções ao resultado do sorteio af estão: Jorge Nuno Pinto da Costa considera que o Portadown (Irlanda do Norte) está longe de ser uma equipa fácil: O Portadown não é um grande nome do futebol europeu, mas é representante de um estilo que ainda agora, no Campeonato do Mundo deixou boa impressão, disse o presidente azul-branco.

Sobre a interdição do Estádio das Antas, e o local escolhido para a realização do desporto, com o Portadown, o presidente portista disse ainda nada estar, totalmente, decidido: *Esse jogo tanto pode ser disputado na Madeira como no Continente (Setúbal) ou até no estrangeiro, havendo as hipóteses de Paris, Bordéus ou Genebra, acrescentou. O local da realização do encontro depende das negociações com a televisão portuguesa, pois queremos que o jogo seja transmitido em directo de modo a não privar os nossos adeptos de presenciarem a partida.*

Por sua vez, André (um dos jogadores portistas com mais experiência) lembrou uma anterior eliminatória com o Wrexham, em que os «dragões» foram eliminados. *Estas equipas oferecem (tradicionalmente) muitos obstáculos, já que são protagonistas de um futebol duro e viril, sublinhou o médio das Antas, fazendo questão de esfriar entusiasmos, recordando uma anterior eliminatória que o FC Porto perdeu com os galeses:*

Também quando defrontámos o Wrexham diziam que eles eram amadores e acabámos por ser eliminados sem apelo nem agravo.

Manuel Fernandes, novo

COUPE CHAMPIONS	
Premier Tour	
19.9. + 3.10.1990	
libre/free/frei	Milan AC
Crvena Zvezda	Grasshopper Club
Olymp. de Marseille	Dinamo Tirana
FC Swarovski Tirol	Kuusysi
Lillestrom SK	Club Brugge
Sparta Praha	Spartak Moscou
SSC Napoli	Ujpesti Dozsa
Malmö FF	Besiktas Istanbul
Dinamo Bucuresch	St. Patrick's Athl.
Union Sport. Lux.	Dynamo Dresden
FC Porto	Portadown
Real Madrid	Odense BK
Lech Poznan	Panathinaikos
Glasgow Rangers	Valletta FC
Bayern München	Apoel Nicosa
Knattsp. Akureyrar	CSKA Sofia

técnico do Estrela da Amadora, cuja equipa joga com os suíços do Neuchatel Xamax para a Taça das Taças, ficou satisfeito com o sorteio que decorreu em Genebra.

Esta equipa do Neuchatel Xamax nada tem a ver com aquela com quem joguei há oito anos, quando estava no Sporting. Por isso é necessário deslocar-me à Suíça para observar um ou dois jogos do nosso futuro adversário. Segundo o ponto de vista de Manuel Fer-

nandes, o Neuchatel Xamax não sendo um adversário fácil, não é assim tão difícil, que nos consideremos de antemão batidos. Por seu lado, Jaime Salvado, (presidente do Estrela da Amadora) mostrou-se confiante no apoio dos emigrantes portugueses quando a sua equipa se deslocar à Suíça.

João Santos (presidente do Benfica) não se mostra particularmente preocupado pelo facto da sua equipa ter de defrontar o Roma: *De facto, não*

contava com este adversário na 1.ª eliminatória da Taça UEFA, até porque já tínhamos agendado (e vamos cumprir) a realização de um encontro com a equipa da capital italiana no dia 21 de Agosto, ao abrigo de uma cláusula da transferência de Aldair, disse João Santos. Mas será que a UEFA autoriza este jogo?

Para o presidente do Benfica a eliminatória com o Roma é uma excelente oportunidade para termos uma grande enchente no Estádio da Luz e provarmos que temos uma grande equipa.

Sous Cintra (presidente do Sporting) queixou-se do facto do sorteio ter mais uma vez sido pouco feliz para a sua equipa que terá de defrontar os belgas do Malines.

Mal por mal, antes queríamos um clube italiano, porque isso dava-nos mais dinheiro, sublinhou o presidente sportinguista. Contudo, Sousa Cintra mantém esperanças em vencer a eliminatória. Sabemos que o Malines é a equipa mais cotada da Taça UEFA, mas não é imbatível, pois ainda o ano passado a vencemos por 1-0, em jogo particular realizado quando estávamos a fazer um estágio na Holanda, sublinhou.

O técnico do Vitória de Guimarães o brasileiro Paulo Autuori (que se encontra com a sua equipa no Brasil, a efectuar um estágio de preparação da época) ficou contente com o sorteio que colocou os turcos do Fenerbache no seu caminho. *Estou tranquilo, porque reconheço que temos muitas possibilidades de passar a eliminatória, embora o Fenerbach não seja uma equipa tão fraca como se poderá pensar.*

DESPORTO

Grande festa do andebol

Aí está a 8.ª Xiracup

A cidade de Vila Franca de Xira tem mais um motivo de animação, depois das Festas do Colete Encarnado: trata-se da 8.ª edição do Torneio Internacional de Andebol — Xiracup (masculino e feminino) que, a partir do dia 13 reunirá cerca de 800 jogadores de oito países, em mais de duas centenas de jogos, utilizando os pavilhões da União Desportiva Vilafranquense, polivalente do Cevadeira, pavilhão e rínque da Escola Alves Redol e rínques da escola do ciclo, Quinta da Mina e piscinas, todos em Vila Franca de Xira.

Esta edição do 8.º Xiracup, organizado pela União Desportiva Vilafranquense, reúne 76 equipas masculinas e femininas, sendo 24 estrangeiras e 52 portuguesas (de quase todos os distritos do País). Presentes: Portugal, Brasil, Dinamarca, França, Espanha, Argélia, Angola e Cabo Verde, com turmas constituídas por jovens de ambos os sexos, até aos 21 anos.

«O torneio foi-se afirmando ano após ano e cá está ele de novo a encher a nossa cidade, agora já com a presença no quadro dos maiores torneios internacionais de Verão (...) a nossa sinera aspiração é que o Xiracup continue marcado como um torneio em que todos ganham», diz o presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, entidade que tem apoiado sempre a iniciativa, este ano com ajudas da Direcção-Geral dos Desportos e do Governo Civil de Lisboa, de muitas empresas da região e comércio local, sem os quais não seria possível realizar uma iniciativa desta envergadura, que já ganhou prestígio internacional.

Em Vila Franca de Xira já se encontra uma centena de jovens dinamarqueses e está previsto para hoje mais algumas dezenas de brasileiros, componentes de 9 equipas. Como eles, vem uma escola de samba, que aproveitará a estada em Vila Franca de Xira para alguns espectáculos.



O preparador físico Thersilsky comanda os futebolistas do Sporting que estão em estágio em Mafrá, no Centro Militar em que o desporto tem papel fundamental. Notícias: Silas e Ivkovic continuam de férias, Vital e Paulinho Cascavel (dispensados por Marinho Peres) têm o destino mais próximo nas mãos do presidente Sousa Cintra, tal como acontece com Litos, que não chegou a acordo para renovação de contrato. Em contrapartida, parece que está emendada a mão e tanto Mário Jorge como João Luís vão permanecer em Alvalade, dada a saída de Ali Hassan, Portela e Lima, para o Farense.

Israel e Angola estagiam por cá

A selecção nacional de Israel, na variante de velocidade, vem realizar um estágio em Melres (Gondomar) de 18 a 31 do corrente. O estágio insere-se no protocolo celebrado entre a Federação Portuguesa de Canoagem e algumas das suas congéneres estrangeiras, visando uma troca de conhecimentos técnicos e competitivos.

A selecção nacional realizou já, no final do ano passado, um estágio em terras israelitas, sendo agora a vez da formação «retribuir».

Para além destas selecções, o protocolo abrange também (entre outras) as federações da Checoslováquia, Polónia, Hungria e Suécia.

Por seu lado, a selecção nacional de natação de Angola vem amanhã para Portugal a

fim de cumprir um estágio de preparação, com a duração de 25 dias, visando a participação no campeonato africano, que se realiza de 17 a 26 de Agosto, em Túnis (Tunísia).

A comitiva angolana (que é chefiada pelo dirigente federativo Anselmo Lima Juca) integra os nadadores Adriano João, António Frank, Jorge Gomes, José Fernandes, Elsa Freire, Nadia Cruz, João Francisco, Vivaldo Ferreira e Gaspar Fragata, e o treinador Mariano dos Santos.

A representação angolana, que durante a sua permanência no nosso país pretende efectuar trocas de experiências com treinadores e nadadores portugueses, desloca-se depois a Itália onde prosseguirá a preparação até à viagem para Túnis.

Académica de Coimbra: reforços do estrangeiro

O presidente do organismo autónomo de futebol da Associação Académica de Coimbra afirma que o projecto de subida à 1.ª divisão não pode mais ser adiado. O dr. Mendes Silva refere que, para garantir a viabilidade dessa pretensão, está a ser organizado o adequado elenco de jogadores.

Alfaia, Nikita e Mariano são alguns dos reforços que integram a equipa, no início dos trabalhos de preparação da próxima época. O médio Russel Latapy e o extremo esquerdo Leoson Lewis

(internacionais de Trinidad-Tobago) integram também o «plantel» da Académica.

A fim de serem submetidos a testes deslocam-se a Coimbra na próxima semana, os brasileiros Paulo Thomé (defesa) e Carlos Alberto (avanzado). Jordan Dimitrov (do CSKA de Sofia, Bulgária) chegará igualmente na próxima semana com o objectivo de reforçar a linha dianteira dos «estudantes».

Mendes Silva anuncia também que se encontra em preparação uma campanha de angaria-

ção de meios e confirmou que o Académico de Brasfemes será o clube satélite da Académica de Coimbra. No que respeita aos jogos de preparação os «estudantes» contam de frontar o Sporting (no início de Agosto, na Figueira da Foz) e tomar parte num torneio internacional, a realizar naquela cidade, nos dias 4 e 5 do próximo mês. Jogos com o Caldas e o Beira Mar integram igualmente o plano de preparação da Académica que, na próxima temporada, vai disputar o campeonato nacional da 2.ª divisão de honra.

Vela: portugueses em Itália

Seis tripulações masculinas e três femininas integram a selecção portuguesa que vai participar no Campeonato do Mundo de Vela da Classe Vaurien, que se realiza em Itália, entre 15 e 20 do corrente. Segundo um comunicado da Associação de Vaurien, as regatas (em número de seis) terão lugar nas águas do Mediterrâneo, com a organização do campeonato a cargo do Círculo Velico Nettuno, situado a 50 km de Roma.

Fernando Cruz/Pedro Cruz (Clube Náutico de Almada), Vítor Figueiro/Sérgio Monteiro

(Clube Naval e Leça), Diogo Cayolla/Tiago Quelhas (Clube de Vela Atlântico), Sérgio Araújo/Alexandre Moura (Clube de Vela Atlântico), Paulo Palha/Miguel Pinheiro (Clube de Vela Atlântico) e Vítor Hugo Marcelino/Paulo Costa (Clube Náutico de Ponta Delgada) constituem a selecção masculina. Paula Vieira/Ana-lisa Pinto (Clube Náutico de Ponta Delgada), Benedita Barros/Mariana Barros (Clube de Vela Atlântico) e Sandra Bailote/Ana Marques (Clube de Vela de Lagos) representarão Portugal no sector feminino.

Judo vai dar salto em frente

O ministro da Educação, eng.º Roberto Carneiro, homologou a assinatura de três contratos-programa entre a Direcção-Geral de Desportos (DGD), o Instituto Nacional de Fomento do Desporto e a Federação Portuguesa de Judo (FPJ).

Segundo o protocolo assinado no Centro de Estágio do Estádio Nacional, a DGD comprometeu-se a ceder à FPJ uma verba no valor de 67 mil contos, sendo de 45 mil para as actividades regulares da Federação, 21 mil para a alta competição e mil para as actividades juvenis.

A Federação Portuguesa de Judo pretende, a breve prazo, iniciar a formação para os árbitros, treinadores e atletas, com vista a uma participação condigna nas Olimpíadas de Barcelona, em 1992.

No decorrer da reunião no Jamar, Roberto Carneiro defendeu, que a assinatura dos contratos-programa «visa afastar definitivamente uma política opaca e obscura entre o Estado e as federações». Para o ministro da Educação, a formação dos atletas reveste-se de uma importância fundamental, considerando que os praticantes «têm de deixar de ser meros agentes da prática desportiva. O desporto nacional não pode continuar a progredir exclusivamente na sua vertente quantitativa e de expressão numérica».

Tour: Acácio cada vez pior

O italiano Gianni Bugno venceu a 11.ª etapa da Volta a França, disputada entre St. Gervais-Mont Blanc e Alpe d'Huez, na distância de 182,5 quilómetros. Bugno percorreu a tirada no tempo de cinco horas, 37 minutos e 51 segundos, realizando uma média horária de 32,410 km. O francês Ronan Pensec manteve a camisola amarela. Acácio da Silva foi 143.º na etapa, a 30 minutos e 30 segundos do vencedor, estando agora em 135.º, com mais uma hora quatro minutos e 49 segundos que o «leader».

O Tour-90 prossegue hoje com uma etapa disputada no sistema de contra-relógio individual, de 33,5 km, entre Fontaine e Villard-de-Lans.

Hipismo no Vimeiro

Os melhores cavaleiros nacionais estarão presentes no 7.º concurso de saltos nacional do Vimeiro, que se irá disputar entre 19 e 22 do corrente, no Hipódromo do Hotel Golf-Mar. O certame, que integra o calendário oficial da Federação Equestre Portuguesa, tem por principal ob-

jectivo «valorizar, cada vez mais, o hipismo nacional, proporcionando boas condições aos cavaleiros», afirma Jorge Mathias, presidente do júri.

A prova, que contará com 225 conjuntos (cavaleiros e montada), só não é internacional por razões relacionadas com a peste equina.

FÉRIAS 90

MARROCOS

cidades imperiais

autocarro+avião

- Auto-Férias
- Cidades Portuguesas

Desde 62.000

NOVO!

salou

partidas todas as 6^{as} feiras

DESDE 33.900\$

NOVO

benidorm

☆ HÓTEIS E APARTAMENTOS

☆ AUTO-FÉRIAS

DESDE 7.500\$ (SEMANA)

partidas todas as 6^{as} Feiras

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Rua da Madalena, 55-61

878821/2/3 Telex 44546 LT 38

1100 LISBOA

DESPORTO

Amadora e Marítimo apresentam blocos

As colectividades com futebol de alta competição voltaram a fazer funcionar as suas oficinas, mostrando aos adeptos as caras novas e os sobreviventes da última temporada. Cada qual com suas aspirações e sonhos.

Os ex-benfiquistas Álvaro, Abel e Miranda (os dois últimos cedidos por um ano) uniram-se à «família» amadorenses durante a apresentação oficial do «plantel» do Estrela da Amadora com vista à nova época futebolística. Na cerimónia o presidente do clube (Jaime Salvado) apelou à união entre técnicos, dirigentes, jogadores e corpo clínico: *Desejo que os jogadores se unam na formação de uma equipa que dignifique Portugal, o Estrela e a cidade da Amadora. Peço-vos para colaborarem no engrandecimento do clube*, sublinhou Jaime Salvado, acrescentando: *Penso que iremos formar uma grande equipa e para isso espero que o «plantel» se entregue de alma e coração à sua profissão*.

Manuel Fernandes, técnico da equipa principal, depois de

pedir aos jogadores entrega total e esforço no trabalho, disse que o Estrela vai disputar quatro provas importantes: Campeonato Nacional, Taça, Supertaça e Taça das Taças.

Os jogadores que abandonaram o clube foram substituídos por outros de valor e com experiência. Conseguimos, em parte, os reforços que pretendíamos. Só espero que a sorte nos acompanhe, porque trabalho e dedicação é coisa que não nos faltará, sublinhou.

Relativamente ao «plantel», o Estrela contará com os guarda-redes Melo, Hugo e Valter, os defesas Rui Neves, Costeado, Duílio, Abel (júnior), Valério (ex-Boavista), Álvaro (ex-Benfica), Dimas (ex-FC Porto), Mota (que estava cedido ao Louletano), Alexandre Nunes e Rui Alexandre, os médios Abel (ex-Benfica), Marito (ex-FC Porto), Rebelo, Elias, Paulo Bento, Paulo Jorge, Miranda, (ex-Chaves), Jordão e Baroti e os avançados Mendes (ex-Louletano) Ricky, Pedro Xavier, Sobral e Sérgio (que es-

tava emprestado ao Covilhã), Duílio, que não esteve presente, tem autorização para seguir até ao estágio nas Açores (Algarve), quando chegar das férias que goza no Brasil. Quanto a Basaila, o responsável do futebol amadorenses (António Bernardo) afirma que Jaime Salvado e Pimenta Machado vão analisar a possível continuação do jogador no Estrela: *é uma situação difícil porque o Vitória de Guimarães também quer o jogador* — afirmou António Bernardo (Toni).

A situação de Diamantino será resolvida durante o estágio de 11 dias, após análise do actual «plantel», do qual saíram Domingos, Gomes, Jorge Neves, Mário Gomes e Sessay.

A apresentação da equipa do Estrela está prevista para 27 do corrente no Estádio José Gomes na Reboleira. Nos dias 10 e 11 de Agosto, o Estrela vai participar no Torneio da Costa Azul (em Setúbal) e a 7 e 14 de Agosto, será disputada a Supertaça com o FC Porto.

Marítimo apresenta a sua gente

O Marítimo regressou ao trabalho e, apesar de estar ainda a negociar a contratação de alguns jogadores, apresentou aos adeptos aquisições já garantidas para o próximo Campeonato Nacional de futebol da 1.ª divisão. Barriga (ex-Porto), Quinho (ex-Setúbal), Chico Oliveira (ex-Estrela da Amadora), Mendes (ex-Sporting da Covilhã), Andy Clemente (ex-Wimbledon), Peter Hinds (ex-Dundee United) e Caetano (ex-FC Porto) são os reforços já assegurados pelo clube madeirense.

Rui Fontes, presidente do Marítimo, referiu que o *objectivo primordial para esta temporada é conseguir garantir a tranquilidade o mais rapidamente possível*, defendendo que *isso só será possível se todos estiverem unidos como uma família*.

No entender de Ferreira da Costa (treinador da equipa) *é altura de deixar de sonhar alto como em anos anteriores e passar a assentar os pés no chão. O Marítimo sabe o que quer e, sobretudo o que pode fazer: a equipa que temos programada pode ser forte e temida*, afirmou o técnico.

Quanto ao grupo de jogadores, Ferreira da Costa disse faltarem ainda cinco jogadores (dois defesas, um médio e dois avançados) cujas faltas devem ser colmatadas dentro de dias, pois pretende-se *começar a preparação com toda a equipa o mais rapidamente possível*. O defesa central a contratar pelo clube deverá vir do Brasil e os avançados serão (provavelmente) ingleses ou alemães.

Peter Hinds e Caetano, dois dos reforços da equipa, são esperados no Funchal dentro de dias, bem como os jogadores que estão ainda a gozar férias.

A preparação da equipa decorrerá, principalmente, na Madeira: dentro de uma semana começam os treinos, bi-diários e, até lá, a equipa do Marítimo vai submeter-se a



Caras novas no Estrela da Amadora: o internacional Álvaro e o presidente Jaime Salvado

exames médicos e a um treino diário.

A 22 e 25 do corrente o Marítimo disputa dois jogos de preparação no continente, com equipas por definir, regressando depois à Madeira para disputar o Torneio Autonomia, desde o dia 28 até 12 de Agosto. O «plantel» do Marítimo para a época de 1990-91 é o seguinte:

• Guarda-redes: Everton, Sérgio (ex-júnior), Vítor Miguel e Mendes (ex-Sporting da Covilhã).

• Defesas: Carlos Jorge, Rui Vieira, Ricardo Aguiar, Chico Oliveira (ex-Estrela da Amadora), António Caldeira, Marco Rafael, Barriga (ex-Porto) e Jorge Correia.

• Médios: Esquerdinha, Názaro Nunes, João Luís, Marquinhos, Crispim, Luciano (ex-São Vicente da Madeira), Jorge Abreu, Quinho (ex-Setúbal) e Paiva.

• Avançados: Peter Hinds (ex-Dundee United, Inglaterra), Andy Clemente (ex-Wimbledon, Inglaterra), Caetano (ex-Porto), João Paulo, José Luís, Higinio, Hélder Freitas, Lino e João Paulo Gonçalves (ex-júnior).

Castelo Branco apetrecha-se

A direcção do Benfica de Castelo Branco, divulgou a constituição da turma que vai disputar a 2.ª Divisão de honra. Com um total de 25 elementos, a equipa albicastrense será composta por Carlos (ex-Vitória de Guimarães), Caio e Tata (ex-Santiago do Cacém, (guarda-redes), os defesas Amadeu, Pacheco (ex-Maia), Ramalho, Quim Ma-

nuel, Carlinhos (ex-Vitória de Guimarães), Quim Berto (ex-Vitória de Guimarães), Chiquinho (ex-Silves), César Vaz, Martinho, Tozé (ex-Silves) e Paulo Jorge (ex-júnior); os médios Chico, Nunes (ex-Penafiel), Luís Filipe, Baptista (ex-Vianense), Zarro (ex-Seixal), Peres, Pisco (ex-Vizela e Miguel Vaz, (ex-júnior) de os avançados Jorge Humberto, Mané (ex-Vitória de Guimarães), Dito, Artur Jorge (ex-Vitória de Guimarães) e Renato (ex-júnior). A equipa técnica é composta por Bernardino Pedro, que tem como adjuntos Manuel Pinto e Quim Manuel.

O orçamento para a próxima temporada ronda os 75 mil contos, tendo como 1.ª aspiração a subida à divisão principal.

Juniiores na Venezuela

O técnico Carlos Queiroz divulgou a lista de jogadores que integrarão a selecção nacional de juniores B que vai disputar o torneio da Venezuela. Da lista fazem parte os seguintes elementos: Académica de Coimbra (Sérgio Conceição); Marinhense (César); Boavista (Jorge Emanuel e Nuno Gonçalves), Belenenses (Nuno Santos, Pedro Henriques e Nuno Campos), Marítimo (Zeca), FC Porto (Reisinho, Hugo Ricardo, Luisinho e Madureira), Braga (Rui Guerreiro), Benfica (Nuno Sampaio, Nuno Afonso, Figueiredo, Beto, Morbey e Adriano), Sporting (Paulo Morais, Carapeta, Barata e Nuno Luís), Vitória de Setúbal (José Carlos).



Rui Fontes (presidente do Marítimo) durante a apresentação dos jogadores madeirenses à Comunicação Social. Ao lado, de óculos escuros, está o técnico Ferreira da Costa



Gente diferente no «team» maritimista: Quinho, Barriga, Mendes, Higinio, Rui Vieira, Marquinhos e Chico Oliveira

B R E V E S

Recreio de Águeda

Avelino Nunes Pinto e o novo presidente da direcção do Recreio Desportivo de Águeda o elenco directivo do clube ficou assim: presidente da assembleia geral — Joaquim Cruz; presidente do conselho fiscal — Armando Silva; presidente da direcção — Avelino Nunes Pinto; vice-presidente administrativo — Raul Bastos; vice-presidente desportivo — David Lucena; vice-presidente das actividades amadoras — Joaquim Almeida; director para relações públicas — António Melo; instalações desportivas — Albano Santos; publicidade — João Armando; transportes — Ernesto Alves; tesoureiro — Joaquim Abrantes; vogais — Jorge Vital, Arsénio Jorge, Augusto José, Parada Figueira, António Chaves Aristides e Fernando Marques.

Nacional da Madeira

Os novos corpos gerentes do Clube Desportivo Nacional tomaram posse. O presidente da direcção (dr. Nélcio Mendonça) referiu que este ano, o Nacional procedeu a algumas mudanças a nível directivo dado que se pretende *«premiar o esforço de alguns elementos que deram um grande contributo ao clu-*

be, proporcionando, em contrapartida, mais descanso a outros que devido ao cansaço ou a afazeres profissionais, não podem dar o seu melhor ao Nacional».

Nélcio Mendonça desafiou os críticos do Nacional para que dessem mais tempo ao clube, de modo a verificar o trabalho que este desenvolve nos seus diversos sectores. O Nacional introduziu alterações quanto a composição do seu elenco directivo e da assembleia geral, pelo que foram criados os cargos de vice-presidente da assembleia geral, o de presidente substituto da direcção, tendo ainda sido criadas mais quatro vice-presidências.

Vela: Torneio Luís Godinho

A 2.ª edição do Torneio Luís Godinho em vela vai contar com a intervenção de 60 embarcações das classes Europe, Laser, 420 e 470, estando prevista a sua realização no próximo fim-de-semana. *«O Algés está a apostar fortemente nestas classes, uma das razões pelas quais decidimos avançar com a realização do torneio»*, afirma João Marcelino, director do Algés e Dafundo, clube organizador.

MUNDIAL

Esbanjaram-se milhões, países onde a fome e o desemprego imperam, onde luta alastra das ruas até ao estômago dos habitantes, jogaram fortunas na biqueira das botas de ídolos criados para adormecimento do povo.

Fortuna esbanjada na ponta de chuteiras

Já lá vai e ainda por aí poisa: muito ainda transporta consigo o mais discutido e incendiado Campeonato Mundial de Futebol, especialmente dada a onda de violência em que esteve cercado, as lutas quase quotidianas entre «holligans» e forças de segurança, os desatempos de linguagem que foram proferidos por genet conhecida no universo do pontapé na bola e, sobretudo, pelo leque de escandalosas arbitragens que favoreceram ou destroçaram «onzes» que deveriam ser observados pela bitola da neutralidade mais lógica.

Forjaram-se (é o termo) resultados que ditaram o afastamento imediato de alguns países: mas o mal já estava feito e não havia emendas possíveis. Nesse aspecto, a arbitragem espanhola e mexicana caiu para KO absoluto, mas um dos representantes soviéticos e outro parceiro nórdico também foram umas ricas encomendas que o sr. Blatter levou a passar férias ao sol italiano. Só que, inegavelmente, o protecçãoismo dado ao dr. Edgardo Cordesal, premeiando-o com a direcção do embate decisivo, deve valer ao seu autor a a comenda da asneira, já que não se acredita que qualquer grau de corrupção tivesse tocado no homem que cometeu erros de alta monta contra a Argentina, culminando a girândola com a marcação do hipotético penalti de Sansini sobre Voeller e, não satisfeito com a sua festa, ainda atirou para a cabina, num gesto inédito em qualquer final de campeonato mundial, dois atletas sul-americanos que apenas ti-

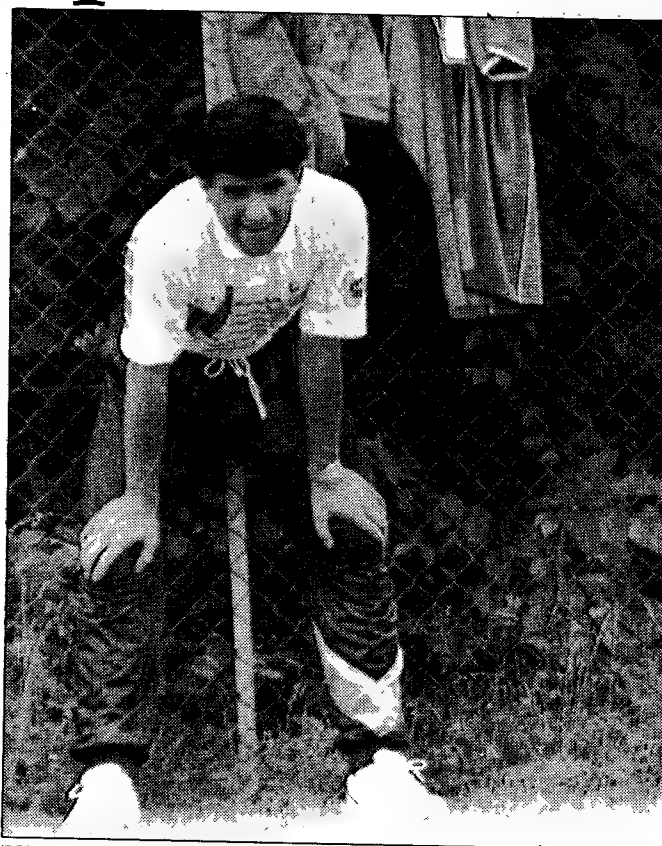
nham cometido faltas leves e que em nada prejudicaram o espectáculo que o ginécologista Codesal conseguiu transformar num doloroso parto sem vida.

Enfim: embora masculando alguns estandartes e deitando por terra o trabalho de muitos meses feito por dirigentes, técnicos e jogadores, esses árbitros que todos desejávamos ver banidos dos terrenos desportivos ficam entregues aos seus pecados. O que interessará mais lembrar, neste lavar de «mundial», é que também em declive total esteve a antes famosa turma do Brasil, «onze» incrivelmente errado em matéria táctica um «dibero» e três defesas centrais, mais backs laterais, num grupo que sempre se caracterizou por futebol de ataque, cataloga Sebastião Lazaroni na cave do edifício onde moram os mestres do jogo. Daí, do erro do técnico, resultou a falência absoluta de Careca e Muller, a inconcebível quebra de Alemão e o mau aproveitamento de Jorginho, o incrível ostracismo a que foram votados nomes que podiam resolver muitos problemas (Bebeto, Bismarck, Tita e Mázinho), ficando no tinteiro saber-se se Romário já recuperou a habitual condição física, se Valdo pode actualmente jogar a mais de dez à hora e Mozer passar a ser tão bom jogador como profissional disciplinado. Aliás, dissidências internas, ainda nascidas do outro lado do Atlântico, com problemas girando em torno dos prémios prometidos, dos lucros da publicidade e da escolha de elementos que estavam na Euro-

pa em lugar de se acreditar que excelente matéria-prima ficava desconhecida (lá pelo Brasil) tudo isso provocou o maior descálabro de sempre na história do futebol brasileiro que, num simples golpe de vento, baixou tremendamente de cotação internacional. A clivagem (bem notória) entre diversas vedetas (Junga, Branco, Mauro Galvão, Taffarel), o clima muito desfavorável criado aos sucessores por antigos campeões (Pelé, Zagallo, Falcão) e pela quase absoluta totalidade da Crítica fizeram do «secreto camarinho», desde o 1.º instante, exército dizimado mal chegasse a 1.ª batalha.

Mas, pior que isso (porque poucos apostariam na carta brasileira, tendo em conta que a maioria dos integrantes no grupo dos 22 é trabalhador no estrangeiro e não teve tempo suficiente para conhecer o estilo e o modo de acção de fortuitos companheiros), muito mais duro foi o afastamento, tiro e queda para o solo sofridos pela Holanda, «team» superconstalado onde Van Basten, Koeman, Gullit e o incorrecto Reijkaard saíram do palco sem merecerem (sequer) o aplauso que normalmente se oferece para conforto mínimo de um derrotado com honra. Cá para nós: será que apenas Cruyff (com todo o seu carisma, personalidade e popularidade) conseguirá varrer a casa, limpando a onda negra assinada sob responsabilidade de Beenhaker, a restituir a laranja ao seu gostoso sabor, ao mecânico andamento para um futebol vistoso e produtivo?

Sigamos. Muito sincera-



Michel: ofuscou Butragueno tornando-se o melhor espanhol da equipa de Luis Suarez

mente: o Bruguai nada disse. Três Rubens, muita força interior mas escasso talento e, mesmo esse, somente em Alzamendi, Bengoechea e Ruben Pereira. Aqui ao lado, a Espanha resvalou pela encosta: de Capitólio para o Quirinal. Butragueno foi uma sombra de si próprio, Martin Vasquez e Michel tentaram remar contra a maré, Villaroya e Salinas deram um ar de graça, uns pontapés na esfera, mas só isso. Nem fúria, nem alegria. Um zero à esquerda do sonho menos audacioso. E, no

mesmo plano de afundamento ficou a Bélgica: onde estavam companheiros para Scifo, Preud'Homme, Clijsters, Vervoot, Ceulemans e Degryse? Seis andorinhas nunca fizeram a Primavera e a excepção universal chama-se apenas Diego Armando Maradona.

Quatro delegações mereceram carinho e deixaram um bonito rasto de saudade, especialmente os Camarões que (a certa altura e sem sombra de qualquer dúvida) se colocaram como os ai-Jesus de muitos milhões das mais diferen-

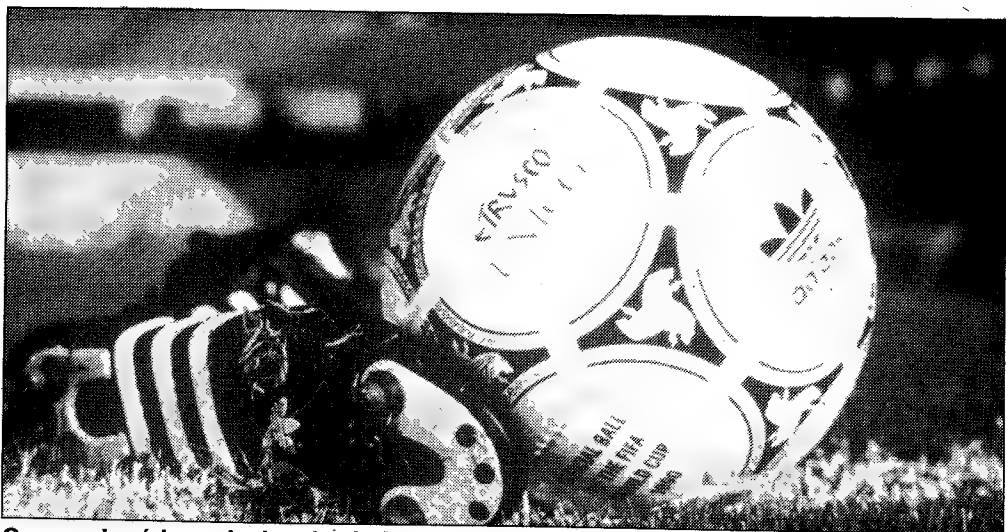
tes latitudes. Hoje, com 38 confessados anos e alguns mais provavelmente escamoteados à recordação e ao bilhete de identidade, aí temos Roger Milla, um venerável quase avôzinho que concluiu o bom trabalho de N'Komo, tataw, Kunde, Makanaky e manos Biylik, tudo fazendo para que a África (finalmente, em belíssima melhora do futebol continental a cintilar) tivesse conquistado lugar de pleno direito na mesa dos reis do jogomaravilha, do brinquedo do nosso contentamento.

Por isso temos o caso do Egipto: muita admiração para Abdel-Ghany, Hossan-Hassan e Shobeir. Uma formação que parece estar seguindo os melhores passos anteriores da Checoslováquia, onde muito bem estiveram Skuhravy (estrela do campeonato), mais Bilek, Straka, Kocian, Kubik, Moravcik (com o senão da falta de disciplina), Griga e Nemecek, das pisadas de uma Jugoslávia que teve Chovanec, Spasic, Susic, Stojkovic e Pancec de braço dado com um Ivkovic que, depois de uma pouco feliz actuação perante a Alemanha Federal, se due ao capricho de novamente defender uma grande penalidade atirada por el pibe de oro.

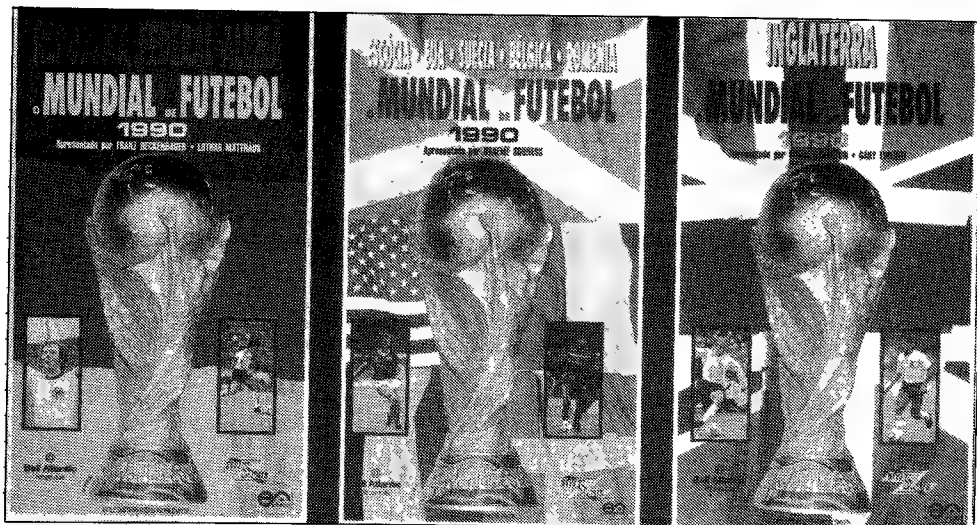
Mas (perdoem-nos os naturais contraditores da ideia) onde se encontraram as mais refulgentes «estrelas» foi no quadrunvirato que trepou até ao mastro real. Aí estavam Maradona e Schillaci. Mas não só: como se poderá ver no último capítulo de louca aventura romana.

Neves de Sousa

Mundial de futebol: um negócio de muitos negócios



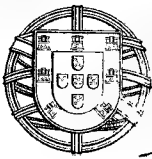
Concessionária exclusiva das bolas utilizadas no mundial, a Adidas (agora com o dis-cutido Bernard Tapie à cabeça do mais preponderante bloco de dirigentes deste império) vendeu, só numa quinzena cerca de 250 mil pares de botas e 185 mil bolas Etrusco, das que foram imã em Itália.



O vídeo entrou já em quase todas as casas e, com oportunidade e conhecimento do mercado, diversas organizações exploraram sabiamente o mundial de futebol, editando cassetes com os jogos das equipas, numa documentação que fica para a história ou apenas para deleite visual dos adeptos do jogo-rei

AGENDA

I Série N.º 159
Dia 12 de Julho
DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministérios da Defesa Nacional,
das Finanças e do Emprego
e da Segurança Social

Despacho Normativo n.º 48/90:
Actualiza as categorias e as tabelas salariais do pessoal civil das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (OGMA).

Ministérios das Finanças e da Justiça

Portaria n.º 539/90:
Isenta do pagamento de taxa de emissão os primeiros pedidos de bilhete de identidade, desde que os requerentes tenham idade inferior a 20 anos.

Ministério das Finanças,
da Agricultura, Pescas e Alimentação
e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 540/90:
Estabelece um sistema de subvenções nacionais às exportações de vinhos de mesa e de vinagre de vinho.

Ministérios das Finanças
e da Indústria e Energia

Portaria n.º 541/90:
Altera o quadro de pessoal do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (lugar de técnico especialista principal, área funcional de engenharia e ciências exactas e apoio técnico-científico).

Ministérios das Finanças e da Saúde

Portaria n.º 542/90:
Altera o quadro de pessoal do Hospital Distrital da Covilhã (pessoal de enfermagem).

Ministério da Justiça

Portaria n.º 543/90:
Autonomiza as duas secções da Conservatória dos Registos Predial e Comercial de Oeiras e vários cartórios notariais.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público que o Governo da Colômbia depositou o instrumento de adesão ao Acordo Internacional sobre as Madeiras Tropicais, 1983.

Região Autónoma dos Açores

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 22/90/A:
Sujeita a medidas preventivas pelo período de dois anos a área do Plano de Ordenamento do Campo Universitário na cidade da Horta.

PESSOAS & FACTOS

União de Bancos escolhe auditor

A União de Bancos Portugueses, primeiro banco público a ser transformado em Sociedade Anónima, acaba de seleccionar a empresa «Ernst & Young» para seu auditor.

A UBP dispõe actualmente de uma rede de 136 balcões em Portugal devendo atingir, no final do corrente ano, um total de 140.

Prossegue igualmente, a sua expansão a nível internacional, iniciando já este mês a sua actividade de banco em França. A inauguração da sua sucursal em Paris está prevista para o quarto trimestre do corrente ano, o que irá reforçar, deste modo, uma já longa presença naquele país onde possui um escritório de representação.

Esta iniciativa estratégica, a par da sua presença no Luxemburgo, através da União de Bancos Portugueses (Luxemburgo), S.A., que detém a 100 por cento e com o seu escritório de representação em Dusseldorf, na Alemanha, assegura à UBP a consolidação da sua posição no mercado europeu.

HOJE
CONTINENTE

Em todo o território: céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado e com nevoeiros durante a madrugada e manhã no litoral oeste. Durante a tarde, nas regiões do interior norte e centro haverá períodos de céu muito nublado e possibilidade de trovoadas. Vento fraco de sudoeste. Pequena descida de temperatura.

Estado do mar - costa ocidental: mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação noroeste de um a dois metros.

costa sul: mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação sueste de um a dois metros.

Amanhã
céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado e com nevoeiros durante a madrugada e manhã no litoral oeste. Durante a tarde, nas regiões do interior norte e centro, haverá períodos de céu muito nublado com possibilidade de trovoadas. Vento fraco de sudoeste. Pequena descida de temperatura.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado temporariamente muito nublado e com nevoeiros no litoral oeste durante a madrugada e manhã. Vento fraco do quadrante oeste.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de norte

Estado do mar - costa norte: mar de pequena vaga a cavado. Ondulação norte de dois metros.

costa sul: mar encrespado. Ondulação inferior a um metro

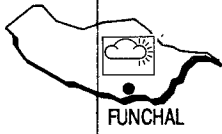
AÇORES

Grupo ocidental Períodos de céu muito nublado. Vento fraco

Grupos central e oriental: Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco predominando de nordeste.

Estado do mar: mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação norte de um a dois metros.

MADEIRA



- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoadas
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

MARÉS

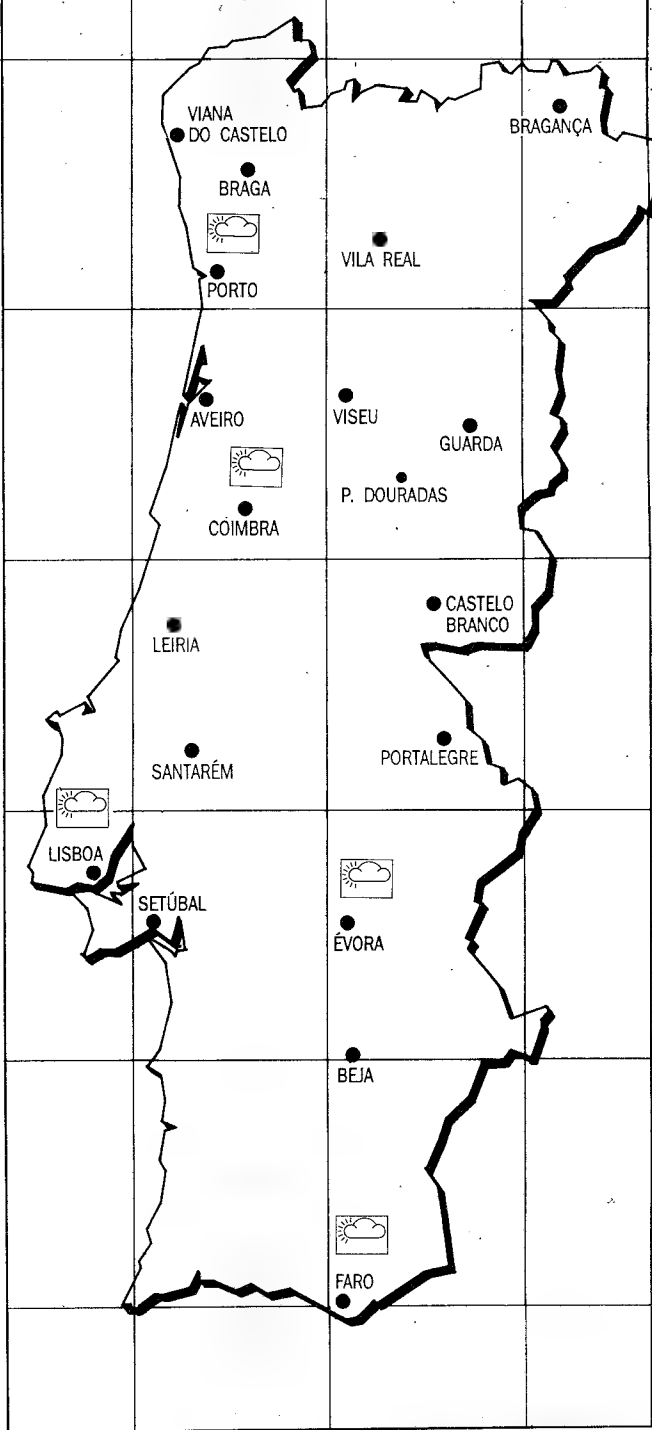
Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
06.44	3.3m
18.56	3.6m
12.15	0.8m
00.44	0.7m

Amanhã

07.21	3.3m	12.58	0.9m
19.36	3.6m		

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

Min. T. 6 h Às 18 h.

Bragança.....	20	20	P. nub.
V. Castelo.....	18	18	Nevoeiro
Vila Real.....	18	18	P. nub.
Porto.....	17	17	Nebulosa
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	17	17	Nevoeiro
C. Carvoeiro.....	18	18	Encoberto
C. Branco.....	20	20	Nebulosa
Portalegre.....	20	20	Nebulosa
Lisboa.....	17	17	Nebulosa
Évora.....	18	18	Limpo
Beja.....	17	20	Limpo
Sines.....	-	-	-
Faro.....	22	23	Encoberto
Sagres.....	17	17	Limpo
P. Delgada.....	18	20	M. nub.
Horta.....	20	20	P. nub.
Funchal.....	21	21	M. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 28; Porto, 27; Faro, 29; P. Delgada, 25; Funchal, 25.

EUROPA

Min. T. 6 h Às 18 h

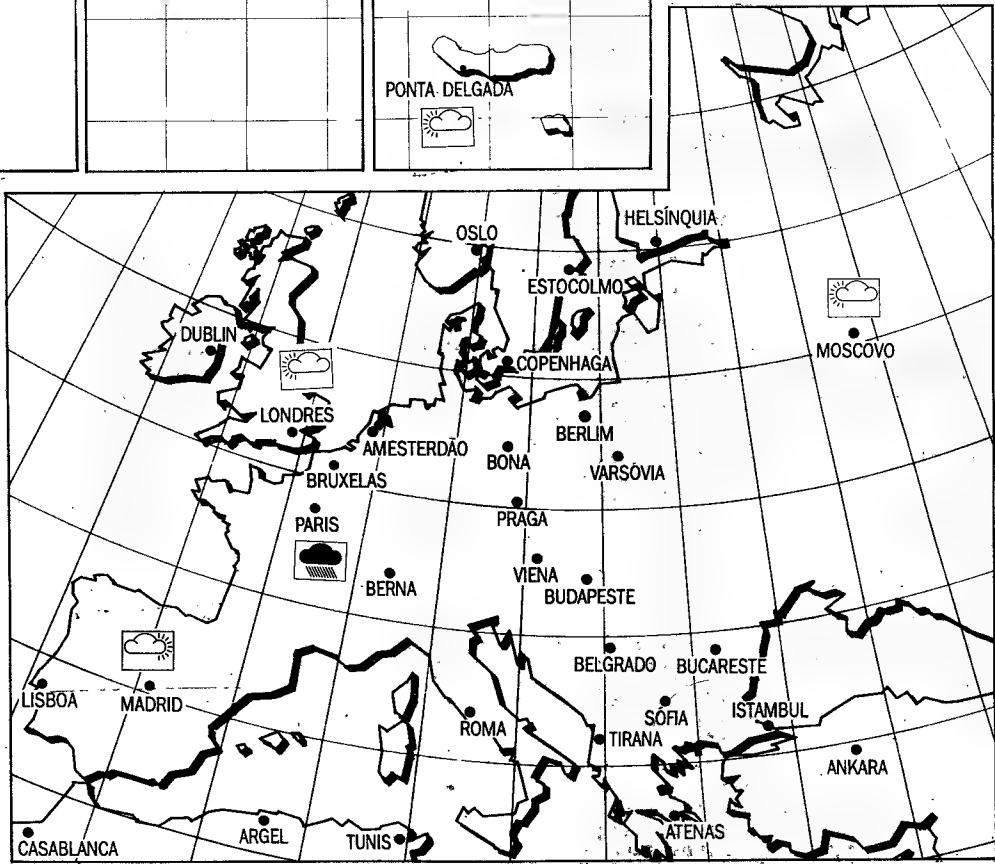
Madrid.....	20	20	Limpo
Londres.....	16	18	Limpo
Paris.....	12	16	Limpo
Bruxelas.....	12	16	Limpo
Amsterdão.....	13	17	M. nub.
Genebra.....	11	14	Limpo
Roma.....	18	19	M. nub.
Oslo.....	11	15	P. nub.
Copenhaga.....	12	15	P. nub.
Estocolmo.....	13	15	P. nub.
Berlim.....	14	16	P. nub.
Viena.....	8	13	Limpo
Varsóvia.....	10	16	P. nub.
Atenas.....	25	27	P. nub.
Moscovo.....	15	15	Nebulosa

MUNDO

Min. Máx. Às 13 h

Buenos Aires.....	4	19	Limpo
Caracas.....	18	28	Nublado
Hong Kong.....	28	32	Limpo
Joanesburgo.....	7	21	Limpo
Los Angeles.....	19	33	Nublado
Montreal.....	18	25	-
Nova Deli.....	27	34	Nublado
Nova Iorque.....	23	31	Chuva
Rio de Janeiro.....	17	26	Chuva
São Francisco.....	13	28	Nublado
São Paulo.....	-	-	-
Tóquio.....	20	29	Limpo

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
SERVIÇO
PERMANENTE

Alameda - Chile: Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A, Tel. 521269; **Areiro - Praça Londres:** João XXI, Av. João XXI, 16-A, Tel. 886461; **Baixa:** Cortez, Rua São Nicolau, 93, Tel. 325378; **Boa Hora:** Sepol, Calçada Boa Hora, 94-A, Tel. 3631958; **Chafariz Centro:** Cruz de Malta, Largo Chafariz Dentro, 36, Tel. 866126; **Entre Sete Rios e 2.ª Circular:** Da Luz, Estrada da Luz, 124-A, Tel. 7263139; **Estrela:** Gama, Calçada da Estrela, 130, Tel. 660339; **Feira Popular:** Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A, Tel. 763016; **Lumiar:** Central Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, 254-B, Tel. 7588063; **Olivais Sul:** Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; **Rato - Príncipe Real:** Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gas-tão, 30-32, Tel. 381279; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Moscavide:** Banha, Av. Mosca-vide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas:** Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1, Tel. 9311203; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Alcântara: Probidade, Rua Alcântara, 15 A-B, Tel. 3638589; **Alvalade - Estados**

Unidos: Rio Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C, Tel. 881409; **Areiro:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Baixa:** Durão, Rua Garrett, 90, Tel. 347618; **Benfica:** União, Estrada Ben-fica, 592-594, Tel. 700092; **Campo de Ourique:** Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A, Tel. 686176; **Intendente:** Inten-dente, Largo Intendente Pina Manique, 50-51, Tel. 547838; **Marquês Fronteira:** Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; **Pampulha - Janelas Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; **Picheleira:** Mariuz, Calçada da Piche-leira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque DÁvila, 125, Tel. 545225; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660. **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. **Permanente;** Linda-a-Velha: Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. **Permanente;** Tires: Guima-rães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. **Até às 22 h;** Al-cabideche: Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. **Até às 22 h;** Porto

Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. **Até às 22 h;** **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. **Permanente;** S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. **Até às 22 h;** **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. **Até às 22 h;** **Oeiras:** Alcântara Guerreiro, P. Re-sidencial Dr. Augusto Cas-tro, Lote 10, Tel. 4430691. **Permanente;** **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. **Permanente;** S. João do Estoril: Das Areias, Urb. Areias. **Até às 22 h;** **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. **Até às 22 h;** **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Ma-dorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. **Até às 22 h;** **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. **Até às 22 h;** **Cascais:** Cor-deiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 2801705. **Permanente.**

LINHA
DE SINTRA

Amadora: Nunes, Est. Serra Mira, Falagueira, Tel. 4937543. **Permanente;** Soares Correia, Est. Águas Livres - Carenque, Tel. 965517. **Até às 22 h;** **Solla,** Loja D, Lote 65, Tel. 900724. **Até às 22 h;** **Queluz:** Gil, Av. Miguel Bombarda, 28, Tel. 4350117. **Permanente;** Alber-garia, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487.

Até às 22 h; **Cacém:** Garcia, Av. Missionários, 2, Tel. 9242181. **Permanente;** **Alguei-rão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. **Até às 22 h;** **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. **Até às 22 h;** **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. **Até às 22 h;** **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Al-buquerque, 24, Tel. 9230058. **Permanente;** **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. **Permanente.**

OUTRA
BANDA

Almada: Silva Júnior, Av. 25 Abril, 9, Tel. 2768030. **Permanente;** **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esper-ança, 25-A, Tel. 2767356. **Permanente;** **Monte de Ca-parica:** Nova, R. Trab. Ru-rais, 82, Tel. 2954436. **Até às 19 h;** **Costa de Caparica:** Higiência, Av. República, 23, Tel. 2900020. **Até às 19 h;** **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. **Até às 22 h;** **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. **Até às 19 h;** **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. **Até às 19 h;** **Bar-reiro:** Ferreira & Pilar, Av. República, 1, Tel. 2072023. **Permanente;** **Baixa da Banheira:** Nunes, Rua 1.ª Maio, 106-A, Tel. 2041044. **Até às 19 h;** **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. **Até às 19 h;** **Amora:** Nova Amorense, EN 10 - Bloco A - Loja A - Paivas, Tel. 2216824. **Permanente;** **Torre da Marinha:** Alves Velho, L. Camões, 27, Tel. 2211132. **Até às 22 h;** **Mon-tijo:** S. Pedro, Av. Camões, 16, Tel. 2311133. **Até às 22 h.**

HÁ 20 ANOS


O País parou
40 minutos

Uma sucessão de disparos a partir de um disparo inicial ocorrido na linha de transporte de energia eléctrica da central do Picote para o Porto deixou hoje grande parte do País paralisada durante um período que variou entre 10 e 40 minutos, consoante as regiões afectadas. A interrupção ocorreu às 12 e 48.

Eliminada
a canção portuguesa

A canção portuguesa «O Homem e o Mar», apresentada nas III Olimpíadas da Canção, em Atenas, não estará presente na final de hoje. Com efeito, a composição de Francisco Nicholson (letra) e Jorge Costa Pinto (música), interpretada por Marco Paulo, recebeu ape-nas 17 votos de um máximo de 38.

Católicos fogem
do Ulster

Cinco mil orangistas escoceses atravessaram, a noite passada, o estreito braço de mar que separa a Escócia do Ulster, a fim de partici-parem nos desfiles de 13 de Julho. Antes da partida do navio que transportou parte deles, alguém anunciou que havia uma bomba a bordo. Mas as buscas empreendidas não deram resultado.

EFEMÉRIDES

1822

• Em Portugal, as cortes constituintes votam a primeira lei eleitoral do País, que prevê o sufrágio directo e secreto.

1828

• Em Portugal, D. Miguel é proclamado rei absoluto.

1904

• Iniciam-se em St. Louis (EUA) os Segundos Jogos Olímpicos da era moderna.

1960

• Moises Tschombé, primeiro-ministro do Katanga, proclama a independência do antigo Congo belga.

1978

• Em Espanha, um camião-cisterna carregado de combustível, despista-se e explode perto do parque de campismo de Los Angeles, em Terragona, matando mais de 180 pessoas.

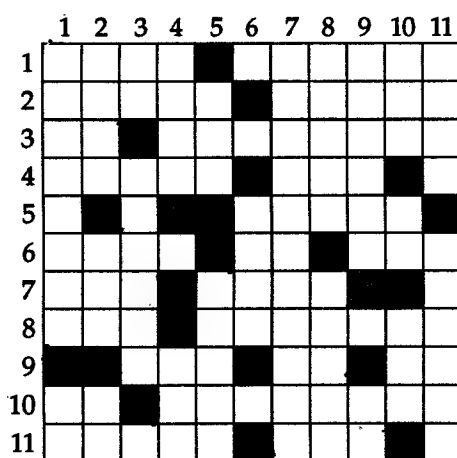
1984

• É inaugurado, em Lisboa, o primeiro fórum das pequenas e médias empresas, com a pre-sença de mais de 150 expositores.

1988

• Um tribunal italiano condena 13 pessoas, a penas que vão até prisão perpétua, por en-volvimento no atentado bombista na estação ferroviária de Bolonha, em 1980, que matou 85 pessoas e feriu 200.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17958

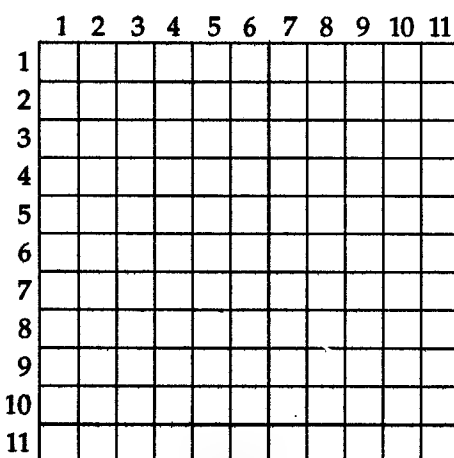
HORIZONTAIS:

- 1 - Pronome indefinido. Espertalhão.
- 2 - Cidade de França. Cepos.
- 3 - Pronome pessoal. Apeles.
- 4 - Picou com o bico. Título honorífico na Índia.
- 5 - Planta odorífera que os Antigos empregavam para embalsamar os corpos e as damas romanas para per-fumar o cabelo.
- 6 - Espírito. Pronome pessoal. Arara.
- 7 - Czar da Rússia cognom-inado «O Terrível». Cidade da Bélgica.
- 8 - Oásis. Tornozeleto.
- 9 - Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Brisa. Pertences.
- 10 - Em a. Enigmas.
- 11 - Parte lateral de um ed-ífcio. Governanta.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade de França. Em o.
- 2 - Lavrel. Cinquenta e seis em romano. Ouro (s.g.).
- 3 - Quinhentos e cinquenta em romano. Município.
- 4 - Elemento que entra em algumas palavras com a sig-nificação de ar. Língua falada ao N. do Tibete.
- 5 - Pronome possessivo. Ramo.
- 6 - Gostar muito de.
- 7 - Affligira.
- 8 - O mesmo que Alcorão. Ofereceram.
- 9 - Ordena. Concede.
- 10 - Filtra. Sufixo que designa estado. Espécie de macaco do Amazonas.
- 11 - Cada uma das partes du-ras e calcificadas que forma o esqueleto dos animais. Molesta.

Resolveu
completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16768

HORIZONTAIS:

- 1 - Rede de malha muito estreita. Pés de animais.
- 2 - Desmontar.
- 3 - Escudela grande.
- 4 - Não nascida. Querido.
- 5 - Ilha do Pequeno Belt. Nome de astro.
- 6 - Nome de mulher. Pronome reflexivo.
- 7 - Pegas. Rema para trás.
- 8 - Cento e um em romano (inv). Extraíra.
- 9 - Rente. Tempo do verbo ser.
- 10 - Tipo rudimentar de grupo social, anterior à família. Igual. Manuscrito.
- 11 - Eco (inv). Pronome pes-soal. Porco.

VERTICAIS:

- 1 - Nome de mulher. Anfiteatro.
- 2 - Abreviatura que se usa em música. Em a. Olhinho.
- 3 - Mover os remos. Sadias.
- 4 - Aqui. Conquistas.
- 5 - Serra de Espanha. Pegas.
- 6 - Clima. Toró.
- 7 - Leão da América. Levan-taras.
- 8 - Procedem. Encolerizar.
- 9 - Embarços. Colina na Suécia.
- 10 - Charruas. Moderato.
- 11 - Apelido. Gorduroso.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 17 957

HORIZONTAIS: 1 - CADA. CABEÇA. 2 - Amarguraras. 3 - Dama. Arrasa. 4 - Anais. Ser. 5 - SS. Eido. Af. 6 - Acontecera. 7 - Crosta. Af. 8 - Re. Secasses. 9 - Im. Anaco. Ge. 10 - Mós. Pau. 11 - Escoaremos.

VERTICAIS: 1 - CADA. Crime. 2 - Amansaremos. 3 - Damasco. SC. 4 - Arai. Ossa. 5 - SENTENÇA. 6 - Cua. Itaca. 7 - Arrede. Acue. 8 - Bar. Ocaso. 9 - Eras. Eis. Pó. 10 - Casear. Egas. 11 - Asaria. Seu.

SOLUÇÃO
DO PROBLEMA N.º 16 767

HORIZONTAIS: 1 - De. Dama. 2 - Dormirias. 3 - Moira. Orna. 4 - Arnal. Amais. 5 - Saí. At. 6 - Clarian. Arc. 7 - Os. Ero. ER. 8 - Uni. Salvo. 9 - Er. Damas. Im. 10 - Romas. Ura. 11 - Aros. Coaras.

VERTICAIS: 1 - Damasco. Era. 2 - Oraís. Ror. 3 - Dínia. Mo. 4 - Dora. Rendas. 5 - Aral. Irias. 6 - Mm. Cão. 7 - Al. Sado. 8 - Roma. Pás. 9 - Pirata. Ur. 10 - ANI. Revira. 11 - Asas. Cro-mas.

PROVÉRBIO:
CADA CABEÇA,
SUA SENTENÇA.

CARTAZ

Jason CONNERY

Francisco QUINN

GLENN FORD

DONALD PLEASANCE

C. MORE

realização SERGIO MARTINO

O EXPRESSO DE CASABLANCA

Já em exibição nos cinemas
S. Jorge - Fonte Nova - Estúdio A.C. Santos

M/12 anos - As 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
AZELHAS AO VOLANTE
M/12 anos - As 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

A BARRACA (Cinearte)

Larg. de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

COMUNA

P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE
ALGODÃO
De Bernard-Marie Koltès
Em cena até dia 15

TEATRO ESPAÇO

Café Económica Operária, Rua Voz
do Operário, 64 - T. 676410
De 2ª a Sáb. às 22.00
CULPA
Cenografia de Helena Flor

VARIEDADES

Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30
Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média -
Emissoras do Litoral - e 99.4 em
FM - Zona de Lisboa14.00: O Linho e a Seda; 15.00:
Praça dos Sons; 17.00: Antena 1 -
Regiões; 17.15: Porto d'Abriço.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; 17.00:
Sete Mares; 19.00: Informação e
Música; 20.00: A Europa dos
Doze; 20.30: Música; 21.00: Livre
e Directo. Noticiários de hora a
hora.Antena 2
FM 2 - Estéreo17.00: Falar Cinema; 17.30:
Canções de Berlioz, Stravinsky e
Rodgers/Hammerstein; 18.15:
Ángulos e Reflexos; 19.00:
Integrals - As 32 sonatas para
piano de Beethoven, por Alfred
Brendel; 19.50: Álbum Musical.
Obras de Gounod, Tchaikovsky,
Utz, Chabrier e Richard Strauss;
20.10: Álbum Musical (Cont.);
20.45: Esta Madrugada na 2ª;
21.00: Música em Doze Partes;
21.30: Espaço sinfónico de
Schubert; 22.00: Música antiga
de Haydn, Dufaut e Couperin;
23.00: Concerto da Noite. Obras
de Schubert e Schumann; 00.30:
Sons do nosso tempo de Glass,
Gurdljeff/Hartmann, Dempster e
Glass; 01.30: Músicas do Mundo;
02.00: Música na Madrugada.
Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca;
17.00: Contacto; 19.00: Jornal;
19.30: Quanto o Telefone Toca;
20.00: Praça de Táxis; 21.00: Pela
Estrada Fora; 22.00: Religiosos;
22.15: Desporto; 23.00: 24ª Hora.
Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Sels; 21.00:
Mercador de Sonhos; 00.00: A
Noite Passada; 01.00: Som da
Frente; 03.00: Quem Tramou o
Locutor. Noticiários de hora a
hora.

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

SERES DO ESPAÇO II
Filme de Mick Garris
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

PESADELO EM ELM STREET IV
Filme de Renny Harlin
M/16 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serious
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 3

CENAS DA LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
Filme de Bartel
M/16 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serious
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - As 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7

SERES DO ESPAÇO II
Filme de Mick Garris
M/12 anos - As 14.15, 16.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - As 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

OS DELINQUENTES
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.45 e 24

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - As 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
NOITES QUENTES DE AMANDA
Hard-core - 1.ª escalação (porno)
M/18 anos - As 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
OS GUERREIROS DE NINJA
Filme de Harold Kadokawa
M/16 anos
As 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
LAMBADA
Filme de Joel Silberg
M/12 anos - As 14.00, 16.30, 19.00
e 21.30
O PODER DA JUSTIÇA
M/16 anos - As 24 horas

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
M/12 anos - As 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - As 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SECRETÁRIAS B.C.B.G.
Hard-core - 1.ª escalação (porno)
M/18 anos - As 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO ISABEL DE CASTRO
E OS CINEMAS PORTUGUESES
MENSAGEM/1988
Filme de Luis Vidal Lopes
As 18.30
CICLO GABRIEL DOESNT
THE TEMPTRESS/1927
Filme de Fred Niblo
As 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - As 14.00, 16.30, 19.00
e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - As 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - As 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 14.45, 17.00,
19.15 e 21.45

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - As 15.00, 18.00 e 21.15AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - As 14.00, 16.30, 19.15
e 21.45

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
ATENÇÃO BANDIDOS
Filme de Claude Leblond
M/12 anos - As 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - As 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

OS DELINQUENTES

M/12 anos - As 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

O CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - As 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcantara - T. 3631162
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

LAMBADA
M/12 anos - As 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
INIMIGAS E AMANTES
UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

PESADELO EM ELM STREET IV
M/16 anos - As 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

CADILLAC COR DE ROSA
M/16 anos - As 13.45, 16.30,
19.00 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
CALOR FATAL
Filme de Joel Silberg
M/16 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
PRAZAS ESCALANTES DE Sissy
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade T.606847
INIMIGAS E AMANTES
UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - As 13.45, 16.15, 18.45
21.15 e 23.45

PLAZA 2

ASTÉRIX E A SURPRESA DE CÉSAR
Para todos - As 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.ª Antão - T. 326305
O VERÃO FRODO DE 1993
Filme de Alexander Proshkin
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO
NEGRO
M/12 anos - As 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - As 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

COOKIE
M/12 anos - As 15.00, 16.45,
18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

OS FANTASMAS DE UMA
ESTRELA
Filme de Peter del Monte
M/12 anos - As 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 15.30, 18.30
e 21.30

SÃO JORGE 2

O EXPRESSO DE CASABLANCA
M/12 anos - As 14.15, 16.30, 19.15
e 21.45

SÃO JORGE 3

NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - As 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
OS DELINQUENTES
M/12 anos - As 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
A TURMA DOS REPETENTES
M/12 anos - As 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
LAMBADA - O FOGO DA NOITE
M/16 anos - As 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

T. 2762127
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011Sala 1
HENRIQUE V
M/12 anos - As 15.45 e 21.30Sala 2
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - As 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 246565
PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/12 anos - As 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841769
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - As 15.30 e 21.30
Sala 2
ARMADILHA SENTIMENTAL
Filme de Nicholas Roeg
M/12 anos - As 15.15 e 21.15

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 285027
A FEBRE REGRESSA
M/12 anos - As 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144
Sala 1
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - As 15.15 e 21.30Sala 2
CADILLAC COR DE ROSA
M/12 anos - As 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
INIMIGAS E AMANTES
UMA HISTÓRIA DE AMOR
M/16 anos - As 15.15 e 21.30Sala 2
UM HOMEM INOCENTE
M/16 anos - As 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 15.40 - A CASA DE IRENE
 - 16.10 - DERRICK
 - 17.10 - O MUNDO ANIMAL
 - 17.35 - BRINCA BRINCANDO
 - 18.30 - OS MARRETINHAS
 - 19.00 - JOGO DE CARTAS
 - 19.30 - TELEJORNAL
 - 20.00 - BOLSA
 - 20.05 - O TEMPO
 - 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
 - 20.15 - RODA DE FOGO
 - 21.15 - UM ESPIÃO NO PURGATÓRIO
 - 22.15 - OS SOVIÉTICOS
- 5º e último episódio. Ao chegar ao seu termo, esta excelente série documental realizada por Yuris Podnieks, numa produção conjunta da Central Television e do Chanel Four dá-nos hoje a conhecer mais de perto os problemas do povo lituano na luta para preservar a sua identidade nacional. Destaque ainda para a entrevista com o líder revolucionário dos Verdes, Valdis Turins, feita pouco antes de ele ter sido obrigado a abandonar o país. A fechar o programa, imagens



«Kung Fu» termina também, no 2º Canal a partir das 20.05

No 1º Canal às 22.15, o último episódio da série «Os Soviéticos»

- de manifestações, greves e tumultos que agitaram União Soviética nos últimos tempos.
- 23.10 - MURPHY BROWN
- 14º episódio. À excepção de Murphy, a equipa de «Para vossa informação» está deprimida depois de mais uma emissão. As coisas parecem não estar a correr bem, quer em termos de produção do programa quer quanto aos níveis de audiência. É então que Miles Silverberg sugere que se façam histórias mais acessíveis para o grande público. A equipa tenta pôr em prática algumas ideias absurdas que vão tendo.
- 23.55 - 24 HORAS
 - 00.10 - REMATE

RTP-2

- 16.50 - OS CENTURIÕES
- 14º episódio
- 17.15 - RETRATOS DA MADEIRA
- O 6º e último episódio debruça-se sobre a figura do líder do governo da Região Autónoma, Alberto João Jardim, que já em pequeno gostava

- de orientar as brincadeiras que organizava na casa onde nasceu no Funchal. Órfão de pai desde muito novo, foi com o avô, o tenente Cardoso, e um tio, Agostinho Cardoso, que aprendeu a arte da afirmação pessoal e política. No entanto, Alberto João Jardim adora a ilha do Porto Santo, onde passa as suas férias, e considera-se um homem dedicado à família.
- 17.45 - OS DESAFIOS DA LEI
- 15º episódio
- 18.35 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 19.15 - ESPAÇO INFANTIL
 - 19.55 - VIA RÁPIDA
 - 20.05 - CLÁSSICOS DA TV
- «Kung Fu», 15º e último episódio. Caine leva o último guerreiro de uma tribo índia até ao vale onde nasceu. O grande chefe encontra-se moribundo e quando chega ao local nada está como no seu tempo. Três pistoleiros provocam-no e Caine vê-se obrigado a defendê-lo, utilizando a sua técnica do Kung-Fu.
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE

- 21.30 - CORRIDA DE TOUROS
- 23.50 - UNIVERSIDADE ABERTA

Mod. SAT 300/90

- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.

Poder de captação:

- Actual: 8 canais
- A partir do final do ano: 24.
- Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

Audimax T. 4106275 Algés

AMANHÃ RTP-1

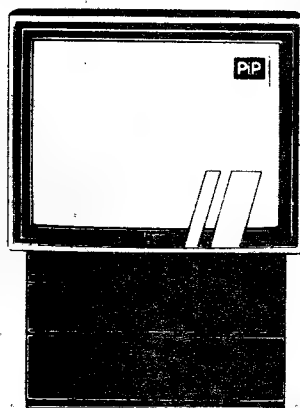
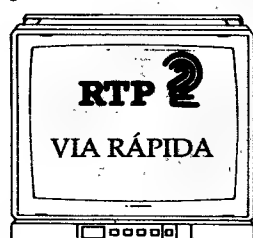
- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - A GATA COMEU
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA
- 13.30 - GLOSS
- 14.20 - O MAR E A TERRA
- 14.45 - FESTIVAL ROCK DE MONTREUX (II PARTE)
- 15.50 - DESENHOS ANIMADOS
- 16.10 - NAPOLEÃO E JOSEFINA
- 17.00 - O MUNDO ANIMAL
- 17.25 - JUNTOS E AO VIVO
- 18.25 - OS MARRETINHAS
- 18.55 - JOGO DE CARTAS
- 19.20 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A AGRICULTURA
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - RODA DE FOGO
- 21.15 - WOLF
- 23.30 - O ROSTO DA NOTÍCIA
- 00.35 - CHEFE, MAS POUCO...
- 01.05 - 24 HORAS
- 01.35 - REMATE
- 01.50 - PELA NOITE DENTRO «O Segundo Fôlego»

RTP-2

- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.30 - ESPAÇO INFANTIL
- 14.55 - FILHOS E FILHAS
- 15.30 - AGORA, ESCOLHA!
- 16.50 - HERÓIS
- 17.15 - AVENTURA DO SILÊNCIO
- 17.40 - MAGAZINE MUSICAL
- 18.10 - ZIRCUS
- 18.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
- 19.25 - ESPAÇO INFANTIL
- 20.00 - VIA RÁPIDA
- 20.10 - AS CIDADES E AS TERRAS
- 20.35 - BUCHA E ESTICA
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - DONA BEIJA
- 23.00 - ROTAÇÕES
- 24.00 - HAJA MÚSICA

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

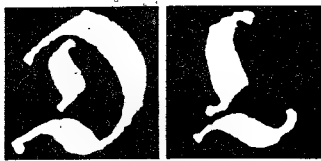
GIBEL

O SEU CABELEIREIRO

MAIS ➤ RÁPIDO
➤ ECONÓMICO
EXTRAÇÃO DE PELOS

ELÉCTRICA SEM DOR E SEM MARCAS
E A CERA QUENTE OU FRIA

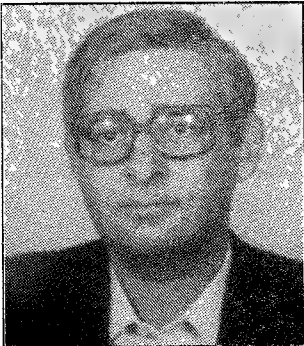
Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38



«A fome da verdade rói mais as entranhas
que a fome do pão»

Silva Resende, «Jornal de O Dia», 11.07.90

A PERGUNTA DO DIA



Augusto Barroso
presidente
do Departamento
de Física da Faculdade
de Ciências de Lisboa

Quais as vantagens, para os investigadores portugueses da adesão do nosso país à organização Europeia para a Investigação Astronómica no Hemisfério Sul (ESO)?

«Tudo o que seja estabelecer ligações com centros europeus de investigação é sempre bom para Portugal, na medida em que a comunidade científica portuguesa é muito pequena e a sua internacionalização só lhe pode trazer benefícios. No campo da astronomia, estas vantagens acentuam-se, dado que os meios de observação são muito caros e é preciso congregiar esforços para os adquirir.

A ESO congrega países muito mais ricos do que o nosso, que investem muito mais na investigação científica mas que, quando se trata do campo da astronomia, também sentem, eles próprios, necessidade de estabelecer um regime de cooperação para obter os instrumentos de observação.»

Sexta-feira no

**Diário
de Lisboa**

Assembleia
da República
entra de férias

Piteira Santos
escreve sobre
a política europeia
do PSD

«Os perigos
da ideocracia»
por Guilherme
d'Oliveira Martins

Hipertensão
mata dois terços
da população
urbana

ENTREVISTA

Isabel Rosa tem 19 anos e é a primeira mulher a trabalhar em Portugal como operadora de câmara portátil. A sua determinação em vencer num mundo tipicamente masculino já levou os colegas a deixarem de apostar na data da sua desistência

«Sinto que sou novidade»

D.L. - Como é que se tornou operadora de câmara?

I.R. - Concorri a um concurso para operadores de televisão, que veio anunciado nos jornais. No início não tinha nada de específico em vista, mas quando comecei a frequentar o curso, a área que mais me atraiu foi precisamente a câmara. Os meus colegas e os monitores diziam-me que era impossível ir para operadora porque já tinha havido uma experiência anterior com uma câmara de estúdio que não tinha resultado, por vários problemas de adaptação de uma mulher a um meio tipicamente masculino. Fiquei a pensar que não podia de maneira nenhuma ir para câmara mas, ao fim dos cinco meses do curso básico de operadores, os operadores de reportagem iam fazer uma greve e a RTP teve medo de não ter pessoal para fazer os serviços. Então, colocaram todas as pessoas que tinham acabado o curso a trabalhar como operadores de reportagem. Tivemos mais um pequeno curso de cinco dias e começámos.

D.L. - Era a única rapariga do curso?

I.R. - Não, éramos três, mas uma das minhas colegas não tinha aptidões físicas para ser

operadora e a outra preferiu, devido ao horário irregular, ir para a montagem.

D.L. - Quais eram as aptidões físicas que a sua colega não tinha?

I.R. - Ela era muito baixa e em situações em que há muitas câmaras e fotografos ao mesmo tempo, uma pessoa que não tenha um mínimo de altura não consegue visualizar nada. Eu também não tenho grandes aptidões, os meus colegas são muito mais fortes mas, por enquanto, tenho-me estado a dar bem.

D.L. - Neste momento é, portanto, a única rapariga...

I.R. - Sou a única rapariga e a primeira a trabalhar com uma câmara portátil.

D.L. - Há quanto tempo está a trabalhar?

I.R. - Desde o dia 18 de Junho.

D.L. - Já teve problemas por ser mulher?

I.R. - Não, muito pelo contrário. Sou, de certo modo, a coqueluche do meu sector porque são todos homens e, além disso, sou a mais novinha. Todos me tratam como um biblelot.. De princípio

ainda houve umas apostas de que eu ia desistir, não ia aguentar...

D.L. - Sabe se no estrangeiro é vulgar haver mulheres a fazerem este tipo de trabalho?

I.R. - Penso que nos Estados Unidos e em alguns países da Europa existem.

D.L. - Quais são os trabalhos que mais gosta de fazer?

I.R. - Dos que eu fiz até agora, que não foram muitos, o que me deu mais prazer foi um pequeno trabalho para o programa «A Hora da Verdade», porque tem mais a ver com aquela ideia que nós temos do repórter que vai descobrir, investigar. É um tipo de trabalho que não tem nada a ver com a rotina diária, com o chamado «Portugal sentado». No

entanto, como estou no princípio, para mim até as coisas chatas são novidade e são interessantes.

D.L. - Acha que a preparação que teve é suficiente?

I.R. - Nós tivemos uma preparação básica para operadores, que depois foi acompanhada pela integração no sector que escolhemos. Como fomos colocados um pouco à pressa para virmos «furar» a greve dos outros colegas, não

tivemos uma preparação adequada para este tipo de trabalho. Agora, temos estado a acompanhar os operadores mais antigos, que se têm mostrado o mais prestáveis possível.

D.L. - Além do seu trabalho na televisão, faz mais alguma coisa?

I.R. - Terminei este ano o 12º ano, faço teatro e canto no coro da televisão.

D.L. - Mas pretende fazer, de operadora de câmara, a sua profissão...

I.R. - Sim, pretendo, embora ainda não saiba se vai dar ou não.

D.L. - Sente-se uma pioneira, sente que está a abrir caminho?

I.R. - De princípio não me sentia, mas ao ver a cara admirada das pessoas quando me vêem a trabalhar, sinto que sou novidade, porque se fosse homem nada disto acontecia. Além disso, se eu for uma boa experiência, abro caminho a outras mulheres. É mais uma oportunidade de trabalho que antes as mulheres não tinham.

D.S.



A crise

Entro no restaurante da região limítrofe do «Diário de Lisboa», encomendo a meloa em vez do cozido, frito ou grelhado e disparo em direcção à mesa do lado, salpicada de jornalistas: — Não têm uma ideia, um assunto, um tema, um motivo, um fiozinho, uma proto-matriz, para a Meteorologia de amanhã?

TÊM: Dina querida propôs o calor. Realmente, o tema meteorológico é actual. Mas eu e o leitor preferimos o ducho em vez de rabiscar sobre a razão dele.

Outro, de boa-fé, vende-me mais um barbeiro. Explico. Gostou da minha crónica sobre os cabeleiros, até se inspirou e foi cortar a juba, e quer que continue. As manicuras? Os aprendizes? As senhoras da caixa? Prefiro então um ofício engraçado, por exemplo dos latoeiros, picheiros do Norte. Assim fico a saber que a profissão é já quase inexistente, pertence a um tema arqueológico. Os labores também morrem.

O terceiro diz, telegraficamente: — O parque de campismo na Caparica. Só visto. Férias do caraças. As mulheres trabalham mais do que normalmente. Cozinham que se fartam. O direito à privacidade ninguém quer ou ninguém pode exigir. Dante.

Bom assunto, de facto, no entanto acho que não há nada a acrescentar.



Já ao descer a Luz Soriano, um camarada alvitra um tema vagamente sociológico: — O que vão fazer as pessoas depois do Mundial.

Sim, o abismo da crise abriu-se sob os nossos pés. Cheios de meloas e melões.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Arceuro

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 12 DE JULHO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Machado pela voz de Mairena, pág. 2; Uma estória de Guimarães Rosa, pág. 3; O riso justiceiro de Eça, pág. 4 e 5; O excesso de incivilizáveis, segundo Fernando Pessoa, pág. 6 e 7; Tudo sobre dentaduras postiças, pág. 8

ANTÓNIO MACHADO FILÓSOFO EM VERSO E EM PROSA

ANTÓNIO MACHADO não foi só um grande poeta: foi também um filósofo original, bom conhecedor dos clássicos da filosofia, embaraçado de atribuir o seu pensamento, quando o expunha em forma literária, a personagens imaginárias (como Platão, aliás).

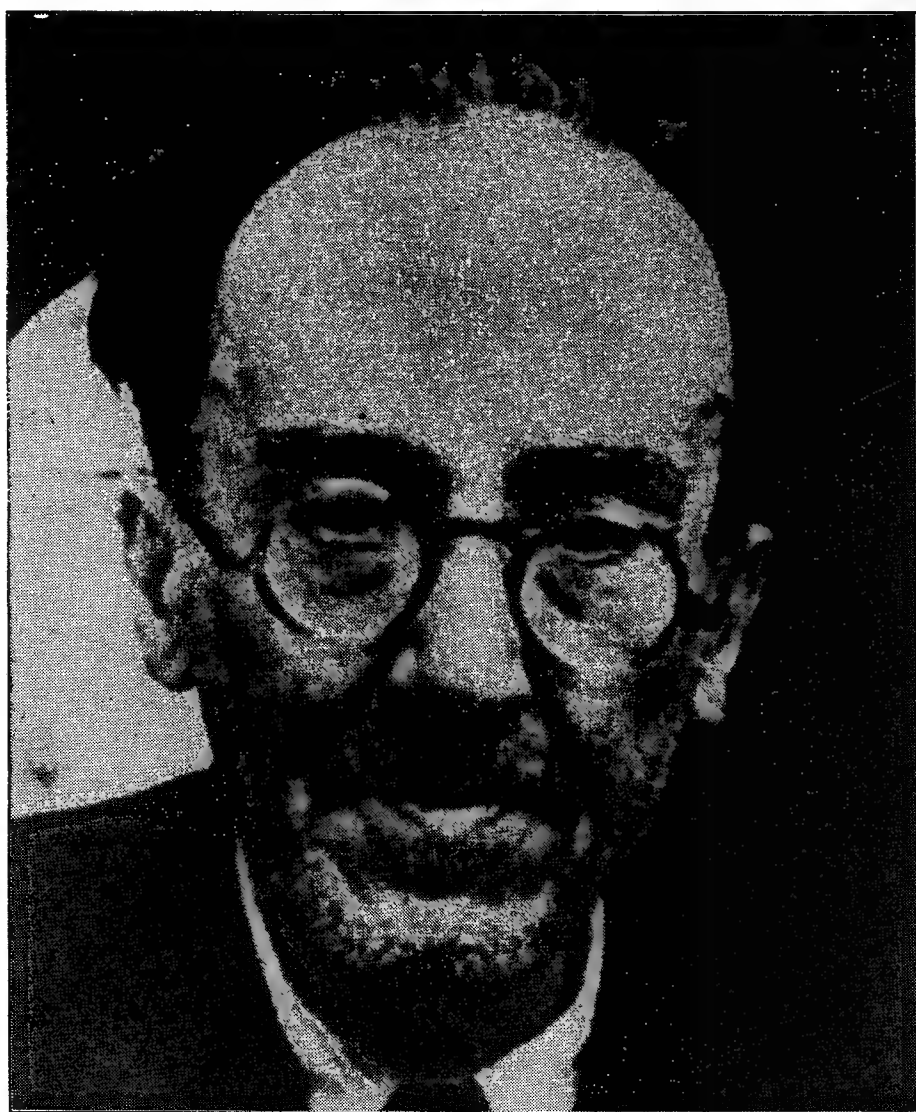
A mim me quer parecer que a parte mais interessante da filosofia de Machado é a estética, e nesta direcção só há provavelmente um artista contemporâneo que se lhe pode comparar, pela consistência conceptual do seu contributo: Herman Broch. O anti-intuicionismo, de par com uma poética polemicamente anti-simbolista, caracteriza a estética machadiana.

Para o poeta espanhol, a poesia pouco tem a ver com o imediatismo da intuição ou com o abstraccionismo do conceito intelectual e científico: é antes uma forma de conhecimento concreto, espécie de meditação que consegue inserir-se no fluir temporal da vida e do sensível. Na poesia «não é o puro intelecto que discorre, mas o bloco psíquico na sua totalidade, e as formas lógicas não são pontões ancorados no rio de Heráclito, mas ondas da sua própria corrente», escreve Machado no Juan de Mairena.

Muitos estudiosos propenderam a descobrir semelhanças e analogias entre o pensamento de Machado e o de Heidegger e outros dessa tendência tem sido contestada: em vez de se dar prioridade ao estudo da prosa filosófica, dá-se agora mais importância à análise da linguagem filosófica da sua poesia, como se esta viragem pretendesse rebater a tese que nega à poesia significado filosófico.

Temas como o do «nada», recorrentes na poesia de Machado (no soneto intitulado «Ao Grande Zero», por exemplo), facilitam aparentemente as aproximações existencialistas. Contudo, o próprio poeta, longe de atribuir ao «nada», ao «não ser», um sentido metafísico, relaciona esses conceitos com o tema da «razão» como negação do imediato. O problema tem certa importância porque implica a avaliação global das concepções de Machado, a valorização humanista e racionalista da sua obra: não é obviamente por acaso que a filosofia do grande poeta sevilhano se concentra nos temas da relação com o outro, da razão comunicativa e do sentimento de comunhão humana como condição de uma poesia nova, com raízes na desejada transformação social de sentido popular e antiburguês. Nos últimos anos da sua vida, já muito doente, Machado consagrou as derradeiras forças a essa transformação, defendendo activamente a República na guerra civil espanhola.

Afirmámos de entrada que Machado foi um filósofo original. Convirá, no entanto, não confundir a sua filosofia com a dos especialistas profissionais. Não nos ofereceu um «sistema», mas «dizeres» e «pensares» como estes: «Mis ojos en el espejo/son ojos que piensan que miran/los ojos con que los veo» ou «El adjetivo y el



nombre/remansos del agua limpia/son occidentes del Verbo/en la gramática lírica/del Hoy que será Mañana/y el Ayer que es Todavía».

Como que Aurora de Alborno, no prefácio à sua antologia da prosa de Machado (Cuadernos para el Diálogo, Madrid, 1971), «as meditações filosóficas têm um ponto de arranque em problemas intuídos antes pelo poeta, na sua poesia». Diríamos também que o filosofar machadiano é sempre um meditar não a partir de, mas sobre a poesia: «pensar poético, dentro do qual o ser se nos oferece com toda a sua rica heterogeneidade.» Pensar de todo alheio aos subjectivismos solipsistas, onde ao amor, por exemplo, é atribuída a qualidade de «sede metafísica do essencialmente outro».

A «outridade», na problemática de Machado e dos seus heterónimos Abel Martín e Juan de Mairena, é uma dimensão necessária à afirmação da «identidade», como o Nada é necessário ao Ser. E por aqui se vê que o filosofar, para o nosso poeta, não é actividade de luxo, puramente especulativa, a que o homem se pode dedicar ou não, mas algo necessário ao vigor e ao próprio desenvolvimento da existência humana. Esta, diz-nos Machado, não acontece: é decidida. A decisão pode ser simplesmente um deixar-se viver, um deixar correr o tempo ao de leve, sem cuidados nem interesses. Até isto

é sempre um escolher, um decidir. Por esta capacidade de decidir que o homem tem, pela sua possibilidade de actuar, ele é sempre mais do que aquilo que de facto é, e nisto consiste a sua existência, como se o que está fora (para além) de nós fosse o outro polo do nosso ser.

Não admira que Machado identifique a filosofia com a descrição concreta, quer dizer, poética, da possibilidade da existência; nem admira a importância metafísica que atribui ao erotismo, única hipótese de captar na consciência o que não tem limites, o que revela a inanição do ser sem o outro. O Eros machadiano é como Deus, e o Deus do poeta é como o Nada onde o homem contempla, em todas as suas modalidades e cambiantes, o ser heterogêneo: «Dicen que ele hombre no es hombre/mientas que no oye su nombre/de labios de una mujer./Puede ser.» Depois de um momento de reflexão introspectiva, pode cantar-se em coro, como sugere Aurora de Alborno.

Teorizando a poesia, define-se como «palavra no tempo» palavra que unifica a razão e a intuição, o mundo lógico e o mundo mágico, e que eterniza o momento vivo, colhido no que passa e não volta, no fluir irreversível do acontecer. No Diálogo entre Juan de Mairena y Jorge Meneses esse «tempo» da poesia aparece-nos claramente não só como «vital», mas também como «histórico»: «ninguém sente nada se não for com outro, com outros... porque não com todos?»

Mas se a poesia é «palavra no tempo», a essência do homem é a temporalidade. Não há «verdades eternas»: só no tempo o ser do homem é inteligível («caminante, son tus huellas/el camino, y nada más;/caminante, no hay camino,/se hace camino al andar»).

«Se hace camino al andar»... Na raiz do ser humano está um não-ser, razão e motivo do próprio ir sendo. Radicalmente afectada de negatividade, a existência humana necessita de aceitar a sua finitude para conquistar o próprio ser, isto é, precisa de contar com a morte e esperá-la.

A morte é outra das grandes preocupações filosóficas de Machado. Para o poeta, encarar a morte de frente, como o toureiro aguarda o touro, é adquirir superioridade sobre as coisas, exactamente porque aí se revela uma das máximas liberdades: a de aceitar por decisão voluntária a finitude e contingência da vida.

Sobre poesia e pensamento, o poeta-filósofo exprime-se com clareza meridiana, como no seguinte «dizer», recolhido para encerrar este artigo: «O intelecto jamais cantou, não é a sua missão. No entanto, serve a poesia assinalando-lhe o imperativo da sua essencialidade. Tão-pouco há poesia sem ideias, sem visões do essencial. Mas as ideias do poeta não são categorias formais, cápsulas lógicas: são directas intuições do ser em devir, do seu próprio existir. São, pois, temporais, nunca elementos ácrnos, puramente lógicos.»

Ernesto Sampaio

NUNCA, NADA, NINGUÉM

- do que nos ensombra, posto queantes nos é dado gozar a sombra da mão de Deus e meditar à sua fresca guarda, do que adormecer nela, como desejam as péssimas seitas dos místicos, tão justamente condenadas pela Igreja.

Antes me chegue, se me chega, o dia de dormir à sombra da tua mão...

Assim expressava o meu mestre um temor, de nenhum modo um desejo nem uma esperança: o temor de morrer e de se condenar, de definitivamente ser afastado da luz pela mão de Deus. Porque o meu pobre mestre teve uma agonia dura, trabalhosa e desconfiada - deve ter passado um mau bocado naquele transe a que aludiu Manrique - duvidando da sua própria poética,

Antes me chegue, se me chega, o Dia, a luz que vê, incriada

e porventura mais inclinado para o nirvana búdico do que esperançado no paraíso dos justos. A verdade é que tinha blasfemado muito. Contudo, deve ter-se salvo na hora derradeira, a avaliar pelo gesto extremo da sua agonia, que foi o de quem aceita facilmente a morte mesma e a sofre sem grande estardalhaço.

Mas antes de que o Dia, com ou sem maiúscula, chegue ou não chegue, há que reparar, não só em que toda a problemática do ser é obra do nada, mas também em que é preciso trabalhar, construir a partir do nada, posto que o nada se introduziu muito cedo nas nossas almas, e não há recordação infantil que não o contenha.

Alguns - acrescenta Mairena - atrevemo-nos a objectar ao mestre: «Sempre se disse que a divindade se revela no coração do homem, de cada homem, e que, deste ponto de vista, a crença em Deus é posição essencialmente individualista». O meu mestre respondeu: «É verdade que se tem dito isso, e não sem razões. Mas nunca se diz como Deus se revela ou aparece no coração do homem. E é esta a grave e terrível questão. Quando lerem o meu livro *Sobre a essencial heterogeneidade do ser* (1800 páginas de prosa cerrada e miudinha) hão-de começar a ver claro nesta questão. Por agora, basta-vos saber que toda a revelação no espírito humano - se entendermos por espírito a faculdade intelectual - é revelação do outro, o essencialmente outro, a incógnita de que ninguém se livra, não por ser inesgotável, mas por irredutível em qualidade e essência aos dados conhecidos, não já como o infinito perante o limitado, mas como o outro perante o um, como a posição inevitável de termos heterogêneos,

sem possível denominador comum. Deste ponto de vista, Deus pode ser a *alteridade transcendente* que todos visamos.

«Ovelado criador do nosso nada, um Deus dir-se-ia que voltado de costas, em quem todos comungamos, não cordial mas intelectivamente, o Deus aristotélico do qual dizemos que se pensa a si mesmo porque, na verdade, nada sabemos daquilo que pensa. Mas Deus revelado no coração do homem...» Palavras estas - observou Mairena - demasiado graves para uma aula de Retórica. Deixemos, não obstante, o meu mestre acabar, já que não era um retórico e nada aborrecia



tanto como a Retórica. «Deus revelado, desvelado, no coração do homem é uma outridade muito outra, uma outridade imanente, algo terrível, como o ver demasiado de perto a face de Deus. Porque é ali, no coração do homem, que se toca e se padece outra outridade divina, onde Deus se revela ao descobrir-se, ao mirarmos simplesmente, como um tu de todos, objecto de comunhão amorosa, que de nenhum modo pode ser um *alter ego* - o supérfluo não é pensável como atributo de Deus -, mas um *Tu que é Ele*».

Só o Nada, a grande dádiva da divindade, pode ser igual para todos. No seu domínio começa, e nele se consoma, o acordo possível entre os homens a que chamamos objectividade. Nele se inicia também a actividade especificamente humana do sujeito, que é, precisamente, o nosso pensar do Nada. Digamo-lo ainda de outro modo: Deus sacou o Nada do mundo para que nós pudéssemos sacar o mundo do nada, como já explicámos, ou pretendemos explicar, noutra ocasião.

ANTÓNIO MACHADO
(em Juan de Mairena)



Um Deus existente - dizia o meu mestre - seria algo terrível... Que Deus nos livre dele!

Nunca, nada, ninguém. Três palavras terríveis, sobretudo a última (Ninguém é a personificação do nada). O homem, contudo, enfrenta-as, e acaba por lhes perder o medo. Don Ninguém! Don José Maria Ninguém! O excelentíssimo senhor don Ninguém! Convém habituar-vos - recomenda Mairena aos seus discípulos - a pensar nele e imaginá-lo. Como exercício poético, não me ocorre nada melhor. Até amanhã.

Que da essência não se pode deduzir a existência, é para muitos, depois de Kant, verdade comprovada; que da existência tão-pouco se deduz necessariamente a essência - o que o ser é, supondo que o ser

seja alguma coisa - é convicção de quantos consideram mera aparência o mundo espaço-temporal. Se aprofundarmos estas duas crenças complementares, tão fecundas em argumentos de toda a espécie, topamos com uma fé inapelável da razão humana: a fé no vazio e nas palavras.

E onde vamos nós, aprendizes de poeta, com esta fé nihilista da nossa razão, no fundo do baú da consciência? Dir-nos-ão que a nossa atitude de poetas deve ser a do homem ingénuo, que não se coloca nenhum problema metafísico. O que estaria muito bem dito se não fosse a nossa ingenuidade de homens a colocarmos constantemente estes problemas.

E este era um dos caminhos, o puramente lógico, ou da redução ao absurdo da pura lógica, por onde o meu mestre chegava ao grande assombro do nada, tão essencial na sua poética. Porque o nada mais nos assombra - dizia o meu mestre, jogando um pouco com o vocábulo

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de

1 ANO	— 18 000\$00
6 MESES	— 9 000\$00
3 MESES	— 4 500\$00
1 MÊS	— 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00. • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

NÓS, OS TEMULENTOS

Entendem os filósofos que nosso conflito essencial e drama talvez único seja mesmo o estar-no-mundo. Chico, o herói, não perquiria tanto. Deixava de interpretar as séries de símbolos que são esta nossa outra vida de aquém-túmulo, tão-pouco pretendendo ele próprio representar de símbolo; menos, ainda, se exibir sob farsa. De sobra afligia-o a corriqueira problemática quotidiana, a qual tentava, sempre que possível, converter em irreabilidade. Isto, a pifar, virar e andar, de bar a bar.

Exercera-se num, até às primeiras dúvidas diplomáticas: — «Quando... — levantava doutor o indicador — ... quando eu achar que estes dois dedos aqui são quatro»... Estava sozinho, detestava a sozinhação. E arejava-o, com a animação aquecente, o chamamento de aventuras. Saiu de lá já meio proparoxtono.

E, vindo, não, pombinho assim, montado-na-ema, nem a calçada nem a rua olhosa lhe ofereciam latitude suficiente. Com o que, casual, por ele perpassou um padre conhecido, que retirou do breviário os óculos, para a ele dizer: — Bêbado, outra vez... — em pito de pastor: — ovelha. — É? Eu também... — o Chico respondeu, com, báquicos, o melhor soluço e sorriso.

E, como a vida é também alguma repetição, dali a pouco de novo o apostrofaram: — Bêbado, outra vez? E: — Não senhor... — o Chico retrucou — ... ainda é a mesma.

E, mais três passos, pernibambo, tapava o caminho a uma senhora, de paupérrimas feições, que em ira o mirou, com trinta espétos. — Feia! — o Chico disse; fora-se-lhe a galanteria. — E você, seu bêbado!? — megerizou a cuja. E, aí, o Chico: — Ah, mas... Eu?... Eu, amanhã, estou bom...

E, continuando, com segura incerteza, deu consigo noutra local, onde se achavam os copoanheiros, com método iam combeber. Já o José, no ultimato, errava mão, despejando-se o preciosíssimo líquido orelha adentro. — Formidável! Educaste-a? — perguntou o João, de apurado falar. — Não. Eu bebo para me desapaixonar... Mas o Chico possuía outros iguais motivos: — E eu para esquecer... — Esquecer o que? — Esqueci.

E, ao cabo de até que fora-de-horas, saíram, Chico e João empunhando José, que tinha o carro. No que, no ato, deliberaram, e adiar, e entraram, ora em outra porta, para a despedidosa dose. João e Chico já arrastando o José, que nem que a um morto proverbial. — Dois uísques, para nós... — Chico e João pediram — e uma coca-cola aqui para o amigo, porque ele é quem vai dirigir...

E — quem sabe como e a que poder de meios — entraram no auto, pondo-o em movimento. Por poucos metros: porque havia um poste. Com mais o milagre de serem extraídos dos escombros, salvos e sãos, os bafos inclusive. — Qual dos senhores estava na direcção? — foi-lhes perguntado. Mas: — Ninguém nenhum. Nós todos estávamos no banco de trás...

E, deixado o José, que para mais não se prezava, Chico e João precisavam vagamente de voltar a casas. O Chico, sinuoso, trambecando; de que valia, em teoria, entreafastar tanto as pernas? Já o João, pelo

sim, pelo não, sua marcha ainda mais muito incoordenada. — Olhe lá: eu não vou contar a ninguém onde foi que estivemos até agora... — O João predisse; epilogava. E ao João disse o Chico: — Mas, a mim, que sou amigo, você não podia contar?

E, de repente, Chico perguntou a João: —

qualquer rumo. E avistou um avistado senhor e com ele se abraçou: — Pode me dizer onde é que estou? — Na esquina de 12 de Setembro com 7 de Outubro. — Deixe de datas e detalhes! Quero saber é o nome da cidade...

E atravessou a rua, zupicando, foi indagar



João Guimarães Rosa

Se é capaz, dê-me uma razão para você se achar neste estado?! Ao que o João obtemperou: — Se eu achasse a menorzinha razão, já tinha entrado em lar — para minha mulher ma contestar...

E, desgostados com isso, João deixou Chico e Chico deixou João. Com o que, este penúltimo, alegre embora física e metafisicamente só, sentia o universo: chovia-se-lhe. — Sou como Diógenes e as Danáides... — definiu-se, para novo prefácio. Mas, com alusão a João: — É isto... Bêbados fazem muitos desmanchos... — se consolou, num tambaleio. Dera de rodear caminhos, semi-audaz em

de alguém: — Faz favor, onde é que é o outro lado? — Lá... — apontou o sujeito. • Ora! Lá eu perguntei, e me disseram que era cá...

E retornou, mistilíneo, porém, porém. Tá que caiu debruçado em beira de um tanque, em público jardim, quase com o nariz na água — ali a lua, grande, reflectida: — Virgem, em que altura eu já estou!... E torna que, se-soerguido, mais se ia a mais capengava, adernado: pois a caminho com um pé no meio-fio e o outro em baixo, na sarjeta. Alguém, o bom transeunte, lhe estendeu mão, acertando-lhe a posição. — Graças a Deus! — deu. —

Não é que eu pensei que estava coxo?

E, vai, uma árvore e ele esbarraram, ele pediu muitas desculpas. Sentou-se a um portal, e disse-se, ajuizado: — É melhor esperar que o cortejo todo acabe de passar...

E, adiante mais, outra esbarrada. Caiu: chão e chumbo. Outro próximo prestimou-se a tentar içá-lo. — Salve primeiro as mulheres e as crianças! — protestou o Chico. — Eu sei nadar...

E conseguiu quadrupedar-se, depois verticou-se, disposto a prosseguir pelo espaço o seu peso corporal. Daí, deu contra um poste. Pediu-lhe: — Pode largar meu braço, Guarda, que eu fico em pé sozinho... Com susto, recuou, avançou de novo, e idem, ibidem, itidem, chocou-se; e ibibibidem. Foi às lágrimas: — Meu Deus, estou perdido numa floresta impenetrável!

E, chorado, deu-lhe a amável nostalgia. Olhou com ternura o chapéu, restado no chão: Se não me abaixo, não te levanto. Se me abaixo, não me levanto. Temos de nos separar, aqui...

E, quando foi capaz de mais, e aí que o interpelaram: — Estou esperando o bonde... — explicou. — Não tem mais bonde, a esta hora E: — É? Então, por que é que os trilhos estão aí no chão?

E deteve mais um passante e perguntou-lhe a hora. Daí: Não entendo... — ingrato resmungou. — Recebo respostas diferentes, o dia inteiro.

E não menos deteve-o um polícia: — Você está bebaço borracho! — Estou não estou... — Então, ande reto nesta linha do chão. — Em qual das duas?

E foi de ziguezague, veio de zaguezigue. Viram-no, à entrada de um edifício, todo curubundo, tentabundo. — Como é que o senhor quer abrir a porta com um charuto? — É... Então, acho que fumei a chave...

E, hora depois, peru-de-fim-de-ano, pairava ali, chave no ar, na mão, constando-se de tranquilo terramoto. — Eu? Estou esperando a vez da minha casa passar, para poder abrir... Meteram-no a dentro.

E, forçando a porta do velho elevador, sem notar que a cabina se achava parada lá por cima, caiu no poço. Nada quebrou. Porém: — Raio de ascensorista! Tenho a certeza que disse: — Segundo andar!

E, desistindo do elevador, embriagatinhava escada acima. Pôde entrar no apartamento. A mulher esperava-o de rolo na mão. — Ah, querida! Fazendo uns pasteizinhos para mim? — O Chico se comoveu.

E, caindo em si e vendo mulher nenhuma, lembrou-se que era solteiro, e de que aquilo seriam apenas reminiscências de uma antiquíssima anedota. Chegou ao quarto. Quis despir-se, diante do espelho do armário: — Que?! Um homem aqui, nu pela metade? Sai, ou eu te massacro!

E, avançando contra o armário, e vendo o outro arremeter também ao seu encontro, assestou-lhe uma sapatada, que rebentou com o espelho nos mil pedaços de praze. — Desculpe, meu velho. Também, quem mandou você não tirar os óculos? — o Chico se arrependeu.

E, com isso, lançou; tumbou-se pronto na cama; e desapareceu de si mesmo.

João Guimarães Rosa
(Em Tutaméia)

História da vida privada

sob a direcção de Georges Duby e Philippe Ariès

VOLUME 3. Do Renascimento ao Século das Luzes



EDIÇÕES
AFRONTAMENTO

BRASIL E P



Bristol, 14 de Dezembro de 1880

Meu caro Pinheiro Chagas

Recebi o número do *Atlântico* contendo o seu excelente artigo — *Brasil e Portugal*. — Como hoje é domingo, chove, e eu não posso ir passear para debaixo das belas árvores do Severn, conversarei consigo um momento, aqui, ao canto do meu lume.

Evidentemente, porém, o homem que lhe escreve não é aquele que você há meses abraçava, inteiro e intacto, à esquina sagrada da Casa Havaneza; esse demoliu-o você, desmantelou-o com as três pesadas colunas do *Atlântico*, brandidas às mãos ambas num esforço entumecido de Sansão. Não conheço realmente, na história ou na legenda, exemplo de uma ferocidade igual, a não ser talvez a daquele centurião muito bárbaro, que nas litografias do Martírio de Santo Estêvão está arremessando com os dentes arreganhados um penedo horrível sobre o crânio aureolado do desventurado confessor...

Assim você me esmaga sob pedregulhos desproporcionados: — é a crítica histórica, a teoria científica do Meio, o Reverendo Bernardo de Brito. Darwin, a revolta do Maranhão, o General Madeira, a Casa Havaneza e o seu tabaco, as Molucas (pois todas as Molucas, Pinheiro Chagas?), Lord Wellesley, *nijahs* da Índia um a um, a Holanda e as suas colônias, Cochim e Cananor, o cadáver de Lord Mayo, a *emissão* de Newton, sinais algebricos, operações cabalísticas, a regra de três, os climas, as raças que são iguais a N. Pernambuco e o Universo!

E tudo isto arrojado sobre a minha

miserável carcaça — com arte, com eloquência, com luxos de atitude, com as elegâncias sábias de belo atleta!

Porque a hediondez da sua ferocidade não exclui, meu caro Pinheiro Chagas, a excelência do seu talento. Mas, sinceramente, você foi excessivo. Desde que recebi o seu *Brasil e Portugal*, de chofre, tenho estado ocupado em apanhar laboriosamente aqui e além, pelo chão, os pedaços de mim mesmo. Tão violentamente, porém, me despedaçou você, que não consigo reconstruir-me: não sei por exemplo onde pára a minha perna direita; falta-me todo um pedaço do fígado; e é apenas com dois dedos e meio que estou traçando estas regras...

Toda essa indignação, meu caro Chagas, foi provocada ao que parece (porque o caso é obscuro) por ter eu, segundo você proclama, «injurado e descomposto Portugal!».

De que modo pérfido e vilão? — Com duas frases que intercalei de comentário a um artigo do *Times* sobre o Brasil, traduzido na minha correspondência para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

Essas duas frases eram apenas duas afirmações históricas: a primeira — «que, nos fins do século passado e começos deste, Portugal se tinha tornado como uma colônia do Brasil»; a segunda — «que o nosso império do Oriente fora um monumento de ignomínia...».

De onde você conclui que eu insultei a minha pátria!

De onde eu concluo, meu caro Chagas, que você, apesar de habitar a Lisboa contemporânea de 1880, é realmente um velho personagem do século XVIII, com mais de 145 anos de idade, pintado por fora de uma cor natural de vida moderna, mas ressequido e pulverulento por dentro, que, tendo escapado milagrosamente aos anos e

às revoluções, anda agora entre nós representando os modos de pensar e de falar que caracterizaram a sociedade portuguesa do tempo da Senhora D. Maria I.

Você ainda se lembra que, nessas épocas piedosas, *criticar* era sinónimo de *injuriar*; em literatura só se admitia a Epístola Laudatória; e como comentário às coisas públicas, só se tolerava a Cantata. Quando o seu contemporâneo e amigo, o padre Macedo, achava mau um verso de Bocage — Bocage, como você decerto se recorda de lho ter ouvido no Nicola, declarava o padre Macedo um *bêbado*. E note que eu vou logo aos dois grandes homens do tempo; porque, nas camadas subalternas da plebe do Parnasso, o poetaastro atacado no seu estro ia fazer uma denúncia à Intendência da Polícia.

A crítica histórica não corria tais perigos. Não existia então entre nós. Mas se, nos belos tempos do senhor Intendente Pina Manique, tivesse aparecido um historiador como o sr. Alexandre Herculano ou o sr. Oliveira Martins — você (que tantas vezes cavaqueou com o grande Intendente pelos pátios dos conventos, e lhe conhecia bem a energia e a fibra) sabe perfeitamente que o sr. Martins ou o sr. Herculano teriam ido apodrecer para uma masmorra. E porquê? Justamente por terem «descomposto o País e insultado a pátria». Por isso, você, antigo amigo de Manique, seu colega de novena, acusa-me diante da opinião, exactamente com as mesmas palavras e justamente pelos mesmos motivos, com que teria formulado em 1801 contra um historiador um libelo da Intendência da Polícia!... Ah, meu caro Pinheiro Chagas, com o seu espírito e com a sua *verve*, como deve ser interessante, por uma noite de Inverno, ouvi-lo contar os casos desse tempo, da Lisboa do século XVIII, em que você floresceu — os celestiais encantos da *grade*, as comédias do Pátio-das-Arcas, os gorjeios da Caffarelli, as merendas, as procissões, e os dias gloriosos em que vocês entre açafatas e frades, de súcia com a negrinha anã D. Rosa e o senhor Arcebispo de Tessalónica, acompanhava a corte que ia caçar a Salvaterra!...

Olhe, isso que você publicou no *Atlântico*

tinha-o você já dito na véspera, à noite. Sabeaonde? Num sarau, em casa do senhor Marquês de Marialva — naquele sarau do tempo da Senhora D. Maria I, que tão admiravelmente descreve o Sr. Oliveira Martins no seu belo monumento a *História de Portugal*. Se eu sei até com quem você entrou! Foi com o Senhor Conde de Vila Nova; tinham vindo ambos de acompanhar o Viático com as suas opas vermelhas.

Apenas no salão você, meu caro Chagas, com o sapato de fivela em passo de minuete, foi saudar uma das meninas, *sécia* galante da época — e comparou-lhe os olhos negros a *duas figas de Cupido*. Isto foi julgado em redor lindamente mavioso. Mas você não pôde prosseguir — porque já o Policarpo, castrado da capela real, estava cantando ao cravo...

Depois a senhora Marquesa, batendo com o leque na mesa de xarão a seu lado, exclamou no silêncio:

— Lá vai *mote*!

E logo o nosso Chagas a glosar! E com que ternura, com que langor, o recompensaram dos requintes floridos do seu estro os dois belos olhos negros, as *duas figas de Cupido*! Começou então o voltarete do senhor Marquês. Você não foi admitido à partida do fidalgo: fez apenas um gamão subalterno com um monsenhor da Patriarcal. E pela sala, no entanto, iam sussurrando as conversações.

Discutia-se o processo de uma linda mulher de Alfama que comia crianças em salada: um desembargador aconselhou, para curar quartãs, pérolas que tivesse usado a Rainha, moídas em pó: falou-se da escandalosa aparição de Belzebu no convento do Sacramento de Alcântara: e uma dama contou do judeu que dera uma dentada na perna do Senhor dos Passos da Graça!...

Isto arrepiou de horror. E foi então que você, Pinheiro Chagas, disse, depois de se pitadear com gozo:

— Mas há pior! Há pior!...

— Pior que a dentada? Não, ninguém podia acreditar que houvesse pior!

E você, pausado e grave, narrou o meu nefando caso: um herege, um jacobino, um traidor comprado pelo ouro do Brasil, tinha escrito que Portugal fora uma colônia



A sala de trabalho de Eça em Neully

erário

PORTUGAL

brasileira, e que houvera horrores na nossa dominação da Índia!...

Fez-se na sala um silêncio trágico. As sécias apavoradas encolheram-se contra os monsenhores. De comovido, o herdeiro ilustre da casa de Angeja perdeu a vaza. E os morrões das tochas pareceram mais tristes...

O sr. prior de S. Julião esgazeando o seu olho de coruja, exclamou a tremer:

— E o monstro ainda não está no Santo Ofício?

— Trago-o de olho, meu Reverendo, disse você, severo. E hei-de ir falar ao Manique...

Ciciou então pelo sarau um suspiro de alívio. A sociedade estava salva! Chagas velava.

Já em baixo tilintavam os guizos das liteiras. Saiu-se. E foi você que, chegando-se ao senhor Arcebispo de Tessalônica, e querendo resumir numa palavra todo o mundo de palavras e de ideias que se agitara nesse sarau, o esplendor intelectual que aí brilhava e para que você concorresse — disse respeitosamente ao prelado:

— Portugal é pequenino, mas é um torrãozinho de açúcar.

E sua Eminência replicou, depois de arrotar:

— Tem você razão, brigadeiro Chagas.

Brigadeiro, sim! Brigadeiro do tempo da senhora D. Maria I! O último brigadeiro patriota!

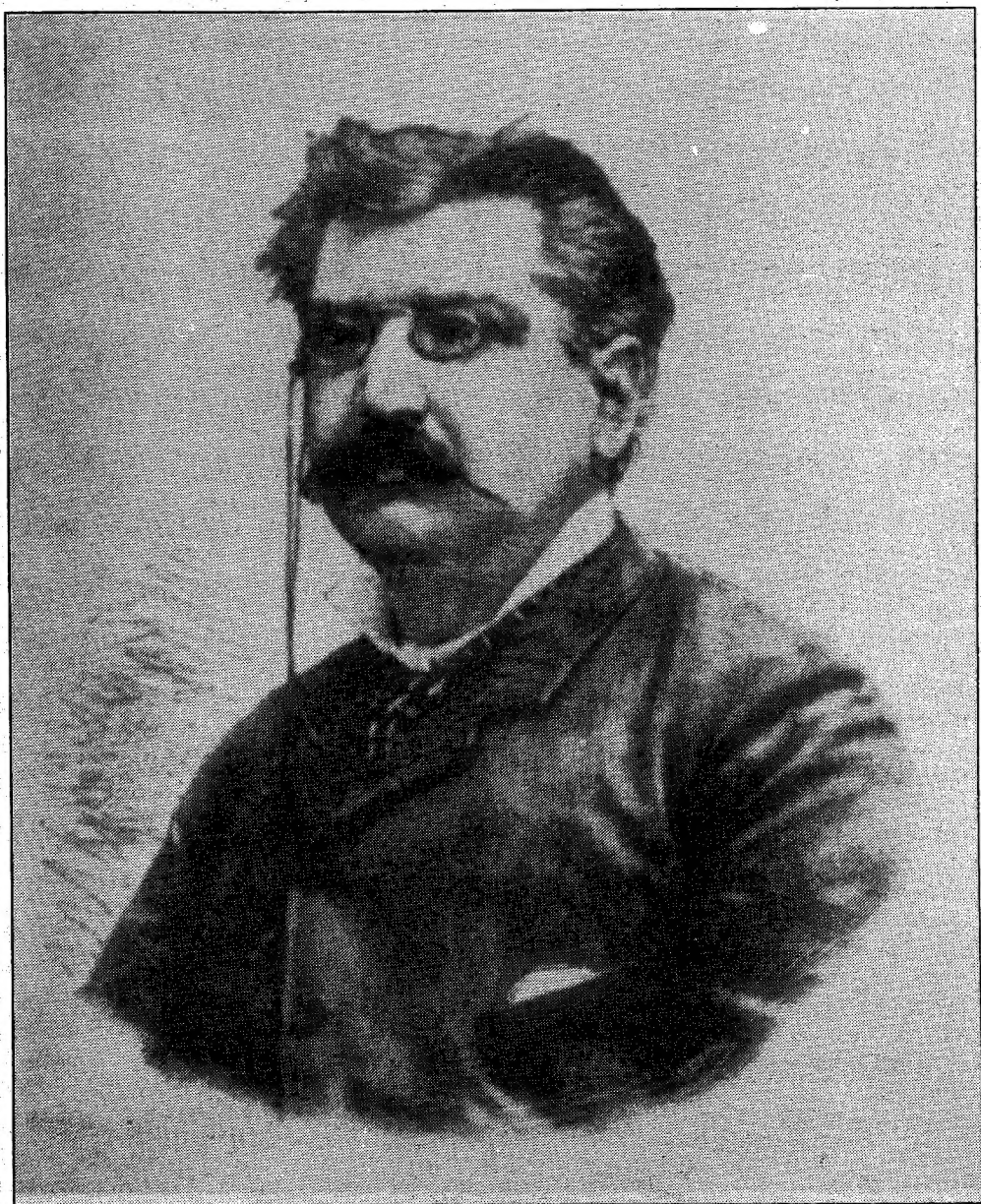
Você lembra-se do tipo? Eram aparatosos e formidáveis; tinham estado no Roussillon; nas festas de família, noivado ou dia de anos, eram eles que se erguiam à sobremsa e com uma lágrima no bigode, batendo sobre o coração, falavam do velho Portugal! Possuíam opiniões; e não compreendiam que o Estado fizesse outra coisa senão espantear os louros de Arzila, nem que o pensamento passasse além das maravilhas da Nova Castro. Decrépitos, comandando três veteranos num forte, ainda todas as manhãs, depois da sua genebra, batiam furiosamente com a bengala nas lajes, e queriam tragar o mundo. Excelentes almas! Deixavam sempre dinheiro a uma sobrinha, e sabiam deitar fundinhos nuns calções. Odiavam o pedreiro livre: atribuíam-lhe todos os males da pátria; e, para eles, fazer

a crítica histórica do passado era ofender as glórias da nação! — Você é o último desta nobre raça.

Bem sei, bem sei o que o meu caro Chagas me vai dizer: «E os meus livros? Os meus trabalhos? As minhas opiniões liberais? A minha democracia?...»

Eh, meu caro Pinheiro Chagas, os seus livros ninguém os admira mais do que eu! E folgo dizê-lo aqui. Vejo-o há mais de dez anos na brecha, lutando, forçando violentamente o romance, o drama, o verso, a crítica, a história — e enche-me de respeito uma vida moça, agitada assim de um vasto labor intelectual. Talvez eu ache, com as minhas «detestáveis teorias», como você diz, que, nessa produção rica e exuberante, a parte artística (que não é menos valiosa) esteja um pouco concebida fora da realidade e da experiência social. Mas isso é um detalhe. A verdade é que toda a sua obra vai atravessada por um forte e harmonioso sopro de eloquência e que a veia que ali corre é larga, límpida, e bela. A sua verve fumegante, a sua imaginação delicada e engenhosa, deram-lhe já um grande, um nobre lugar, na história literária de Portugal; e o seu saber, a sua palavra de orador, que acende e revolve, destinam-no a ter em breve um lugar, maior ainda, na sua história política. Mas isto, meu caro amigo, não impede que você, como patriota, seja um brigadeiro.

E o curioso é que você tornou-se brigadeiro (ninguém o nasce) com as intenções mais belas e mais generosas. Como todo o espírito activo e ambicioso, quando você começou a sua carreira desejou distinguir-se e destacar da geração sua contemporânea por uma originalidade forte. Isto é nobilíssimo: nada mais miserável do que sair da escola e ir logo tomar um lugar servil na fila balante dos carneiros de Panurgo. Por isso você, para se orientar, olhou em redor. E o que viu? Um espectáculo triste: uma mocinha arrasada e céptica, descrente de si mesma e do país, ignorando a tradição e escarnecendo as instituições, queixando-se da falta de tudo e não tratando de se prover de coisa nenhuma, odiando o solo em que nascera, a língua que falava, a educação que recebera, amuada dentro desse ódio estéril, como



Pinheiro Chagas, "Sempre este homem fatal"

um mocho dentro do seu buraco, e de facto tão alheia à pátria e ao seu génio como se tivesse sido importada de França, em caixotes, pelo paquete do Havre! Isto era suficiente para indignar um coração elevado como o seu. Mas, além disso, você imediatamente compreendeu que no meio de tal geração, de tal mocidade, de tal literatura, a alta originalidade, o grande relevo estaria nisto — *ser patriota*. Desde esse momento você possuía a sua especialidade, a sua nota individual, o seu campo próprio a cultivar — o *patriotismo*. E com que sofreguidão, meu caro Chagas, você se apoderou dessa mina de ouro! Pudera! É que o *patriotismo* seria daí por diante para si não só uma doutrina, mas um assunto! Assunto para drama, para ode, para folhetim, para discurso, para grito, para solução! Enfim, o *patriotismo* era a sua magnífica carreira.

Carreira original — e para que você se preparou com uma sinceridade, um labor, uma dedicação que o honram.

Outro qualquer ter-se-ia contentado em folhear um livro de história para colher aqui e além datas ou nomes de batalhas. Você, não. Você encerrou-se dentro da História, como Caceres Magno, revolvendo o pó dos antepassados, procurando penetrar-se da nobre fé que os fez grandiosos, dormindo com as façanhas do condestável Nun' Álvares debaixo do travesseiro, para surpreender e poder imitar as palpitações daquele puro coração do herói. *In-folios*, códices, manuscritos, memórias, forais, crônicas — tudo você absorveu. Mil vezes você passou e repassou, como diz Michelet, o *sombrio rio dos Mortos*. Dia a dia, reviveu todo o passado épico. E enfim, uma hora chegou em que você decerto se considerou digno de ter recebido em Sagres, nalguma véspera de partida de caravelas, as confidências sublimes do Infante D. Henrique.

Então você abriu de par em par as portas do santuário em que até aí se encerrava: e adiantando-se para o público, com a mão sobre o peito, soltou o seu grito patriótico!

Mas, ó surpresa! Quando você, eu, todos imaginávamos que o público ia erguer-se

arrebatado, gritar numa aclamação: — *Eis um grande patriota!* — o público deixou-se ficar sentado e disse simplesmente: — *Eis um belo brigadeiro!*

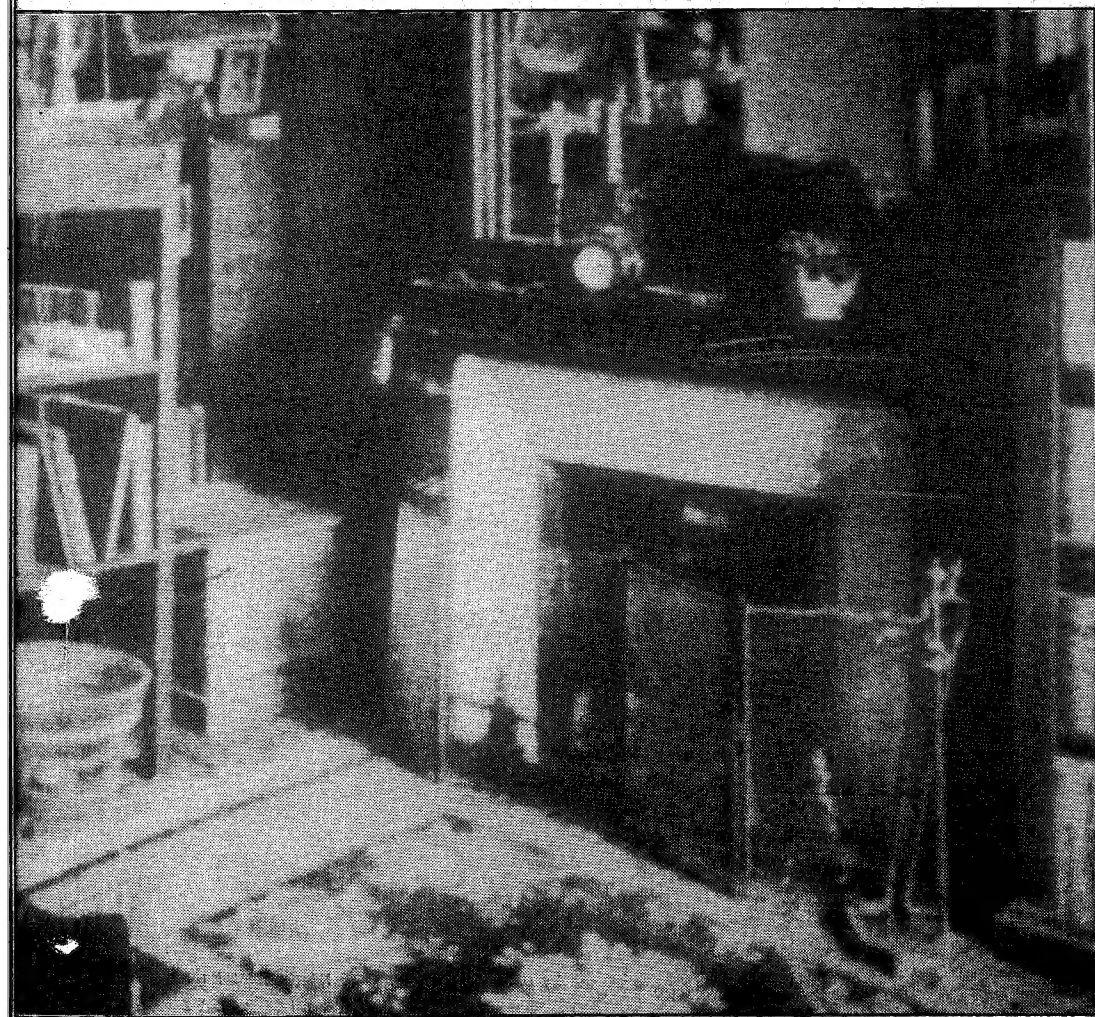
É um desastre medonho, bem sei, e ninguém o lamenta mais do que eu. Mas confessemos, meu caro Chagas, que a coisa era prevista. Quando nesta nossa idade, que marcha para o futuro com a faiscante velocidade de um expresso, nesta idade em que o feito da véspera fica logo tão para trás como a queda de Tróia, e em que o herói de ontem, apenas morto, se torna logo tão vago como o mesmo Ajax — um homem que nos venha falar de Cochim e de Cananor, que reproduza as basófilas honrosas, mas obsoletas do patriotismo de Jacinto Freire de Andrade, que nos agarre pelas abas da sobrecasaca para que fiquemos a chorar com ele o desastre de Alcácer Quibir — um tal original, no meio de uma sociedade que o não compreende, termina por parecer alguma coisa de defunto, de arcaico, de desenterrado, um verdadeiro brigadeiro do tempo da Senhora D. Maria I, que a Morte esqueceu e que erra por entre nós aturdido, como uma coruja na luz.

O seu plano de ser patriota, caro Chagas, era sublime e fecundo. Sabe aqui o seu erro? Que em lugar de apoiar o seu patriotismo nas forças vivas da nação, inspirando-se delas, para as ajudar a dirigir, você foi apoiá-lo sobre o pó dos heróis mortos, tornando-o assim desde logo seco.

O seu patriotismo, em vez de ser de utilidade pública, era apenas de curiosidade arqueológica. Você não estivera tirando da História uma forte lição de moral; recortara lá simplesmente pitorescos casos de guerra e de armada. Não trazia um programa para o movimento social das gerações futuras — apenas uma recapitulação sonora de façanhas vetustas. Esperava-se um revelador de verdade, apareceu um cronista de mosteiro.

Por isso o público exclamou: — *Eis um belo brigadeiro!* E não foi bastante severo. Deveria talvez ter dito: — *Eis um bonito Sebastianista!*

(In Notas contemporâneas)
Eça de Queiroz



O EXCESSO DE CIVILIZAÇÃO DOS INCIVILIZÁVEIS

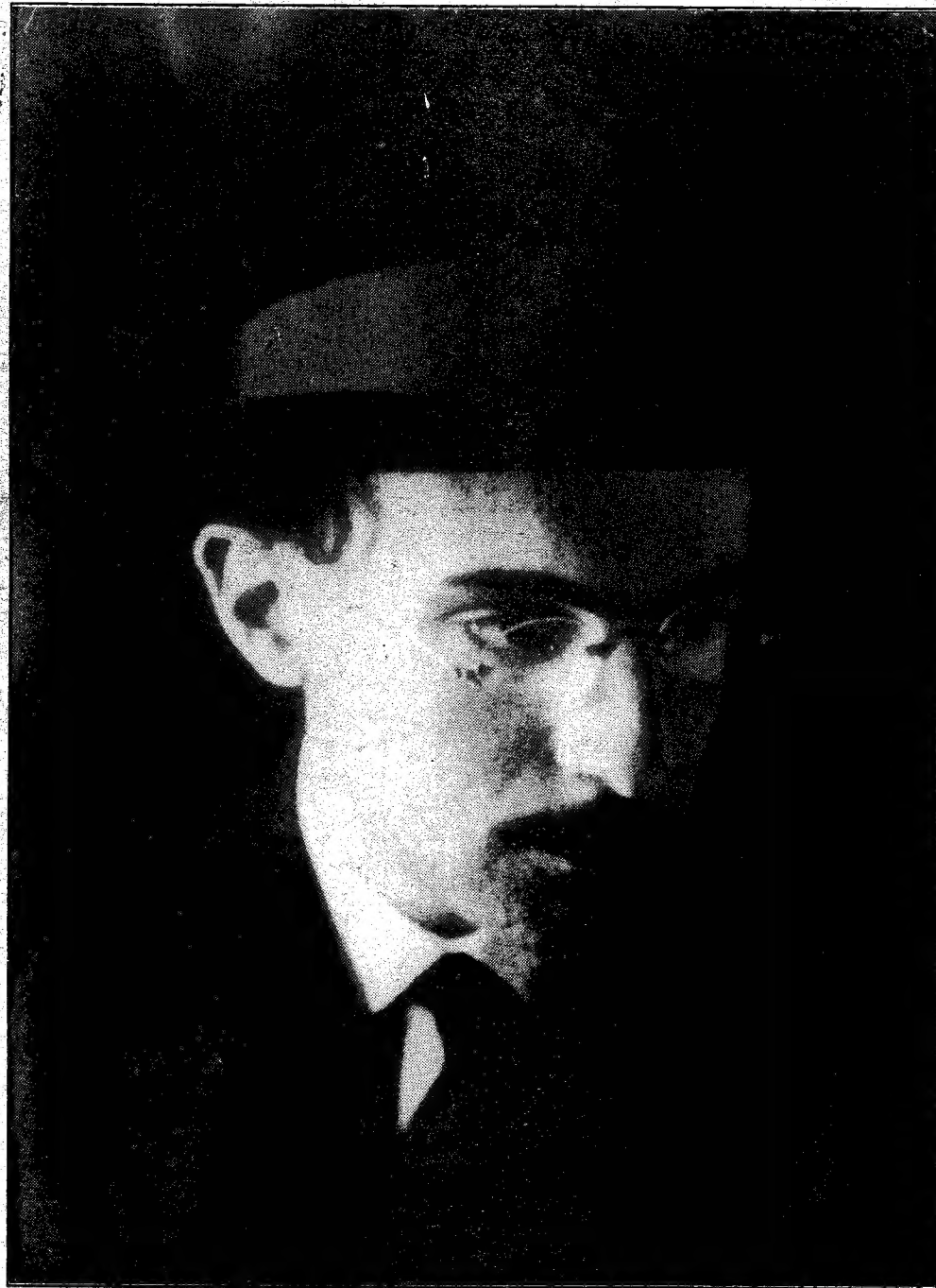
- Que pensa da nossa crise? Dos seus aspectos - político, moral e intelectual?

- A nossa crise provém, essencialmente, do excesso de civilização dos incivilizáveis. Esta frase, como todas que envolvem uma contradição, não envolve contradição nenhuma. Eu explico.

Todo o povo se compõe de uma aristocracia e de ele mesmo. Como o povo é um, esta aristocracia e este ele mesmo têm uma substância idêntica, manifestam-se, porém, diferentemente. A aristocracia manifesta-se como indivíduos, incluindo alguns indivíduos amadores; o povo revela-se como todo ele um indivíduo só. Só colectivamente é que o povo não é colectivo.

O povo português é, essencialmente, cosmopolita. Nunca um verdadeiro português foi português: foi sempre tudo. Ora ser tudo em um indivíduo é ser tudo; ser tudo em uma colectividade é cada um dos indivíduos não ser nada. Quando a atmosfera da civilização é cosmopolita, como na Renascença, o português pode ser português, pode portanto ser indivíduo, pode portanto ter aristocracia. Quando a atmosfera da civilização não é cosmopolita - como no tempo entre o fim da Renascença e o princípio, em que estamos, de uma Renascença nova - o português deixa de poder respirar individualmente. Passa a ser só português. Passa a não poder ter aristocracia. Passa a não passar. (Garanto-lhe que estas frases têm uma matemática íntima.)

Ora um povo sem aristocracia não pode ser civilizado. A civilização porém não perdoa. Por isso esse povo civiliza-se com o que pode arranjar, que é o seu conjunto. E como esse conjunto é individualmente nada, passa a ser tradicionalista e a imitar o estrangeiro, que são as duas maneiras de não ser nada. É claro que o português com a sua tendência para ser tudo, forçosamente havia de ser nada de todas as maneiras possíveis. Foi neste vácuo de si-próprio que o português abusou de civilizar-se. Está nisto, como lhe disse, a essência da nossa crise. As nossas crises particulares proce-



dem desta crise geral. A nossa crise política é sermos governados por uma maioria que não há. A nossa crise moral é que desde 1580 - fim da Renascença em nós e de nós na Renascença - deixou de haver indivíduos em Portugal para haver só portugueses. Por isso mesmo acabaram os portugueses nessa ocasião. Foi então que começou o português à antiga portuguesa, que é mais moderno que o português, e é o resultado de estarem interrompidos os portugueses. A nossa crise intelectual é simplesmente o não termos consciência disto.

Respondi, creio, à sua pergunta. Se V. reparar bem para o que lhe disse, verá que tem um sentido. Qual, não me compete a mim dizer.

- Que pensa dos nossos escritores do momento, prosadores, poetas, e dramaturgos?

- Citar é ser injusto.

Enumerar é esquecer. Não quero esquecer ninguém de quem não me lembre. Confio ao silêncio a injustiça. A ânsia de ser completo leva ao desespero de o não poder ser. Não citarei ninguém. Julgue-se citado quem se julgue com direito a sê-lo. Ressalvo assim todos. Lavo as mãos como Pilatos; lavo-as, porém, inutilmente, porque é sempre inutilmente que se faz um gesto simplificador. Que sei eu do presente, salvo que ele é já o futuro? Quem são os meus contemporâneos? Só o futuro o poderá dizer. Coexiste comigo muita gente que vive comigo apenas porque dura comigo. Esses são apenas os meus conterrâneos no tempo; e eu não quero ser bairrista em matéria de imortalidade. Na dúvida, repito, não citarei ninguém.

- Estaremos em face de uma Renascença espiritual?

- Estamos tão desnacionalizados que devemos estar renascendo. Para os outros povos, na sua totalidade eles-próprios, o desnacionalizar-se é o perder-se. Para nós que não somos nacionais, o desnacionalizar-se é o encontrar-se. Apesar dos grandes obstáculos à nossa regeneração - estamos no início de tornar a começar a existir. Chegámos ao ponto em que colectivamente estamos fartos de tudo e individualmente fartos de estar fartos. Extraviámo-nos a tal ponto que devemos estar no bom caminho. Os sinais do nosso ressurgimento próximo estão patentes para os que não vêem o visível. São o caminho de ferro de Antero a Pascoas e a nova linha que está quase construída. Falo em termos de vida metálica porque a época renasce nestes termos. O

símbolo, porém, nasceu antes dos engenheiros.

Nada há a esperar, é certo, das classes dirigentes, porque não são dirigentes; e ainda menos da proletariagem, porque ser inferior não é uma superioridade. Com razão lhes chamei eu, a estes, *subgente*, num artigo da antiga «Águia» - da «Águia» que voava. Só a burguesia, que é a ausência da classe social, pode criar o futuro. Só de uma classe que não há pode nascer uma classe que não há ainda. Seja como for, avancemos confiadamente. Todos os caminhos vão dar à ponte, quando o rio não tem nenhuma.

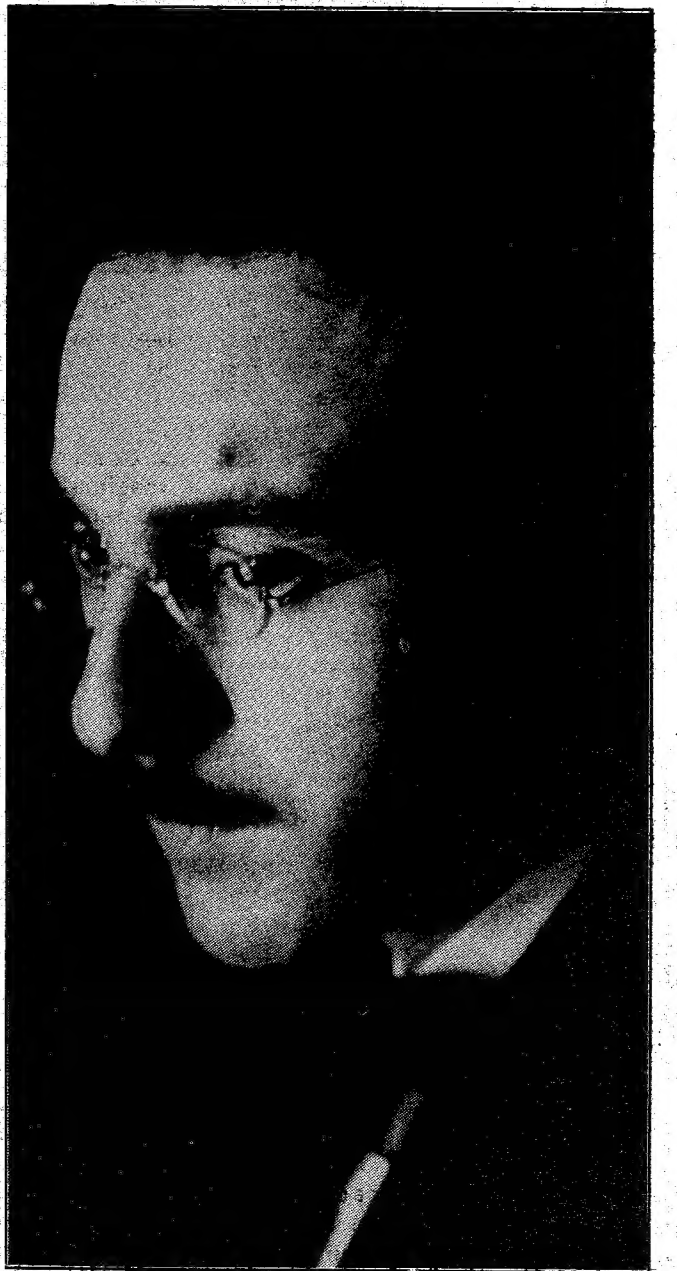
- O que se deve entender por arte portuguesa? Concorde com este termo? Há arte verdadeiramente portuguesa?

- Por arte portuguesa deve entender-se uma arte de Portugal que nada tenha de português, por nem sequer imitar o estrangeiro. Ser português no sentido decente da palavra, é ser europeu sem a má-criação

de nacionalidade. Arte portuguesa, será aquela em que a Europa - entendendo por Europa principalmente a Grécia antiga e o Universo inteiro - se mire e se reconheça sem se lembrar do espelho. Só duas nações - a Grécia passada e Portugal futuro - receberam dos deuses a concessão de serem não só elas mas também todas as outras. Chamo a sua atenção para o facto, mais importante que geográfico, de que Lisboa e Atenas estão quase na mesma latitude.

- O regionalismo na literatura e na pintura?

- O regionalismo é uma degeneração gordurosa do nacionalismo, e o nacionalismo também. E como o nacionalismo é antiportuguês (sendo bom, cá no Sul, só para os povos latinos e ibéricos), o regionalismo em Portugal é uma doença do que não há. Amar a nossa terra não é gostar do nosso quintal. E isto de quintal também tem interpretações. O meu quintal em



literário



Lisboa está ao mesmo tempo em Lisboa, em Portugal e na Europa. O bom regionalismo é amá-lo por ele estar na Europa. Mas quando chego a este regionalismo, sou já português, e já não penso no meu quintal. (O facto de o meu quintal ser inteiramente metafórico não diminui a verdade de tudo isto: Deus, e o próprio Universo, são metáforas também.)

- Teriam existido em toda a nossa história literária períodos de criação?

- O nosso único período de criação foi dedicado a criar um mundo. Não tivemos tempo para pensar nisso. O próprio Camões, não foi mais que o que esquecer fazer. «Os Lusíadas» é grande, mas nunca se escreveu a valer. Literariamente, o passado de Portugal está no futuro. O Infante, Albuquerque e outros semideuses da nossa glória esperam ainda o seu cantor. Este poderá não falar deles; basta que os valha em seu canto, e fala-

rá deles. Camões estava muito perto para poder sonhá-los. Nas faldas do Himalaia e Himalaia é só as faldas do Himalaia. É na distância, ou na memória, ou na imaginação que o Himalaia é a sua altura, ou talvez um pouco mais alto. Há só um período de criação na nossa história literária: não chegou ainda.

- Continuará sendo o lirismo a nossa feição literária predominante?

- Há duas feições literárias - a épica e a dramática. O lirismo é a incapacidade comovida de ter qualquer delas. O que é ser lírico? É cantar as emoções que se têm. Ora cantar as emoções que se têm faz-se até sem cantar. O que custa é cantar as emoções que se não têm. Sentir profundamente o que se não sente é a fórmula de almirante da inspiração. O poeta dramático faz isto directamente; o poeta épico fá-lo indirectamente, sentindo o conjunto da obra mais que as partes dela, isto é, sentin-

do exactamente aquele elemento da obra mais que as partes dela, isto é, sentindo exactamente aquele elemento da obra de que não pode haver emoção nenhuma pessoal, porque é abstracta e por isso impessoal. Fomos esboçadamente épicos, seremos inviolavelmente dramáticos. Fomos líricos quando não fomos nada. O lirismo só continuará sendo a nossa feição predominante se não formos capazes de ter feição predominante.

- O que calcula que seja o futuro da raça portuguesa?

- O quinto Império. O futuro de Portugal - que não calculo, mas sei está escrito já, para quem saiba lê-lo, nas trovas do Bandarra, e também nas quadras de Nostradamus. Esse futuro é sermos tudo. Quem, que seja português pode viver a estreiteza de uma só personalidade, de uma só nação, de uma só fé? Que português verdadeiro pode, por exemplo, viver a estreiteza estéril do catol-

icismo, quando fora dele há que viver todos os protestantismos, todos os credos orientais, todos os paganismos mortos e vivos, fundindo-os portuguêsmente no Paganismo Superior? Não queiramos que fora de nós fique um único deus! Absorvamos os deuses todos! Conquistámos já o Mar: resta que conquistemos o Céu, ficando a terra para os Outros, os eternamente Outros, os Outros de nascerça, os europeus que não são europeus porque não são portugueses. Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em falar ainda alguma coisa! Criemos assim o Paganismo Superior, o Politeísmo Supremo! Na eterna mentira de todos os deuses, só os deuses todos são verdade.

Fernando Pessoa
(entrevista concedida à Revista portuguesa, de Vítor Falcão, n.º 23-24, de 13 de Outubro de 1923)

• LIVROS SELECIONADOS
• RARIDADES BIBLIOGRÁFICAS



NÃO COMPRE SEM NOS VISITAR,
NÃO VENDA SEM NOS CONSULTAR

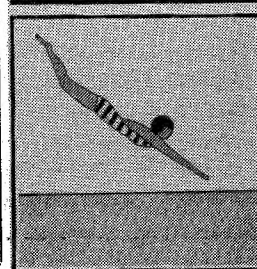
PEÇA CATÁLOGO

LIVRARIA ACADÉMICA

RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 10
TELEFONE 2 59 88

4000 PORTO

PORTUGAL



NÃO dê saltos
em locais
que desconhece

O CLUBE DAS DENTADURAS POSTIÇAS

Devido à instabilidade política actual, ao protecção de que gozam certas classes injustamente favorecidas, à perseguição incompreensível de que somos vítimas, nós, dentaduras postiças, decidimos agrupar-nos num clube que, oculto sob denominação aparentemente inofensiva, pudesse opor-se às surdas maquinações da rede internacional de governos.

Sabendo que na Alemanha, por exemplo, o seguro social apenas cobre sobre o chumbo simples e tratamentos menores, que na Suécia, país em que o nível de vida é considerado notável, a medicina socializada cobra em média dez coroas por dente chumbado, imediatamente se conclui quanto as dentaduras postiças se encontram desprotegidas. Se os dentes semipodres pagam pouco, os inexistentes, «Boca Vaga», não beneficiam de qualquer vantagem. Talvez porque uma placa é um objectivo insólito, chocante, revolucionário, mesmo quando perfeitamente adaptado ao seu cenário natural: a boca do utente. Artefacto impopular, aristocrático, fora da corrente geral.

Tomámos, em consequência, diversas decisões. Dentre elas, a de não menor importância é a de introduzir os nossos agentes secretos de reivindicações (A.S.R.) nos hotéis três estrelas, quer como clientes quer entre o pessoal. Um ex-ministro finlandês, cujos dentes ignobilmente são atestam o seu desinteresse pela nossa causa, foi a primeira vítima escolhida pelo clube para testemunhar o poder do C.D.P. e dar fé dos intuitos que nos movem.

G.L., agente da agremiação em Pistóia, encoberto sob a falsa identidade de corretor de valores petrolíferos, alojou-se no mesmo hotel que o ex-ministro.

Após entabular relações com esta personagem, cujo sorriso insolente causava apreensões a G.L. (visto que através dele parecia demonstrar arrogantemente haver descoberto as intenções do nosso militante) este último decidiu executar o plano determinado pelo comité directivo. Analisou uma vez mais o referido plano à luz da sua «weltanschauung» e passou uma revisão ao aparelho fornecido pelo C.D.P.

G.L. - sua competência.

Nos primeiros tempos do terrorismo em Trípoli, G.L., habitante dessa cidade, depressa se apercebeu de quanto as convulsões sociais eram propícias ao desenvolvimento das suas capacidades e à conquista de uma dentadura. Burocrata menor do dominador estrangeiro, nunca tivera oportunidade de substituir o seu apodrecido aparelho mastigatório por qualquer máquina como as que todos nós actualmente utilizamos. A revolução sugeriu-lhe a ideia (que nos transmitiu, como neófito que nessa data era da organização) de proceder à recuperação e armazenagem dos milhões de dentes que a incúria do exército colonialista estupidamente desperdiçava. Porém a moral vigente jamais permitiu que agíssemos declaradamente. Foi-nos forçoso criar as equipas de recuperação (E.R.) que a publicidade nefasta da imprensa diária tão cinicamente atacou. Estas E.R., actuando veladamente, procuravam obter informações prévias sobre locais de recontros entre forças revolucionárias tripolitanas e destacamentos do exército ocupante. Após o recíproco massacre, os militantes das E.R., munidos de aparelhagem adequada (botiões eléctricos, alicates recurvos, chaves apropriadas, frascos para embalagem e conservação) procediam à necessária colheita, auxiliados pela indiferença geral, pela noite e por uma desatenção das autoridades fortemente sub-

vencionada pela tesouraria do C.D.P.

A recolha decorre desta forma:

Colocado o cadáver (indistintamente masculino ou feminino, adulto ou infantil) de face virada à lua, o operador introduz entre os maxilares do morto a «chave de abertura»; em seguida a «tenaz de manutensão», segurando firmemente as maxilas, mantém-nas no maior ângulo de abertura possível (para os leigos a nomenclatura desta ciência aplicada - ciência que é uma arte também, - não é tão facilmente compreensível quanto parece). A fase seguinte consiste no afrouxamento praticável, devido aos riscos infecciosos, o cadáver putrefacto é ainda o que oferece melhores condições para a extracção. Infelizmente só raríssimos casos nos permitem aguardar o conveniente estado de putrefacção, o qual nos facultaria experiências concludentes se pudéssemos usar os corpos corrompidos com a frequência indispensável.

Reduzida a persistência dentária, os botiões eléctricos finalizam a tarefa inicial procedendo suavemente ao arranque dental. A colheita, enviada para os nossos laboratórios, é submetida a diversas operações cujo objectivo evidente é o de criar um banco dentário de múltiplas disponibilidades apto a satisfazer as necessidades dos membros do C.D.P.

Demos, neste interregno, um breve panorama da coisa.

Actualmente possuímos processos mais rápidos e simples que os utilizados em

Trípoli. Além do aperfeiçoamento mecânico atingido, fomos imensamente bafejados pela sorte nestes últimos anos com o crescente número de fogachos bélicos espalhados pelo orbe, os quais nos fornecem amplo campo de manobra e caudalosa fonte de matéria-prima. Só no Vietname obtivemos para cima de 500 000 exemplares em óptimo estado.

G.L. foi o criador, o cérebro, a alma deste engenhoso meio de prover o clube dos meios necessários à sua subsistência. Por isso o designado para a difícil «Operação Helsínquia», cuja narração segue, depois desta curta digressão informativa.

O ex-ministro finlandês, cativado pela conversação espirituosa da G.L. e atraído pelas considerações de entretenimento vário com que tanto valorizava o tempo gasto nas refeições tomadas em comum, deixara somnolear qualquer suspeita que em seu seio obrigasse. G.L. rivalizava em sorrisos afectuosos com H. (por óbvias razões se oculta sob esta inicial a identidade do ex-ministro). A dentadura do imaginativo agente C.D.P., fabricada com os despojos tripolitanos, fazia empalidecer a rebrilhante armadura mandibular de H. Assim demonstrava ele quanto o artífice supera, quando perfeitamente elaborado, a cega e arbitrária natureza.

Entretanto chegou o dia D para a acção em Pistóia.

- Que dia maravilhoso! - exclamou H, enquanto G.L. se instalava para iniciarem juntos o almoço



*Acepipes variados
Sopa de legumes
Lombos de lagosta à marroquina
Pato mexicano
Fruta
Doce de beringelas, sonhos de Pistóia, café,
conhaque*

- nada como o céu de Itália para nos abrir o apetite. Ah! E esta frescura, este rejuvenescimento contínuo dos... das... de...

- De facto assim é. Vivo em Pistóia há cerca de seis anos e cada manhã constitui para mim a renovação de um surpreendente milagre de beleza. Já leu as últimas notícias? Sabe que o presidente Suk foi operado?

A operação do chefe do estado O adenoma da próstata

O adenoma da próstata é muito frequente nos indivíduos com mais de cinquenta anos. É fácil de diagnosticar. Os sintomas que apresenta inicialmente constituem sobretudo em dificuldades de micção. O adenoma prostático negligenciado pode dar origem a várias espécies de complicações. Uma são os acidentes de retenção urinária crónica ou aguda. Outras, podem traduzir-se por uma hematúria ou uma afecção urinária por vezes limitada à bexiga, mas noutros casos atingindo as ramificações urinárias e os rins.

Os tratamentos médicos do adenoma prostático não são muito eficazes. Consistem principalmente em medidas de higiene e em certos cuidados que têm como finalidade evitar a constipação ou embaraço intestinal. O sedentarismo e os excessos alimentares devem ser evitados. Foram já aplicados tratamentos hormonais utilizando hormonas femininas com certo êxito, todavia limitado. O único tratamento curativo da hipertrofia da próstata é a ablação cirúrgica, a qual se pode fazer em duas intervenções. A primeira consiste numa cistostomia de derivação, isto é, na introdução de uma sonda na bexiga, que contacta directamente com o tecido; logo que a infecção urinária foi julgada, procede-se à ablação propriamente dita do tumor benigno da próstata.

Em certos casos o adenoma prostático exige uma intervenção de urgência, a qual deve ser praticada sempre que exista retenção urinária aguda completa.

A ablação do adenoma prostático é uma operação benigna cujas consequências, na era dos antibióticos, são geralmente bastante satisfatórias.

O governo manteve secreta a doença, a fim de evitar os maneios da oposição neste período eleitoral; o partido não deixaria de tirar partido dos receios infundados da população sobre o estado de saúde de Suk.

G.L. introduziu dissimuladamente na boca o aparelho ejector. H, confiante, saboreava os fumegantes nacos de pato mexicano quando, subitamente, G.L. expeliu de jacto a sua dentadura, cujos dentes estavam bem fincados num pedaço de carne. A carne, com a dentadura agarrada, tombou estrepitosamente no prato de H, salpicando o ex-ministro de gordura e sujando a toalha.

G.L., com a esferográfica que retirou do bolso do colete, escreveu num pequeno rectângulo de cartolina que entregou ao atônito e esverdeado finlandês:

Advertência C.D.P.

Manuel de Castro

Munique, Abril de 1964